REVISTA DA SEMANA

N. 16 17-4-54 Cr$ 5,00

A MODA DE PARIS

des

NO HOTEL G

A Cena Muda!

10 PÁGINAS EM CÔRES!

Segredos da Tela!

Cinema Brasileiro

Curiosidades e "Close-ups"

Pré-Estréias

Novela das Imagens

Teatro Rádio Ballet

Discos

Preço Cr$ 4,00. - Redação: Maranguape, 15. - Rio. - A venda em todo o país

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 16 ★ 17/4/1954

SUMÁRIO

Quem dá mais pelo tesouro de Faruk? 4/ 7
Tudo pode acontecer em Cannes durante o festival 8/11
Haya de La Torre 12/13
Black-tie e bicarbonato 14/17
A sinfonia do trânsito carioca 22/23
Uma só bomba de hidrogênio 30/31
Talento e formosura de Elsie Lessa .. 37/39
O velho leão ainda ruge 40/41
A moda de Paris desfila 50/57

Minha avó e seu baú 19
Por êsse mundo de Deus 20/21
Por que não morar no Rio 26/27
Paris elege o «pois» 32/35
Conversa de mulher 42/43
O Brasil fora da barra 45
Último flash 58

Capa:
ELISABETH THREATT
(R.K.O.)

- Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
- Assistentes .... HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
- Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
- Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR, S. L. GUIMARAES, A. MENDES, S. SANT'ANA e A. NÓBREGA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor .... GRATULIANO BRITO
- Assistente .... RENATO DE ALENCAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Telefone: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.



BELEZAS ANÔNIMAS E CONSAGRADOS TALENTOS SE MISTURAM EM CANNES

NA PRAIA MAIS CARA DO MUNDO, O DESFILE DO CINEMA INTERNACIONAL

● Abril é sinônimo de primavera (lá do outro lado do mundo); e primavera em Cannes significa, antes de tudo, chuva de celebridades, celeiro de gente famosa, desfile daqueles que já conquistaram a admiração do mundo, ou daqueles outros, aspirantes à consagração, que esperam impacientemente ser revelados e descobertos. Tudo isso se concretiza e se resume na atmosfera do «Festival de Cinema» que, todos os anos, atrai para a capital da Côte d'Azur o que de melhor existe no «écran» internacional. Diante do mar azul, sob as palmeiras ondeantes, apertados entre a montanha e o Mediterrâneo, estendidos na praia mais cara do mundo, «estrêlas» e «starlets», «astros» e talentos anônimos se misturam numa só massa e se confundem num mesmo espetáculo de inteligência e beleza. O leitor terá uma idéia melhor de como está sendo êste ano o Festival Internacional de Cinema, em Cannes, lendo a completa reportagem que publicamos nas páginas 8 e 9. Não apenas lendo, mas vendo principalmente — e vendo coisas assim como a amostra que estampamos na foto ao alto, um instantâneo da «estrêla» francesa Anne-Marie Nensen, uma das candidatas à fama.

O mais fantástico leilão de todos os tempos

QUEM DÁ MAIS PELO TESOURO

CONTA-SE que em 1941, quando as tropas vitoriosas de Rommel já avistavam os subúrbios da Alexandria, Hitler mandara perguntar a Faruk (quase seu aliado) o que desejaria da Inglaterra quando ela fôsse definitivamente vencida. Faruk teria respondido: «A coleção de selos de Jorge VI». O seu pedido — é evidente — não pôde ser satisfeito; e até o dia 22 de julho de 1952, quando foi derrubado por Naguib e pelo coronel Abdel Nasser, o monarca do Egito sempre lamentou não ser o dono da mais rica coleção de selos do mundo.

O fato, porém, é que o adiposo descendente dos ptolomeus abandonou no seu palácio de Kubbeh, no Cairo, uma coleção filatélica que ainda hoje é considerada a terceira do mundo, só perdendo para a já citada, a que pertenceu ao falecido rei Jorge VI, e para aquela que foi de um outro morto ilustre. o presidente Roosevelt. O rumo da guerra não permitiu que Faruk recebesse de Hitler o presente desejado. Em compensação, chegou-lhe às mãos, ninguém sabe como, o bastão de comando do general Brauchitsh, uma magnífica obra de ourivesaria que fôra uma oferta pessoal do «fuehrer» ao então votiorioso cabo de guerra.

UM LEILÃO COMO NUNCA HOUVE

Tanto a coleção de selos, como o bastão de Brauchitsh encontram-se agora no palácio de Kubbeh, no Cairo, devidamente catalogados e à espera ambos de que algum colecionador de fortuna os arremate — nesse que está sendo o mais grandioso leilão dêste século.

Mas Faruk, quando de sua precipitada fuga a bordo do «Maroussha», o iate de luxo que foi obrigado a devolver ao Estado, não deixou em seus quatro palácios (dois em Cairo e dois em Alexandria) sòmente aquêles «souvenirs». Deixou muito mais — um conjunto de jóias, ourivesaria, coleções de porcelanas, grupos completos de prataria, ouro em barra e mil objetos outros cujo valor total ainda não foi devidamente calculado. Sabe-se, contudo, que os pertences que o ex-rei não pôde levar consigo montam a vários milhões de dólares.

Cinco vastos salões do palácio de Kubbeh, na capital do Egito, abrigam agora os objetos confiscados a Faruk e que foram postos em leilão. Um enorme catálogo, mandado confeccionar pelo atual govêrno egípcio, arrola as peças do complexo tesouro que poderão ser arrematadas. O leilão, que foi iniciado no dia 12 de fevereiro último, com o pregão da coleção de selos do ex-monarca (arrematada por nove colecionadores norte-americanos e cinco de outros países), se prolongará até começos de abril — podendo-se, assim, calcular a enorme

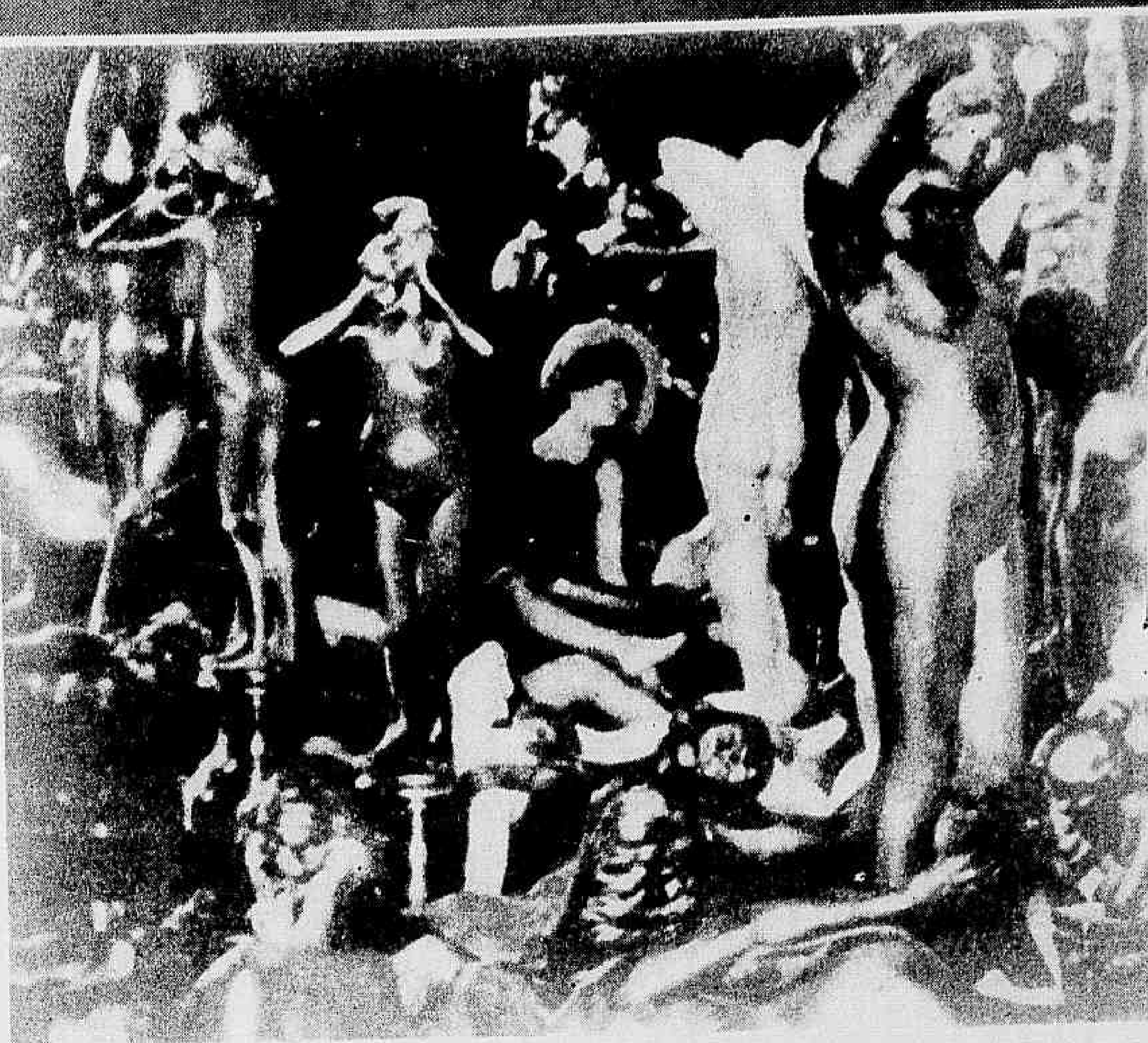


DE FARUK?

quantidade de objetos que estão sendo apregoados.

ALGUNS MISTÉRIOS

Várias preciosidades se destacam, no catálogo, pelo seu valor raro ou pelos seus antecedentes históricos. Entre elas, por exemplo, vamos encontrar uma tabaqueira «Neumer», de ouro e cravejada de diamantes, que pertenceu a Frederico, o Grande, e em cuja tampa encontra-se a seguinte inscrição: «Pertenci a Frederico, o Grande; Frederico Guilherme doou-me a seu filho Alberto, e eu devo continuar para sempre na sua família». Outra preciosidade rara é a coleção de relógios suíços fabricados no século XVIII, verdadeiros engenhos da relojoaria do passado. Um dêstes relógios está montado sôbre uma pistola: quando se aperta o gatilho, desabrocha no cano uma flor de lótus, e de suas pétalas sai, volátil, uma aura perfumada.



Centenas de estatuetas nuas e dezenas de quadros os mais crus, além de fotografias obscenas, constituíam o grosso da «erótica» de Faruk. O general Naguib mandou retirar a «erótica» do leilão que está tendo lugar no Cairo.

COLECIONADORES (E ATÉ MESMO GOVERNOS) DO MUNDO INTEIRO DISPUTAM AS FANTÁSTICAS RIQUEZAS ACUMULADAS PELO ENXUNDIOSO E DEBOCHADO EX-REI DO EGITO ★ O PÚDICO GENERAL NAGUIB MANDOU RETIRAR DO LEILÃO AS OBSCENIDADES (PINTURAS, ESTÁTUAS E FOTOGRAFIAS) DA INCRÍVEL «COLEÇÃO ERÓTICA» ★ DURARÁ CÊRCA DE TRÊS MESES O LEILÃO NO PALÁCIO DE KUBBEH

Reportagem de F. RIBEIRO

A coleção de moedas que pertenceu a Faruk é igualmente considerada uma das mais ricas do mundo inteiro. Basta dizer que nela se acha, como agora se sabe, a moeda de ouro de 20 dólares que há tanto tempo o govêrno norte-americano procurava. Como se sabe, em 1933 o presidente Roosevelt mandou que se cunhasse uma certa quantidade dessas moedas, para fins de pagamento simbólico a personalidades que tivessem prestado relevantes serviços ao país. Mas o plano não foi adiante — e logo em seguida uma nova ordem presidencial mandava que as referidas moedas fôssem recolhidas ao tesouro. Apenas nove haviam sido cunhadas; das nove, oito foram recuperadas. Da nona nunca mais se soube notícia — até que, em agôsto de 52, foi ela localizada na coleção de Faruk... Como a moeda extraviada teria chegado às mãos do ex-rei do Egito? Não se sabe, como também se ignora de que maneira o bastão de comando de Brauchitisch apareceu um dia no palácio de Kubbeh.

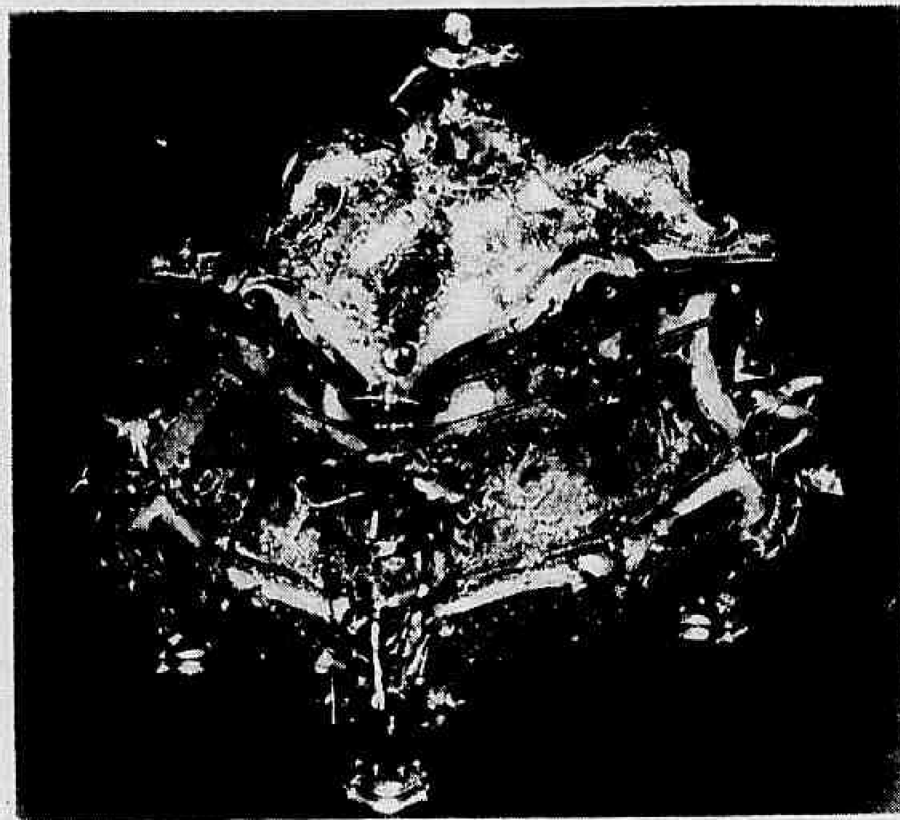
O REI MUÇULMANO BEBIA COMO UM ATEU...

Dos 570 automóveis que Faruk deixou nas garages dos seus quatro palácios, mais da metade dêles já foi vendida. Outros, distribuídos entre os diversos órgãos públicos; uma parte retirada de circulação, por imprestável. Um dos carros encontrados na garage do luxuoso palácio de Ras-el-Tin, na maravilhosa «Corniche» de Alexandria, era uma Lincoln que dispunha de tudo: de leito, telefone, mesa para escrever e mais uma pequena geladeira; seus vidros e

Na foto à esquerda, um oficial do Exército egípcio examina os inúmeros vasos contendo drogas afrodisíacas e excitantes armazenados por Faruk e encontrados num dos subterrâneos do palácio de Kubbeh, no Cairo.



Belo porta-perfumes, todo de ouro e cravejado de diamantes.



Porta-jóias de ouro maçiço e brilhantes, considerado uma das peças mais ricas da coleção de Faruk.

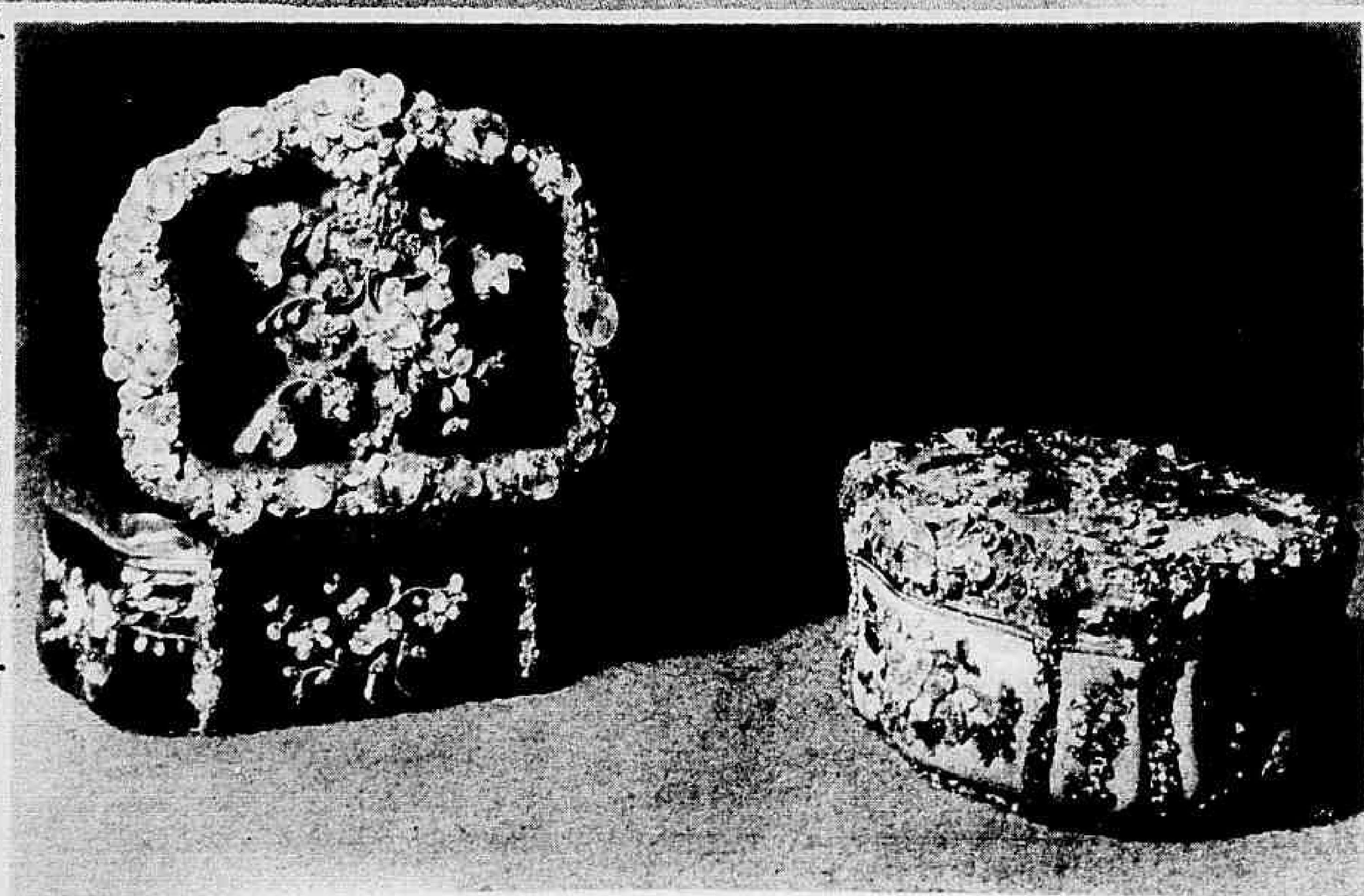


Caixa de música do século XVII, em ébano, com belas miniaturas em porcelana, também foi levada à hasta.

Primeiros selos aéreos emitidos pelo Egito, em 1928. Um colecionador italiano arrematou-os por 200 milhões de liras (por cada um...).



Esta é a tabaqueira «Neuber» que pertenceu a Frederico, o Grande, e que ninguém sabe como veio parar às mãos de Faruk. O govêrno egípcio pretende devolvê-la à família Hohenzzorlen.



QUEM DÁ MAIS...

sua carroçaria eram à prova de bala — e dela se servia Faruk nas suas viagens pelo país.

Uma grande parte do espólio de Faruk não pode, contudo, ser posta em leilão, por inconveniente: referimo-nos à sua «coleção erótica», igualmente tida como a mais completa do mundo. Abrange ela 232 estatuetas pornográficas, 112 quadros do mesmo gênero, além de uma gigantesca coleção de fotografias as mais obscenas, que o rei debochado recebia de tôdas as partes da Terra.

Também num dos subterrâneos do palácio de Kubbeh, no Cairo, foram localizados cinco cofres fortes que, ao serem abertos, revelaram uma ofuscante fortuna em lingotes de ouro, objetos de arte, moedas antigas egípcias e estrangeiras e — incrível revelação! — centenas de frascos e caixas contendo drogas afrodisíacas. Numa outra dependência do mesmo subterrâneo achou-se uma adega repleta de bebidas alcoólicas de tôdas as marcas mundiais, particularmente reservas fartas de vinho francês engarrafado há trinta e quarenta anos. A descoberta do estoque de bebidas no palácio de Kubbeh indignou particularmente a população egípcia, pois é sabido que a religião muçulmana proíbe terminantemente que os seus adeptos provem qualquer bebida alcoólica.

300 ANOS DE CADEIA PARA FARUK

Encontrávamo-nos no Cairo (quatro meses após o golpe de Naguib-Nasser) quando o jornal «El Misri» («O Egito»), tido como porta-voz do novo govêrno egípcio, publicou uma lista de delitos cometidos por Faruk. Entre as várias dezenas de acusações feitas ao rei deposto, destacam-se estas:

— sonegação de impostos no valor de quatro milhões de dólares;

— acusado de ter depositado em bancos estrangeiros valores e dinheiro num total de 70 milhões de libras egipcianas;





Um dia antes do início do leilão, o general Naguib foi ver de perto os tesouros confiscados a Faruk. Na foto acima, êle aparece examinando, com a ajuda da lâmpada de uma máquina fotográfica, uma seção da coleção de moedas do ex-rei.

— acusado de ter provocado os motins de janeiro de 1950, quando grande parte do centro do Cairo foi incendiada pela população ante as vistas complacentes da polícia. (Objetivo de Faruk provocando aquêles incidentes: enfraquecer o gabinete «wafdista» que estava no poder e que tentava contrariar os seus desejos);

— de ter declarado guerra a Israel sem consultar os comandantes militares e quando as fôrças armadas do país se encontravam em crise de homens e de armamento;

— a de ter favorecido a compra de armas obsoletas e descalibradas que, na guerra da Palestina, nada puderam fazer contra um inimigo provido de armas modernas e potentes.

De vários outros delitos por contumácia e roubo Faruk é ainda acusado; e um jornalista italiano calculou que se o ex-rei do Egito fôr condenado por todos êles, terá de passar perto de 300 anos na cadeia.... E isto se escapar da fôrca.

À direita: Faruk deixou no seu palácio de Alexandria perto de mil gravatas; muitas delas ostentavam desenhos de mulheres nuas. À esquerda: uma parte dos quadros de nus femininos, «obras de arte» que não serão apregoadas.





ESTA É SIMONE SILVA, brasileira que ocupou o noticiário dos jornais em virtude de ter posado para um fotógrafo com busto inteiramente nu. E' uma forma de publicidade, mas nós preferimos cobri-la com um suéter.

TUDO PODE ACONTECER EM CANNES DURANTE O FESTIVAL

SIMONE SILVA — MULHER FATAL BRASILEIRA, QUE FOI EXPULSA POR SE DEIXAR FOTOGRAFAR EM POSES AUDACIOSAS

TODOS os anos, em março, realiza-se o famoso Festival Internacional de Cinema em Cannes. Celebridades de tôdas as partes do mundo ali comparecem com seu prestígio e suas mágicas canetas-tinteiro para distribuir autógrafos. Mulheres riquíssimas com riquíssimas «toilettes» e jóias, preferem expor ao sol a exuberância de seu corpo dentro de reduzidíssimos biquinis. Nos bailes e coquetéis, alguns romances são iniciados e finalmente impressos em letras de fôrma. É no meio de intrigas e festejos, alguns filmes são exibidos. Prêmios são conquistados. Sereias anônimas, lá fora, ficam à espera de produtores, na esperança que lhe contratem as pernas para mostrarem o rosto. Ou vice-versa. Sorrisos, abraços, aplausos. Entre um drinque e outro, trocam-se elogios. Às vêzes fecham-se alguns contratos de caráter internacional. E às vêzes uma jovem mais audaciosa dá um lance mais sensacional em busca de uma publicidade escandalosa: foi o caso de jovem brasileira Simone Silva, que posou, ao lado de Robert Mitchum, com o busto inteiramente nu. Resultado: Mitchum foi perdoado pela espôsa e Simone, inteiramente desconhecida, foi expulsa do Festival. Mas outros festivais estão aí e novas oportunidades virão. Até lá, é só pensar num piano um pouco mais decente. (Fotos Keystone).



[illegible] FUJIKAGE graciosa japonesinha, deu um toque oriental ao Festival Internacional [illegible]. Tôdas as manhãs praticava uma dança típica da terra, para não perder o hábito. Fêz muito sucesso.



JEAN MARAIS é muito solicitado pelas fãs e a todo instante tem de autografar fotografias. Ainda bem que conseguiu arranjar uma escrivaninha humana, marca Janet Scott, fabricação inglêsa.



LUCIA SIMONI, italiana que defende o padrão das Pampaninis e Lollobrigidas. Passou grande parte do tempo dedicando-se às flores. Não lhe foi dicil arregimentar grande número de fãs. Masculinos.



ARLENE DAHL chegou depois de ter iniciado o Festival. Ainda assim, não largou uma curiosa rêde, com a qual passava parte do tempo pescando na ilha de Sainte-Marguerite, próximo de Cannes.



GINA LOLLOBRIGIDA compareceu ao Festival. Andava sempre de óculos escuros, mas era fàcilmente reconhecida. Principalmente quando parava para comprar cravos brancos, suas flores preferidas.

a SEMANA em REVISTA

CARTAZES

OS CAUSÍDICOS

● *Vencidos os paraguaios e, portanto, lavada a honra dos nossos jogadores, cabisbaixos e meditabundos desde os insucessos de Lima, a "torcida" deixou, momentâneamente, de pensar no Baltazar ou no Veludo para se entregar, de corpo e alma, ao julgamento do Tenente Bandeira, indigitado assassino do bancário Afrânio de Lemos. Foi uma multidão postar-se à porta do tribunal, invejando a sorte dos que conseguiram penetrar na sala do júri, e ficou outra multidão, maior ainda, de ouvido à escuta para o que ia dizendo o rádio, à medida que os acontecimentos se desenrolavam no gramado, digo, no tribunal. A maioria não entendia bem o que se passava, ou não queria entender, preferindo agir como se a coisa fôsse um jôgo esportivo qualquer. E, para não perder o hábito, começou a fazer apostas e bolos. Uns eram a favor da promotoria, outros da defesa, enquanto que outros ainda, ficavam nos bolos sòmente, profetizando escores para o pronunciamento do júri: 5x2 pela absolvição, 7x0 pela condenação, 4x3 êste, 6x1 aquêle.*

No rádio, que por sinal não irradiava o julgamento, mas a opinião dos presentes, eram, a tôda hora, anunciados os prognósticos. Nos intervalos os diversos locutores faziam o cartaz uns dos outros.

— Senhores ouvintes, vamos passar o microfone para Fulano de Tal, que está aqui trabalhando conosco há vinte horas ininterruptas, num grande esfôrço da nossa emissora. Fulano, mesmo esgotado fisicamente, vai substituir-nos alguns momentos. O fulano substituía, realmente, mas sòmente para falar no seu antecessor:

— Obrigado, Cicrano. Você, que está aqui conosco desde o princípio, sabe muito bem o quanto nos custa o esfôrço inaudito da mais informativa das emissoras.

Alguém, que teve a paciência de contar, informou-nos que os locutores, entre oito horas da manhã e a hora em que terminou o julgamento, disseram a palavra "causídico" mais de duzentas vêzes, usando o sinônimo "advogado" apenas umas cinquenta. Descobriram a palavra "causídico" e usaram e abusaram dela. Não com o intuito de difundí-la, mas sòmente por vício, tal qual os que irradiam futebol. É preciso mostrar aos ouvintes uma certa importância e, assim sendo, tomem palavras e explicações empoladas. Futebol, puro futebol, quando a irradiação é cheia de truques. Se um camarada está com a bola e dá-lhe um ponta-pé em direção ao "goal", o locutor aproveita para brilhar mais que o atleta, e informa:

— Fulano com a bola. Travou, faz que vai. Parou outra vez, trocou de pé. Pererequeia, patina na jogada. Agora sim, vai arremessar. Prepara o petardo. Pimba, partiu a bomba. Defesa do arqueiro. Faltou volume.

Teatro

● A primeira revista de após carnaval surgiu no palco do Teatro Follies, em Copacabana, para onde volta o empresário Zilco Ribeiro. Chama-se, lamentàvelmente, «Doll Face», mania de Zilco de botar nome estrangeiro em seus espetáculos. Mas com «Doll Face» ou qualquer outro nome, a nova revista do Follies vem provar que está em plena ascenção o nível artístico dos espetáculos musicados, tão comprometidos, até bem pouco, pelas «elviras» e «del guegos».

Zilco, usando o trio que lançou com tanto êxito (Pituca-Consuelo Leando-Rui Cavalcanti) entrega-lhe a parte cômica e, dando mostras de que não dá bola para o cartaz das vedetes, dispensou dona Virgínia Lane (que pedira um absurdo para continuar na companhia) e lança duas vedetes ainda no comêço da carreira, ou sejam, Carmem Verônica e Sílvia Fernanda, ambas antigas coristas do elenco de Carlos Machado e que o citado empresário não soube ou não quis aproveitar. Tanto Carmem quanto Sílvia impressionam favoràvelmente à platéia, estando, não menos bem, a argentina Fernanda Villamayor, Rosemarie Sulquer e Sônia Mamede, esta a mais desembaraçada das três, pelo menos nesta oportunidade.

No mais, há o transformista Ivaná, que naturalmente agrada aos apreciadores do gênero, o coreógrafo e bailarino Norbert, desta vez com uma companheira a altura: Dina Nova, primeira bailarina do Colon de Buenos Aires, segundo os porta-vozes de Zilco Ribeiro. Doll Face, em resumo, é um espetáculo digno de ser visto, ainda mais porque, nota-se nos autores (o próprio Zilco e Mário Meira Guimarães) a preocupação de mostrarem cenas picantes às vêzes, é certo, mas nunca pornográficas.

Ballet

● Para participar das comemorações do centenário do velho Conde Matarazzo, os Matarazzos vivos mandaram buscar em Londres a dançarina e coreógrafa Ana Ricarda e os primeiros bailarinos Oleg Briansky e Jocelyn Vollmar. Chegando em São Paulo um pouco antes do carnaval, Ana Ricarda começou logo os ensaios para a montagem de um «ballet» e quadros vivos, conseguindo aiįda alguns elementos do Rio, como Berta Rozanova, David Dupré e Denis Grey.

Apesar do tempo escasso para ensaios, pois o espetáculo realizou-se no dia 9 do corrente, Ana Ricarda conseguiu montar um «ballet» sôbre música de Vivaldi — «O Príncipe da Primavera» — que segundo a opinião dos que dêle participaram, seria uma bonita coreografia, digna do sucesso obtido pelos outros bailados de Ricarda, vistos no Rio; como, por exemplo, «Dona Inês de Castro», o maior triunfo da temporada que aqui fêz, em 52, o «Ballet do Marquês de Cuevas». Entretanto, os operários construíram um toldo sòmente para a platéia que assistiria ao espetáculo, deixando o palco, montado na mansão Matarazzo ao ar livre. E acontece que choveu no dia da festa. Resultado: o «ballet» não foi levado. Assim, Oleg Briansky voltou para reintegrar sua companhia em Londres, o Festival Ballet; Jocelyn Vollmar regressou aos Estados Unidos; Berta Rozanova ao Rio e Ana Ricarda voará por êstes dias para a França, a fim de reunir-se ao «ballet» a que pertence, isto é, o «Grand Ballet de Cuevas». Portanto, não houve bailados no centenário do Conde.

Rádio

● Enfim, um concurso honesto, ou, pelo menos, um concurso em que vencidos e vencedores saíram contentes: o concurso para a escolha dos Melhores do Rádio, em 1953. Sob o patrocínio da «Revista do Rádio», a votação foi realizada na sede da Associação Brasileira de Rádio, em dia da semana passada, quando os críticos prèviamente convidados escolheram, a seu critério, quais os que deviam ser premiados.

O resultado final foi o seguinte: Carlos Galhardo (melhor cantor), Ângela Maria (melhor cantora), Luís Jatobá (melhor locutor), Lúcia Helena (melhor locutora), Celso Guimarães (melhor rádio-ator), Ísis de Oliveira (melhor rádio-atriz), Haroldo Barbosa (melhor produtor), Amaral Gurgel (melhor novelista), César de Alencar (melhor animador), Zé Trindade (melhor cômico), Oduvaldo Cozzi (melhor locutor esportivo), Raul Brunini (melhor rádio-repórter) e Ari Barroso (melhor compositor).

Luís Jatobá, Ari Barroso, Haroldo Barbosa e Zé Trindade foram os mais aplaudidos, sendo os mais votados: Ari e Ângela Maria, que mereceram 32 votos cada um, contra 4 dos segundos colocados, Antônio Maria e Emilinha Borba, respectivamente. É interessante notar que as escolhas feitas pelos críticos divergiram quasi que totalmente do público, já que a Revista do Rádio vinha colecionando as opiniões dos seus leitores, a fim de selecionar os concorrentes para a votação final. Mas como isso de votação popular é coisa feita por fanáticos desta ou daquela cantora, nunca os vencedores correspondem realmente ao melhor. E, por isso mesmo, foram derrotados. Emilinha Borba, Marlene, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Nora Ney, César Ladeira, Ismênia dos Santos, Gianonni, Paulo Roberto, Brandão Filho, etc..



Moda

Dois desfiles de modelos, um na piscina do Hotel Glória e outro nos salões da Casa Canadá, deram a nota elegante da semana. O primeiro dêsses desfiles vai noticiado em outro local desta edição. Quanto ao outro, realizado pela Casa Canadá, vai aqui, alinhando a página, um dos modelos apresentado pelo manequim Elga, onde se destaca o grande laço (marinheiro estilizado) e que marca um dos detalhes da nova tendência da moda. O que vimos, principalmente entre os trabalhos do famoso Christian Dior, é o estilo marinheiro, se é que se pode chamar assim o estilo dos modelos inspirados nas roupagens dos marujos. Golas, boinas e laços em profusão. Quanto ao mais, os vestidos estão com saias longas (mais que as do ano passado), os "tailleurs" continuam estreitos e colantes (quase 3-D, como disse o cronista Stanislaw Ponte Preta), os casacos curtos e bem cintados. As côres escuras predominam e os chapéus pequenos também, embora em alguns modelos (como o da foto, por exemplo) as abas largas se imponham.

COISAS E GRAÇAS DE SÃO PAULO

CARLOS MARIA DE ARAUJO

★ **AI DOS VENCIDOS**

O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo abre as hostilidades a fim de que se apure a veracidade das acusações formuladas contra a polícia de que esta está usando as maiores barbaridades (pau-de-arara, choques elétricos e surras com tiras de borracha) durante o interrogatório de criminosos. A primeira visita do Corregedor, anunciada com a antecedência de 24 horas, resultou em nada — assim informou o presidente daquele sindicato.

★ **LOUCURA A DOMICÍLIO**

A polícia, sempre do contra, fechou o consultório do curandeiro Rodrigues (nas horas vagas, pedreiro) que, por mil cruzeiros, preparava a loucura de espôsas incômodas aos maridos. Não só o preço da consulta era caríssimo, como os hospícios da capital se encontram a abarrotar.

★ **POESIA**

A poesia tomou conta dos festejos do IV Centenário, com a nomeação, para presidente da comissão, de Guilherme de Almeida. A poesia do Paul Geraldy das letras paulistas está, agora, um tanto superada, quando todo o mundo comenta o novo livro de versos da ruiva e belíssima Hilda Hilst, que nos interroga dêsse jeito:

«mas, o que importa
a infinidade
dos teus amantes
se tôda vez
que te entregavas
extenuado,
te perdias?»

★ **CONQUISTA**

Prepara-se a conquista do rádio e da televisão carioca pelos paulistas, com a concessão do Rádio Rio e do Canal 13 a Paulo Machado de Carvalho, o senhor do rádio e TV bandeirantes.

★ **ESPORTES**

Por causa das nadadoras do Campeonato Brasileiro de Natação e para seguir-lhes o exemplo, alguns marmanjos (que já não deviam entregar-se a essas fantasias) estão aprendendo o «crawl», o nado de bruços e outras habilidades aquáticas.

★ **BELEZAS**

O Clubinho, sendo Clóvis Graciano o detentor do voto de desempate, vai eleger a sua candidata ao concurso Miss Universo, 1954.



A poetisa Hilda Hilst



Uma das últimas fotografias de Victor Raul Haya de la Torre, tirada nas vésperas de sua libertação. Reconquistando a liberdade, Haya de la Torre anuncia: «Voltarei à trincheira «aprista», mais decidido do que nunca a libertar o meu país».

Quem é e por que temem

Haya de La Torre

NA noite do dia 3 de janeiro de 1949 um automóvel parou à porta da Embaixada da Colômbia, na avenida Arequipa da capital peruana, e dêle saltou um homem apressado. Trazia o sobretudo levantado e a aba do chapéu caída sôbre os olhos. Pediu para ser levado até o embaixador colombiano. Atendido, identificou-se: «Meu nome é Haya de la Torre. Estou aqui para pedir asilo a esta Embaixada». Minutos após, carros da polícia do ditador Odria, que há três meses derrubara o regime legal de Bustamante Rivero e se instalara arbitràriamente no poder, cercavam a Embaixada da Colômbia. Mas nada mais podia ser feito. Haya de la Torre burlara a vigilância dos esbirros, e se encontrava agora sob a proteção inviolável de uma nação estrangeira.

No dia 3 de janeiro de 1949 um homem bateu à porta da Embaixada da Colômbia, em Lima, e declarou: "Vim pedir asilo a esta casa". E assim começou um cativeiro que demoraria mais de cinco anos ★ O chefe da "Apra" quer a reabilitação dos miseráveis índios do seu país e luta contra os latifundiários.

ACABA O CATIVEIRO DE CINCO ANOS

O longo cativeiro de mais de cinco anos termina agora. Durante os cinco últimos anos, o asilo de Haya de la Torre na Embaixada colombiana de Lima servira de motivo para que as relações entre os dois países se tornassem tensas e delicadas. Odria era inflexível, e sob hipótese alguma consentiria em que o chefe aprista, que êle odeia acima de tudo e de todos, deixasse o seu asilo e se exilasse noutro país. Nem mesmo a decisão da Côrte Internacional de Haya, que há dois anos tratou do caso, opinando a favor do exílio de Haya de la Torre, removeu Odria de sua decisão odiosa. Mas agora, os delegados de ambas as nações, reunidos em Bogotá, resolveram acatar a decisão da Justiça Internacional. Reunidos durante vários dias para tratar do caso de Victor Raul Haya de La Torre, acabaram por chegar a um acôrdo — acôrdo êsse que foi consubstanciado no sucinto comunicado divulgado no dia 23 de fevereiro último. O comunicado dizia: «Sôbre o caso do dr. Victor Raul Haya de la Torre, os delegados dos dois países informam que, com o mais amplo espírito de amizade e respeito mútuo, realizaram um convênio que, dentro do acatamento às sentenças da Côrte Internacional de Justiça e seguindo suas recomendações, permite solucionar satisfatòriamente a situação existente». E telegramas posteriores, vindos de Lima e de Bogotá, acrescentavam que Haya de la Torre, liberto, exilar-se-ia no Uruguai.



Haya de La Torre na Embaixada da Colômbia, em Lima, na companhia do embaixador Carlos Etcheverry Cortes.



O general Odria, que implantou a ditadura militar no Peru, em 1948, acabou rendendo-se à imposição do Direito Internacional.

O «APRISMO» LUTA HÁ MAIS DE 25 ANOS

Victor Raul Haya de la Torre lidera, há mais de vinte e cinco anos, a «Aliança Popular Revolucionária Americana» — ou seja, a «Apra». O «aprismo», tantas vêzes confundido com as idéias da esquerda e da direita, defende um nacionalismo intransigente, é contra tôda espécie de ditadura e propõe, através de programa de ação revolucionária, a completa emancipação econômica dos povos sul-americanos. Haya de la Torre é contra o capital estrangeiro (no qual só vê intenções e objetivos colonizadores e escravocratas), defende ardorosamente a reabilitação dos índios peruanos (ainda hoje afligidos por um dos mais baixos padrões de vida do mundo inteiro) e concentra todo o ardor de sua luta contra os poderosos latifundiários do seu país, aos quais culpa pelo incrível atraso social em que ainda hoje vegeta o grosso da população.

Haya de la Torre é um intelectual de grande cultura, orador eloqüente, e conta com o apoio da elite pensante do Peru; além disso, os «apristas» se multiplicam também noutros países vizinhos, como a Colômbia, o Equador, o Chile e mesmo a Bolívia.

O PODER EFÊMERO

Em 1947, com a eleição de Bustamante Rivero à presidência da República, o «aprismo», que fizera de Rivero o seu candidato, teve oportunidade de gozar de uma parcela de poder. Haya de la Torre impôs-se logo como o cérebro dirigente do novo estado de coisas, e profundas reformas de ordem econômica e social começaram a ser introduzidas no Peru. Mas o govêrno de Bustamante não teria vida longa: em fins de 1948, o general Odria derrubava-o com um golpe armado, instaurando no país a ditadura militar que perdura até hoje. Haya de la Torre, que conseguira escapar, passou a ser caçado furiosamente, como o inimigo nº 1 da camarilha pretoriana que seccionara a legalidade democrática no Peru. Durante cêrca de três meses, o chefe «aprista» usou de todos os recursos e subterfúgios para escapar à polícia de Odria, conseguindo, finalmente, transpor as portas da Embaixada da Colômbia em Lima, na avenida Arequipa. Êsse asilo durou cinco anos e três meses — e constituiu, pelo seu ineditismo, um dos mais curiosos e apaixonados casos políticos da América Latina, com repercussão no mundo inteiro.

Na fotografia abaixo, Haya de La Torre aparece discursando no primeiro comício da «Aliança Popular Revolucionária». O instantâneo é de 1931, ano em que o líder aprista apresentou-se como candidato à presidência da República.



"VOLTAR À LIBERDADE É VOLTAR À LUTA"

As armas dos cronistas mundanos:

"BLACK-TIE" E BICARBONATO

OS ARAUTOS DO GRÃ-FINISMO IMPERAM, ABSOLUTOS, NO MUNDO DA "GENTE BEM"; MAS É PRECISO ESTÔMAGO RESISTENTE E FÍGADO BLINDADO PARA RESISTIR ÀS EXIGÊNCIAS DA VIDA SOCIAL.

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

OS CRONISTAS mundanos são, sem dúvida alguma, os colunistas mais lidos da imprensa diária, no Rio e em S. Paulo. São seus leitores: a) a gente do "grand-monde", da qual são êles os arautos; b) a gente sonhadora da classe média, que vive a suspirar por um mundo dourado, que está a milhões de quilômetros (e de cifrões) além da sua vidoca apertada; c) as pessoas em geral que amam os mexericos dos ricos e dos graúdos, e que se torcem de gôzo quando lêem, no ônibus que os leva à Tijuca, a notícia de que o banqueiro tal separou-se de sua madame e vai casar novamente. Requestados, bem pagos, bem vestidos e parafusos indispensáveis ao mecanismo "raffiné" do grã-finismo, os cronistas mundanos imperam como pequenos reis diante dos quais se curvam os que não podem viver sem o seu beneplácito ou a sua consagração. Nesta reportagem, vamos tratar de cinco dêles — precisamente os cinco mais importantes: Jacinto de Thormes, João da Ega, Ibraim Sued, Helen e Gilberto Trompowsky. Todos êles, dia e noite, não se despojam de duas armas, imprescindíveis na guerra mundana: o "black-tie" e o bicarbonato.



JACINTO DE THORMES: Criou estilo, joga box, já armou conflito internacional e faz também jornalismo sério.

JACINTO DE THORMES:

Foi inglês durante sete anos.

COMECEMOS pelo mais em evidência, que é mesmo Jacinto de Thormes. Quem sugeriu êsse rótulo eciano a Manuel Bernadez Muller foi Prudente de Morais Neto, em 1945, quando Jacintinho escreveu a sua primeira crônica social. Antes disso êle: **a)** nunca tinha ouvido falar em Eça de Queirós; **b)** jamais pensara em trabalhar em jornal. Mas a «Fôlha Carioca», que estava saindo naquele ano, vinha cheia de novidades: uma delas era a crônica mundana pouco piegas e muito mexeriqueira. Prudentinho fôra informado que um rapaz que trabalhava no «Quincas», casa de modas do seu amigo Custavo Dória, andava metido em reuniões sociais, era dono de um razoável «pedigree» mundano (Manuel Bernadez Muller é filho da sra. Negra Muller, que, na sua época, foi um dos pontos altos do «grand monde») e talvez tivesse jeito para a coisa. Estreando em 45, Jacinto de Thormes não parou até hoje. Começou ganhando 400 cruzeiros por mês, na «Fôlha», hoje ganha vários 400. Quando Prudente de Morais Neto deixou a «Fôlha Carioca», comboiando a sua equipe, Jacinto de Thormes (que já era dono de meia porção de fama) mudou-se para o «Diário Carioca». Paralelamente, passou a colaborar na «Sombra». Inaugurou mais tarde, no «Última Hora», a seção «Hora H» — que era, no seu tempo, a mais lida e a mais bem informada do jornal.

Jacinto de Thormes é cronista mundano de algumas invenções que pegaram e proliferaram em imitações as mais diversas: foi êle, por exemplo, o lançador da seleção anual das «10 mulheres mais elegantes» — competição que, nas altas rodas do «Vogue», da «Hípica» e no «Riverside» petropolitano de madame Galliez, esquenta mais que um Fla-Flu no Maracanã. Outra invenção do de Thormes: o baile das Debutantes. Além disso, Jacintinho, quando está com coceiras literárias, inventa palavras, pontuação, dá uns chiliques de estilo e escorrega nas mais ousadas peraltices gramaticais.

Manuel Bernadez Muller é carioca, nasceu em 1923, foi com meses para a Europa, de onde voltou, aos sete anos, com um sotaquezinho que adquiriu de uma «nurse» inglêsa. É homem de algumas manhas atléticas: joga futebol («keaper») e, em matéria de box, é um razoável peso leve. A sua maior façanha, nesse rude esporte, foi um «jab» aplicado, sob o luar de Montevidéu, em plena fachada internacional do «astro» francês Daniel Gelin. Gelin metera-se a engraçado com uma senhorinha carioca, e Jacinto de Thormes não é homem de deixar uma dama indefesa: foi às fuças do artista.

Em matéria de tristezas, informemos que Manuel Bernadez Muller já escapou de morrer duas vêzes: uma de peritonite; a outra, de desastre de automóvel. Ao volante, êle mesmo; ao seu lado, o sr. Aluísio Sales, a quem transportava à residência. Hora e local: de madrugada, na Praia Vermelha, esquina do hospício. Manuel Bernadez saiu tão machucado da tragédia que teve de fazer uma operação plástica — passando a fumar cachimbo. No mais, acrescentemos que o nosso herói casou em 47 e divorciou-se em 52. Mas já estão dizendo que êle vai casar novamente. É, pessoalmente, moço simpático, sem a languidez própria à fauna mundana que de um certo modo êle reabilitou, dando-lhe voz de homem e senso jornalístico.



IBRAIM SUED: Na foto, o cronista Sued aplica mais uma dose de champagne no já úmido Errol Flynn. Sued morre por uma futrica de «boite».

IBRAIM SUED: *o "Meia-Noite" vai de vento em pôpa.*

IBRAIM Sued tem nome de rei da Arábia Saudita, mas nasceu ali mesmo em Copacabana. Há quatro anos atrás, quando deixou de crescer, (cresceu até 1 metro e 80), era sòmente um fotógrafo, às vêzes bom, às vêzes lambe-lambe — mas sempre irritado com a vida e os vizinhos. Vestia hábitos azuis-marinhos da marca tran-chan e carregava a «speedgraphic» como quem carrega um embrulho de brasas em papel celofane. Era visível a sua completa inadaptação ao engenho fotográfico — teimasse nêle cem anos, e jamais chegaria a ser um André de Deene. Duas almas caridosas, (as de Joel Silveira e Aluísio Acióli), sempre atentas às aflições do próximo, convenceram um dia Ibraim Sued que êle deveria deixar a máquina fotográfica de lado e mergulhar de rijo no mundo granfino, pelo qual já sentia uma irremediável atração. Assim foi dito, e assim foi feito.

Alto, moreno e simpático, Sued fêz-se cronista mundano, passou a bebericar coquetéis e a mastigar os mais credenciados «salgadinhos» da nossa «haute gomme». Hoje é pertence dela; ou, pelo menos, um dos seus arautos.

Pedimos a Ibraim Sued que êle mesmo nos desse o seu «curriculum vitae» mundano, e êle nos ditou:

«Comecei a escrever na «Vanguarda», há dois anos, assinando uma coluna intitulada «Zum-Zum», repositório de «potins» políticos e sociais. Mas o que eu queria mesmo era fazer política, o que não foi possível; era duríssimo entrar na matéria. Segui, então, o conselho do Joel Silveira e do Aluísio Acióli, e resolvi dedicar-me sòmente à sociedade, lançando o verdadeiro colunismo social na imprensa carioca. Após mais de um ano em «Vanguarda», passei para a «Manchete», o «Diário da Noite» e o «Suplemento Feminino» de «O Jornal». Inaugurei no Rádio um programa de notícias sociais: dois meses na Mayrink Veiga e, agora, na Rádio Nacional. Escrevo também na «Sombra» e no «Rio Magazine», além de colaborar, como «free-lance», na imprensa paulista. Em suma, sou — sem máscara alguma — o cronista social brasileiro mais lido no momento».

Sued começou influenciadíssimo por Jacinto de Thormes, mas, no princípio, não manejava bem as palavras. Hoje já se explica razoàvelmente, daqui a mais algum tempo estará melhor. Nas douradas rodas do grãfinismo êle é conhecido também como o «Meia-Noite»; o seu irmão Alberto, que está ficando rico, é o «Meio-Dia». Ficha de Ibraim no Felix Pacheco: solteiro, vinte e oito anos, boa saúde, bons dentes e humor razoável. Escreve à máquina com três dedos; e como Jacinto de Thormes lançou a idéia das «10 mulheres mais elegantes do ano», êle, Sued, não teve dúvida: passou a escolher os 10 marmanjos.

Black-tie e bicarbonato



CARLOS DE LAET: O «João da Ega» de «Ultima Hora» ia chamar-se Simão Bacamarte. Laet é cronista de valor e, na foto, aparece presidindo um jantar «bem».

JOÃO DA EGA: *Bom cronista e bom diplomata.*

NAS vésperas do aparecimento do «Última Hora» aqui do Rio, o seu diretor, Samuel Wainer, conferiu a lista dos contratados (centenas dêles) e verificou que faltava alguém para «cobrir» o Ministério da Fazenda. O escolhido foi o advogado Carlos Mafra de Laet, pessoa de boa família (é sobrinho, inclusive, de Carlos Let) e de boas relações. Antes dessa experiência, Carlos de Laet nunca tinha entrado numa redação de jornal, produto que conhecia apenas como consumidor. Deu certo, no entanto: do Ministério da Fazenda passou para a seção de teatro, e da de teatro para a crônica mundana. Então era preciso um pseudônimo, coisa de que apenas um cronista mundano, entre os mais conhecidos, prescindiu: o guapo Ibraim Sued. Laet propôs chamar-se, como cronista social, Simão Bacamarte — nome daquele personagem da «Casa Verde», de Machado de Assis. A direção do jornal achou que o pseudônimo não era suficientemente sonoro para ser proferido num salão elegante. Sugeriram Carlos da Maia, mas Laet retrucou que não queria ser um cronista incestuoso. E apelidou-se João da Ega.

João da Ega é, dos nossos arautos do grãfinismo, o de melhor gôsto literário. E o mais diplomata. Não mexerica, não faz malícia, não ironiza — vai, ameno e fraterno, do aperitivo ao charuto, sem ferir ninguém e acabando por contentar a todos. Antes de ser jornalista, Carlos de Laet era advogado; continua a sê-lo, e recentemente foi promovido: é, agora, advogado da Prefeitura. Trata-se de pessoa muito simpática, dono de um bom papo e de magnífico bom gôsto. É mais educado do que cinco Edmundo da Luz Pinto juntos. Fala línguas, bebe dentro de um sólido sistema tipo «devagar e sempre», mata a gente de inveja quando pega no talher e é capaz de aturar o dr. Simões Filho uma noite inteira sem perder o bom humor.

GILBERTO TROMPOWSKY: *Flores, frutos e coquetéis (3 por dia).*

O lânguido Gilberto Trompowsky é o mais venerando e o mais dengoso de todos os nossos cronistas mundanos. Vem de priscas eras, é pintor de flores, fôlhas e palmas, em 1935 já decorava o Municipal para os bailes carnavalescos, e se assina, quando em função de arauto mundano, com apenas estas duas iniciais: G. de A.

G. de A. comparece diàriamente à coluna de «O Jornal» e, semanalmente, no «O Cruzeiro». Uma crônica social de sua autoria resume-se num nariz de cêra tépido a que se segue um completo inventário dos nomes das personagens presentes à festa. Homem de muitas delicadezas, a atitude extrema de G. de A., quando quer ferir algum desafeto ou ignorar qualquer «parvenu», resume-se em não citar-lhe o nome em sua coluna.

Falei que êle decorou o Municipal, em 1935. 35 não é nada — êle decorou também o teatro para o carnaval de 32. E em 33 também, e em 40. E a sua primeira crônica saiu, antes do primeiro govêrno Vargas (já lá vão 200 anos!), na revista «Idéia Ilustrada», de Luiz Aníbal Falcão. O G. de A. quer dizer Gil de Albuquerque — o primitivo pseudônimo que êle emagreceu nas duas iniciais, hoje conhecidas nos meios grã-finos do Brasil inteiro (não incluindo Sergipe, onde nunca ouvimos falar nêle, talvez porque lá não existem grã-finos, mas apenas oligarcas meio rastaqueras).

Há tempos, entrevistado por um repórter que queria saber como êle conseguia a onipresença essencial ao bom funcionamento do seu apostolado mundano, Gilbertinho Trompowsky explicou:

«Imaginemos que tenho de comparecer a três coquetéis no mesmo dia. Muito bem — vamos a êles. No primeiro, cumprimento. No segundo, como um salgadinho. No terceiro, tomo aperitivos para o jantar que tenho em seguida». E depois? Depois é assim: «No jantar, pouco como porque depois ainda vou a uma ceia. Na ceia, forçosamente, chego atrasado. Entre os últimos três pedaços, colho um. A senhorita ao lado colhe o segundo. Vou colher o terceiro, a senhorita me cumprimenta e antes de mim colhe o mesmo. Sorrio».

Como pintor, Gilberto Trompowsky trabalha no gênero vegetal, e já pintou quase tôda a flora do nosso farto Jardim Botânico. Anualmente êle arruma suas telas num local «bem» (o 9º andar da ABI, por exemplo, ou um salão no Copacabana-Palace) e espera que a gente endinheirada e pouco exigente do «grand-monde» venha adiquirilas por bom preço — o que sempre acontece. Gilberto vive — e vive bem — de seus frutos e fôlhas — o que é uma maneira rendosa de ser vegetariano. Aos domingos, é possível encontrá-lo no Arpoador tomando conta de uma ninhada de crianças buliçosas: são os seus sobrinhos, é claro.



GILBERTO TROMPOWSKY: G. de A. escreve lânguido e é um vegetariano da pintura. Os grã-finos mais desprevenidos compram os quadros dêle (Na foto, Gilberto é o do centro).



HELENA SILVEIRA: Uma autêntica fôrça de S. Paulo quatrocentão. «Helen» destronou «Jerry», e sem seu apoio não há festa que valha a pena

HELENA SILVEIRA:
Reina absoluta e é dona de Balzac.

Em São Paulo, em matéria de crônica mundana, quem imperava absoluto, há dez anos atrás, era o Jerry — pseudônimo gracioso de um delicado rebento da importantíssima e heráldica família Mariano Procópio. Mas agora não é mais. Agora quem manda é Helena Silveira. Festa que «Helen» não cita em sua coluna, não é festa — é festejo; coquetel a que ela não se refere, vira bebericação de bar; e nome que ela exclui do seu rol dourado, passa a ser evitado, pela gente «bem», como o diabo evita as cruzes em geral. Hoje, em São Paulo, a coluna de Helena Silveira, na «Fôlha da Manhã» (o matutino de maior circulação na capital) é o termômetro, infalível e rigoroso, do mundanismo da paulicéia.

Mas Helena Silveira não é apenas isso: é mesmo muito mais do que isso. Escritora de grandes méritos, acaba de publicar um livro de contos — «Mulheres, freqüentemente» — considerado pela crítica como de primeira qualidade; e no ano passado uma peça sua — «No fundo do poço» — fêz sucesso absoluto e estabeleceu polêmica acesa nos meios literários e intelectuais de São Paulo.

Seu marido — Jamil Almansur Haddad — é um poeta de bons versos, ensaísta que acaba de restaurar Castro Alves no seu valor legítimo, e, pessoalmente, homem gordo, manso, complacente e sonhador. O casal coleciona livros e cachorros, e informe-se que o canil de Helena e Jamil está crismado, todo êle, com nomes ilustres e já consagrados pelos tempos. Uma cadelinha branca e preta, por exemplo, atende pelo nome de Elizabeth Barrett Browning; dizem que late em inglês, num compasso alexandrino. Um «bull-dog» de cara amassada, lembrando a cara que Deus deu ao dr. Nereu Ramos, chama-se Honoré de Balzac. Um outro, vindo da Itália, passou a ser a reincarnação quadrúpede de Petrarca; e como não há Petrarca sem Laura, mandou-se buscar uma outra cadelinha, tenra e meiga, num canil de raça.

Pessoalmente, Helena Silveira é prestativa, amiga dos seus amigos, inimiga (acesa) dos seus inimigos, pessoa de boa conversa e bons assuntos. Conhece São Paulo por dentro e por fora. Os «nouveaux-riches» que o digam.

MAIS DE 800 TONELADAS DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS, POR MÊS

O movimento do SAPS no Distrito Federal ★ Uma frota de 31 veículos assegura o abastecimento ★ Os postos onde o trabalhador compra com um abatimento de 30% ★ 100.000 barras de sabão por mês. ★ Rodando 2.400 quilômetros por dia para baratear o frete.

● A dona de casa, em certas ocasiões, passa por verdadeira «via-crucis» para adquirir gêneros alimentícios, principalmente, quando há interêsse na majoração de preços, quando os produtos desaparecem por encanto do mercado. Fácil é avaliar, portanto, o trabalho do S.A.P.S., ponto de ligação entre o produtor e o consumidor, para neutralizar desta forma os lucros dos intermediários que, sem dúvida alguma, são a causa da alta abusiva dos produtos.

Com a missão de trazer diretamente da fonte produtiva para entregar ao público consumidor, com a maior presteza, o S.A.P.S. é obrigado, ainda, a manter um grande estoque de gêneros alimentícios, verduras, legumes, a fim de que o trabalhador não fique à mercê das oscilações de preços, tão prejudiciais à sua precária economia. A princípio o S.A.P.S. instalou restaurantes populares, porém, para completar a sua rêde assistencial ao operariado, criou postos de abastecimento e barracas em todos os Estados do Brasil, os quais vendem com uma diferença de 30% sôbre os preços do mercado, em geral. Sòmente na Capital Federal o S.A.P.S. tem 16 restaurantes, 23 barracas, os quais, há anos, vêm prestando inestimáveis serviços à população.

OS POSTOS

● Além dos 16 restaurantes, das 23 barracas, o S.A.P.S. mantém 21 postos de abastecimentos, na cidade e arredores, assim localizados: Pôsto Central, na praça da Bandeira, 96; Copacabana, rua Toneleros, 260; Gávea, rua Marquês de São Vicente; Fundação da Casa Popular, avenida das Bandeiras, 76; Encantado, rua Manoel Vitorino, 46; Engenho Novo, à rua Ana Nery 1708; Marechal Hermes, avenida Cordeiro de Farias, 32; Ilha do Governador, rua Formosa (Zumbi); Madureira, na estrada do Portela, 23-A; Inhaúma, na avenida Suburbana, 5.472; Bangu, na praça da Fé, 18; Olaria, na travessa Etelvina, 20; Santa Cruz, na praça do Gado; em Nova Iguaçu, rua Bernadino Melo, 16; Cavalcânti, rua Caminho do Castelo, 640; Tinguá — Núcleo Colonial Ministério da Agricultura; Quilômetro 47, na Estrada Rio-São Paulo; Ilha de Paquetá, à rua Pinheiro Freire, 51; Piranema, no Núcleo Colonial, em Santa Cruz; Itaquai e Paramcambi, no Estado do Rio.

Para se ter uma idéia da venda de produtos alimentícios, legumes e verduras, ao povo, em particular, ao operariado, basta dizer que são consumidas mais de 800 toneladas, por mês, sendo 564 de gêneros alimentícios e 246 de legumes e verduras, bem como 45.000 dúzias de ovos, grande parte procedente da sua granja no quilômetro 47, na rodovia Rio-São Paulo. Inúmeros produtos indispensáveis à cozinha, como vassouras, palha de aço, sabão, também são vendidos pelo SAPS. A venda de sabão atinge a 100.000 barras por mês.

LEIAM

A CENA MUDA

TÔDAS AS 4ª-FEIRAS

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Em que ano o Brasil abriu os seus portos ao comércio estrangeiro:**

— 1889?
— 1808?
— 1792?

2 **De onde se originou todo o café hoje cultivado no Brasil:**

— Do Egito?
— Da Índia?
— Da Guiana Francesa?

3 **Qual dêstes cientistas o que escreveu a «FloraBrasiliensis»:**

— Humboldt?
— Martius?
— Saint-Hilaire?

4 **Qual o brasileiro que substituiu a luz a azeite de baleia pela de gás:**

— Barão de Mauá?
— Paulo de Frontin?
— Pereira Passos?

5 **De quem é esta frase: «A ventura do trabalho está em que nos faz esquecer a vida»:**

— Vargas Vila?
— Victor Hugo?
— E. Zola?

6 **Que quer dizer «Leocádio»:**

— Filho de leão?
— Corajoso como um leão?
— Homem formoso?

7 **Qual a ave que, no Japão, é símbolo de felicidade e longa vida:**

— O marreco?
— A águia?
— A cegonha?

8 **Qual dêstes animais serviu aos cientistas inglêses para testes na construção do radar:**

— A borboleta?
— O morcego?
— O cão?

9 **A ponta dos pára-raios é de:**

— Ouro?
— Platina ou cobre?
— Prata ou aço?

10 **Por que Alexandre Graham Bell se tornou famoso em todo o mundo:**

— Por ter sido o 1º presidente dos EE. UU.?
— Por haver inventado o telescópio?
— Por ter inventado o telefone?

11 **Qual a côr do céu a 25 mil metros de altura:**

— Rosa?
— Negra?
— Azul?

12 **Qual a língua mais rica do mundo, em número de vocábulos:**

— A portuguêsa?
— A inglêsa?
— A árabe?

13 **O fóssil do chamado «Homem de Confins» foi encontrado em:**

— Minas Gerais?
— Na Suíça?
— Em Pernambuco?

14 **Quantos litros de sangue lança o coração, no corpo humano, em cada minuto:**

— Cinco?
— Doze?
— Três?

15 **Em que ano Fleming fabricou, oficialmente, as primeiras doses de pinicilina:**

— 1932?
— 1944?
— 1940?

(Respostas na página 44)

CLASSIFICAÇÃO:

Resposta 0: estado promitivo — homem macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — homem-macaco.
De 4 a 6: cultura média — estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.



Desenho de ZULUAR

MINHA AVÓ E SEU BAÚ

PEDRO MULLER

SENHOR Ladrão, eu tenho uma avó, velhinha com 89 anos. Eu sei que nisto não vai nenhuma novidade, pois o senhor mesmo talvez tenha uma, e é nessa crença e nessa esperança que venho apelar para a sua qualidade de neto. Trata-se do seguinte: na sua última incursão pela zona do Largo dos Leões o senhor levou o baú da minha avó. É um baú bem mais velho do que o senhor (pois do contrário não teria fôrças para carregá-lo) feito de fôlhas-de-flandres dobradas, com duas fortes fitas de aço reforçando-o e duas belas argolas douradas laterais. Não era bonito; apenas forte para resistir ao tempo (dentro dos moldes antigos), já tinha mais de quarenta anos e serviria provàvelmente para decorar o moderno apartamento atômico de minha netinha, eu que ainda sou moço e solteiro. Dentro dêle estava tôda a galeria dos meus antepassados, algumas «varas» de linho da Grã-Bretanha (minha avó é incapaz de dizer «Inglaterra»), recordação do seu enxoval de casamento (em 1887), uns poucos pedaços de renda de Veneza, um candelabro de cristal de «Bacarat», alguma roupa de cama, de mesa e de banho e outras mais que não me lembro. Mas, senhor Ladrão, nada disto tem muita importância. O senhor pode mesmo deitar nos lençóis que minha avó chama pomposamente de «da Grã-Bretanha», mandar que sua filha enfeite a combinação com as rendas venezianas que são lindas e alegrar seu barracão, pendurado no morro, bem por trás da casa da avòzinha com a luz dêste belo candelabro, tendo o cuidado de fazer a claridade incidir sôbre o quadro de «Cristo no Hôrto», todo realizado em prata portuguêsa do tempo dos patacões. Mas, senhor Ladrão, por favor, devolva os retratos dos nossos antepassados, do meu bisavô, do pai do meu bisavô, todos louros, corados, belíssimos, envergando gibão de sêda, em côres alegres, com ricos punhos de rendas aparecendo e que tanto encanto deram às paredes da minha infância. Devolva também os velhos documentos que fazem minha avó proprietária de um pequeno espaço de terra no Campo Santo. Devolva, senhor Ladrão, pois trata-se do último tesouro da minha avó. Ela não chorou; só duas lindas lágrimas, saídas daqueles olhos de azul puro que tocariam o seu coração de neto, desceram pelo seu rosto, sulcado de rugas que o tempo fêz.





O maestro Vila-Lobos, devidamente apetrechado e apertado num esfusiante colete branco, chega ao aeroporto de Orly, em Paris, para uma série de recitais sinfônicos, nos quais atuará como regente.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

Esta maravilha que aparece na foto aí de cima é Maria English, estrêla do filme «Red Garters», quando chegava, em Hollywood, para a «première» daquela película. Maria está sendo apontada pelos críticos como uma das mais importantes revelações do cinema atual.



Na foto à direita temos o nosso gordo Faruk espairecendo num «night-club» de Roma em companhia da «signorina» Irma Minutolo, ex-miss Nápoles e novo amor do ex-soberano.





Sofia Loren, que aparece na foto ao alto, era estudante em Roma. Um produtor descobriu-lhe os encantos e os talentos, fê-la «estrêla» do cinema italiano. Sofia é hoje um sucesso. Na foto abaixo, o modêlo inglês Peggy Curtis apresenta a última novidade em pijama: todo de nylon, um manto diáfano da fantasia encobrindo a nudez da verdade.

Resumamos assim os últimos eventos no Egito: Gamal Abdel Nasser tentou derrubar Naguib, mas o povo reagiu. Voltou Naguib, mas sem poderes. Nova reação do povo, contra-reação de Nasser e seus jovens tenentes. Resultado: Naguib continua como bandeira; e Nasser fica como chefe de fato. Nestas fotos, vemos os dois aparecerem em flagrantes, após terem ficado de bem.





A SINFONIA D



Maestro Estrêla

A DO TRÂNSITO CARIOCA



De LEON ELIACHAR
(Oldsmobilista Spala da (O.A.B.) Orquestra Automobilística Brasileira)

1º movimento

ANDANTE CANTABLE

● O maestro olha sereno para a grande orquestra. Levanta a batuta, faz ligeira pausa, dá duas batidinhas sôbre a estante. E começa a sinfonia do tráfego: 120.000 veículos, tomados de verdadeiro acesso, desandam a correr desesperados, businam frenèticamente e deixam um rastro de cadáveres sob suas rodas. O maestro sorri. Levanta a batuta num gesto autoritário. Há um silêncio completo. Todos param, enquanto o maestro vira a página da longa partitura.

2º movimento

ALEGRO MODERATO

● Os músicos ficam alucinados. Não há lugar onde guardar seus instrumentos. O maestro autoriza retirá-los do palco. Mas se o palco já é pequeno, fora dêle é que não há lugar. Por todos os cantos, sinais e tabuletas proibindo tudo. E o maestro deu ordens para recolher os instrumentos que não estivessem legalizados. Enquanto as multas crescem assustadoramente. Os músicos andam até com vontade de criar novo sindicato para defender os seus direitos.

3º movimento

SCHERZO

● O maestro dá nova batidinha com a batuta. Faz algumas modificações na partitura. Sorri satisfeito e inicia novamente a sinfonia. Agora a confusão é geral. Os instrumentos se digladiam em plena praça pública. O palco é cada vez menor, uns esbarram-se contra os outros, a letra da música é composta de palavras feias. Mas todos já a sabem de cor — o que facilita ao maestro entendê-la totalmente. Mas êle nada pode fazer. Ou não quer.

4º movimento

SBAGLIATO FINALE

● O maestro toma uma atitude definitiva. Segue o exemplo de Vila-Lôbos e Eleazar de Carvalho e vai a Nova Iorque aperfeiçoar seus estudos. Faz um estágio no Metropolitan Opera Motors e volta cheio de conhecimentos. Desta vez empunha uma batuta americana de matéria plástica. Quando regressa, a orquestra já está bem maior e o palco cada vez mais reduzido. Joga fora a batuta, larga a orquestra e arranja uma namorada para passar o tempo.

Semana Literária

GILBERTO AMADO é sempre uma rica leitura, no romance (Inocentes e Culpados. Os Interêsses da Companhia), mais ainda, e principalmente, no ensaio (A Chave de Salomão, Grão de Areia. A Dança sôbre o Abismo), e agora nas memórias, cujo primeiro volume «História da Minha Infância» — ressuscitando na saudade o sertão da meninice — saiu publicado há dias por José Olímpio, juntamente com uma edição definitiva de suas «Poesias». Cada novo volume de Gilberto Amado é um gostoso dia de domingo no calendário das letras brasileiras.

★

ESCREVER CERTO, mesmo ortogràficamente, quando mais não seja, é uma das mais rudimentares normas de respeito para com o idioma. As regras ortográficas em vigor no Brasil são simples e razoáveis, mas nem por isso geralmente seguidas. Acaba de comentá-las, num opúsculo de 72 páginas, o sr. Almir Câmara de Matos Peixoto: «Sistematização da Acentuação Gráfica Oficial», com mais de 650 exemplos, mais de 150 exercícios seguidos das respostas certas e um índice vocabular completo (edição da Organização Simões). Trabalho excelente pela clareza e vasta exemplificação.

★

PELA MESMA editôra, três novas publicações: «Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguêsa», por Jesus Belo Galvão, — «Os Índios Maués» (edição ilustrada), por Nunes Pereira, — e «Vida Perfeita», comentários aos versos de ouro dos pitagóricos, pelo Dr. Paul Carton, com prólogo, nótulas e apêndices do prof. Mário Lôbo Leal.

★

CAMPOS DE CARVALHO aparece com um volume de crônicas (satíricas, algumas amalucadas, e várias de notável originalidade): «Tribo». Ou muito nos enganamos, ou êsse novo escritor, a julgar pela amostra, ainda nos surpreenderá um dia com trabalhos de ficção que impressionarão pelo vigor e pela riqueza de imaginação. «Tribo» foi publicado pelos Irmãos Pongetti (190 páginas).

FICHÁRIO

MAURÍCIO ROSENBLATT deixou a Editôra Globo para fundar e dirigir a sucursal gaúcha da José Olímpio. Outra sucursal da Editôra José Olímpio foi criada recentemente em Belo Horizonte.

★

«MÚSICA PARA A JUVENTUDE» (em 4 séries) é o título de uma conhecida obra didática do maestro José Siqueira, professor catedrático de Harmonia e Morfologia da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil. Os livros destinam-se aos estudantes do curso secundário. Adverte o autor que não teve o intuito de criar algo novo, mas tão sòmente o de reunir, em quatro volumes, todo o programa oficial adotado nos Ginásios e Colégios do país. O maestro Siqueira teve a preocupação de expor a matéria de modo simples e intuitivo, deixando ao professor a tarefa de desenvolvê-la, se julgar de bom aviso. Totalizando 640 páginas, «Música para a Juventude» acaba de ser apresentada, em segunda edição, pela Companhia Editôra Americana.

★

COM A PUBLICAÇÃO do volume «Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Companhia», de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, está completa a Biblioteca Histórica Paulista que vinha sendo lançada, num total de 10 tomos, ilustrados, pela Editôra Martins como contribuição às comemorações do IV centenário da fundação de S. Paulo.

★

INICIALMENTE, o médico-escritor-historiador baiano Alberto Silva pretendia apenas retificar um deslize ocorrido num programa radiofônico de certa emissora carioca, quando esta atribuiu o título de primeira médica do Brasil à dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos. Mas, com tal dedicação lançou-se à pesquisa que dela resultou um volume de 246 páginas, fartamente documentadas, provando ter sido a primeira médica do Brasil a dr. Rita Lobato Velho Lopes. «A Primeira Médica do Brasil», pelo sr. Alberto Silva, é uma recente edição dos Irmãos Pongetti.

★

«PEDRINHO E SEUS AMIGOS», é o segundo volume da série de leitura graduada «Pedrinho», do prof. Lourenço Filho (Edições Melhoramentos). Seguirão «Aventuras de Pedrinho», «Leituras de Pedrinho» e finalmente «Pedrinho e o Mundo», sempre com numerosas ilustrações em côres de Osvaldo Storni. Realização de excepcional valor esta do prof. Lourenço Filho, quer sob o aspecto didático, quer pedagógico. — O. S.

★

NUMA CERVEJARIA de S. Paulo, cujo soalho (como de praxe nesses estabelecimentos) estava coberto de serragem, bebiam Emílio de Menezes e alguns amigos, quando um conhecido engenheiro, falando de arte, começou a louvar Florença e a influência dos florentinos na Renascença. No auge do entusiasmo, porém, pôs-se de pé, afastou a cadeira e, ao sentar-se de novo, projetou-se de costas no chão. Levantou-se sujo de serragem, e quis insistir:

— Sim, é aos florentinos que devemos todo êsse patrimônio artístico...

— Homem — interveio Emílio de Menezes — deixa os florentinos...

E limpando-lhe a serragem:

— Tu agora estás «à milanesa»...

Sem ti...



Sem ti seria eu cego; não veria
O que existe de bom e de profundo.
Andaria a vagar por êste mundo,
Olhando, mas sem ver a luz do dia.

Porque sem ti o Amor não viveria
A criar dentro de mim o sol fecundo,
De cujo brilho cálido me inundo.
E só o Amor, tu o sabes, alumia.

Só o amor tudo mostra e nos revela.
Quem não ama não vê a natureza,
Não sabe, como eu sei, que a vida é bela.

Vê, pois, quanto me deste, tu que assistes
À festa em que minhalma vive acesa:
Deste-me o Amor, deste-me tudo: — Existes!

Gilberto Amado, em «Poesias».

O livro da semana

"A EXPEDIÇÃO FAWCETT"

— «NÃO TENHA RECEIO de que possa haver algum fracasso...» — foram as últimas palavras do coronel Fawcett escritas à sua espôsa, numa carta datada de 29 de maio de 1925. Achava-se êle então no Acampamento do Cavalo Morto, e calculava entrar em contacto com os índios dentro de uma semana ou dez dias. A partir de então — lá vão precisamente 29 anos — o destino do arrojado explorador envolveu-se no mais absoluto mistério, e têm sido vãs tôdas as tentativas, entre brasileiros e estrangeiros, de levantar-lhe o véu.

Agora, mais uma vez, o enigmático desaparecimento do coronel inglês voltará à baila através da publicação, pelo filho do explorador, de um punhado de manuscritos, cartas, diários e registros do obstinado sonhador que, aos 58 anos, partia em demanda de velhas e hipotéticas cidades onde julgava encontrar a chave para desvendar os segredos de uma antiga civilização. Do volume enorme de artigos, ensaios, reportagens e até livros publicados sôbre a legendária figura do explorador britânico, nenhum nos revela tão intimamente êsse homem estranho, a um tempo realista e visionário, como esta espécie de autobiografia cuja tradução (por Leônidas Gontijo de Carvalho) acaba de ser entregue ao público pela Editôra Civilização Brasileira: «A Expedição Fawcett» — compilado de seus manuscritos, cartas, diários e registros por Brian Fawcett (334 pgs.).

★

Depois de uma infância despida de carinhos, e dos anos de escola em Newton Abbot, onde as varadas que recebeu não conseguiram alterar sua ambição, P. H. Fawcett foi cadete em Woolwich, sendo designado aos 19 anos, em 1886, para servir na Artilharia Real, e, bem cedo ainda, na guarnição de Trincomalee, em Ceilão. Muito retraído — êle mesmo se reconhecia um «lôbo solitário» — procurava caminhos próprios ao invés de palmilhar os que já eram bem conhecidos. Teve ocasião de exercer um serviço secreto na África do Norte, em 1901, a que se seguiu uma temporada em Malta, e outra em Hong-Kong. O ano de 1904 encontra-o na Irlanda onde recebe uma proposta para fazer um trabalho de delimitação de fronteiras na Bolívia. Isso em 1906. O convite, logo aceito, decidira o seu destino.



O TRIBUTO DA BORRACHA

● Cumprida a sua missão, depois de conhecer tôda a região até as cabeceiras do Acre, Fawcett prepara-se para a volta, e passa então por Vila Bela:

«Fôsse quem fôsse que tivesse dado os nomes àqueles lugares na Bolívia, o que denominou o pôrto, na confluência dos rios Mamoré e Beni, de Vila Bela devia tê-lo feito por ironia. Um pântano negro e sujo ocupava a parte central do lugarejo, e a mortalidade ali era muito grande. Cinqüenta por cento das tripulações dos batelões que iam a San Antonio e de lá voltavam morriam anualmente, uma cifra a que me ia acostumando agora. Era êsse o tributo que a borracha da Bolívia cobrava naquele período. Não creio que seja exagêro dizer que cada tonelada que despachavam para fora custava uma vida humana. Vila Bela exalava mau cheiro, e seus habitantes estavam dominados pelo álcool e degenerados»...

NO SERTÃO BOLIVIANO

● Fawcett vai conhecer os horrores do sertão. Partindo de La Paz — aonde chegara via Estados Unidos e descendo o Oceano Pacífico — alcança Rurenabaque e segue o rio Beni até Riberalta, perto da confluência do Beni e do Madeira — zona da borracha, da escravidão de índios e brancos, e onde as mais desumanas barbaridades estão na ordem do dia:

— «Geralmente os índios eram mortos à bala quando avistados pela primeira vez, ou então caçados para serem enviados como escravos às propriedades distantes, donde era impossível escapar e onde se lhes tirava, com o chicote, qualquer veleidade de independência. Os mais trágicos casos da região do Beni ocorreram na cidade e província de Santa Cruz de la Sierra. Os trabalhadores eram para aí levados acorrentados em bandos de 50 de cada vez e vendidos. Isso era contra a lei, é claro, porém os sindicatos provisórios sempre achavam naquele sistema de peonagem um meio de burlá-la».

Por outro lado, Fawcett teve a surprêsa de encontrar naquelas bárbaras paragens um próspero negociante alemão, de nome Winkelmann, que comprara uma jovem índia, mandara-a à Alemanha, onde ela recebera uma perfeita educação, e depois casara-se com ela:

— «Tomei chá com o casal várias vêzes. Achei a espôsa não sòmente de bonitas feições, como bem educada. Falava quatro línguas e adaptara-se perfeitamente à sua posição. Tinham uns filhos encantadores».



A MORTE ENCARA DE FRENTE

● Alguns meses depois, Fawcett regressa à Inglaterra, mas a fascinação do inferno verde dos trópicos não o largará mais: — «Invadiu-me uma grande saudade. Extraordinário e inexplicável ao mesmo tempo, eu sabia que gostava daquele inferno. As suas garras diabólicas me haviam aprisionado. Desejava vê-lo novamente»...

E aqui voltou, não uma, mas várias vêzes, irremediàvelmente fascinado, sempre mais visionário e sonhador, até a expedição final de 1924, em busca de velhas cidades perdidas:

— «Pelo menos uma vez na vida de cada homem, a morte o encara de frente...»

Quando e onde a morte encarou Fawcett de frente parece um mistério cada dia mais difícil de ser decifrado. — O. S.

UM RELÓGIO DE SOL

Ainda em Riberalta, apesar de tôdas as contrariedades que ali o afligiram, o seguinte espisódio não deixou de divertir o austero coronel britânico, investido das altas funções de delimitador oficial de fronteiras. Naquelas lonjuras do sertão boliviano, relógio era objeto de luxo, privilégio de poucos funcionários. Aproveitando a visita do coronel, um comitê de moradores procurou-o, pedindo que construísse um relógio de sol. Em parte para distrair-se, em parte também para pagar a hospitalidade daquela gente, Fawcett concordou. Quando o terminou e o instalou no meio da praça, em meio a grande cerimônia, desceram o véu com que tinham coberto o relógio de sol:

— «Foi uma ocasião para muitos discursos e uma grande bebedeira. Sugeriram que se construísse um abrigo sôbre êle para protegê-lo das intempéries! Naquela noite vi muita gente em volta do relógio de sol. Fui ver o que estavam fazendo.

— Isso não passa de uma fraude! — murmurou uma voz.

Acendeu-se um fósforo.

— Vejam! Não diz absolutamente as horas! Emprestem-me aí um fósforo. Vamos experimentar novamente... Aliás, acho melhor trazer uma vela.

— Mas está direito. Esta tarde mesmo eu vi as horas por êle — comentou um terceiro.

Formaram-se logo partidos, uns a favor, outros contra o relógio, e os ânimos foram-se exaltando. Chegou a tal ponto que um policial veio ver o que se estava passando:

— Idiotas! Não vêem que é preciso esperar a Lua subir para se poder com ela ver as horas? gritou, depois de inteirar-se do que se passava.

Três dias depois, o relógio de sol foi encontrado completamente destruído. Os partidários dêle acusaram os seus opositores de terem feito sabotagem».

ENCONTRO COM PLÁCIDO DE CASTRO

Mais adiante, Fawcett foi conhecer Plácido de Castro que, poucos anos antes, chefiara a luta libertadora pelo Acre:

— «Plácido de Castro veio despedir-se antes de sairmos de Santa Rosa. Como sempre, o coronel estava acompanhado de uma matilha de cães de várias raças, os quais tinham o costume de sentar-se a cada instante e coçar-se... Foi a última vez que vi o coronel, pois pouco tempo depois foi assassinado a tiros. A sua morte foi uma perda muito grande para aquela região dos seringais, pois era um homem de bem e inteligente. O coronel tinha exercido relevante papel para o Brasil na luta contra os bolivianos em 1903, por ocasião das divergências no Acre... Quanto às suas proezas, mostrou-se muito reservado, porém a sua fama já havia atravessado as fronteiras do Acre».

Porque não morar no Rio

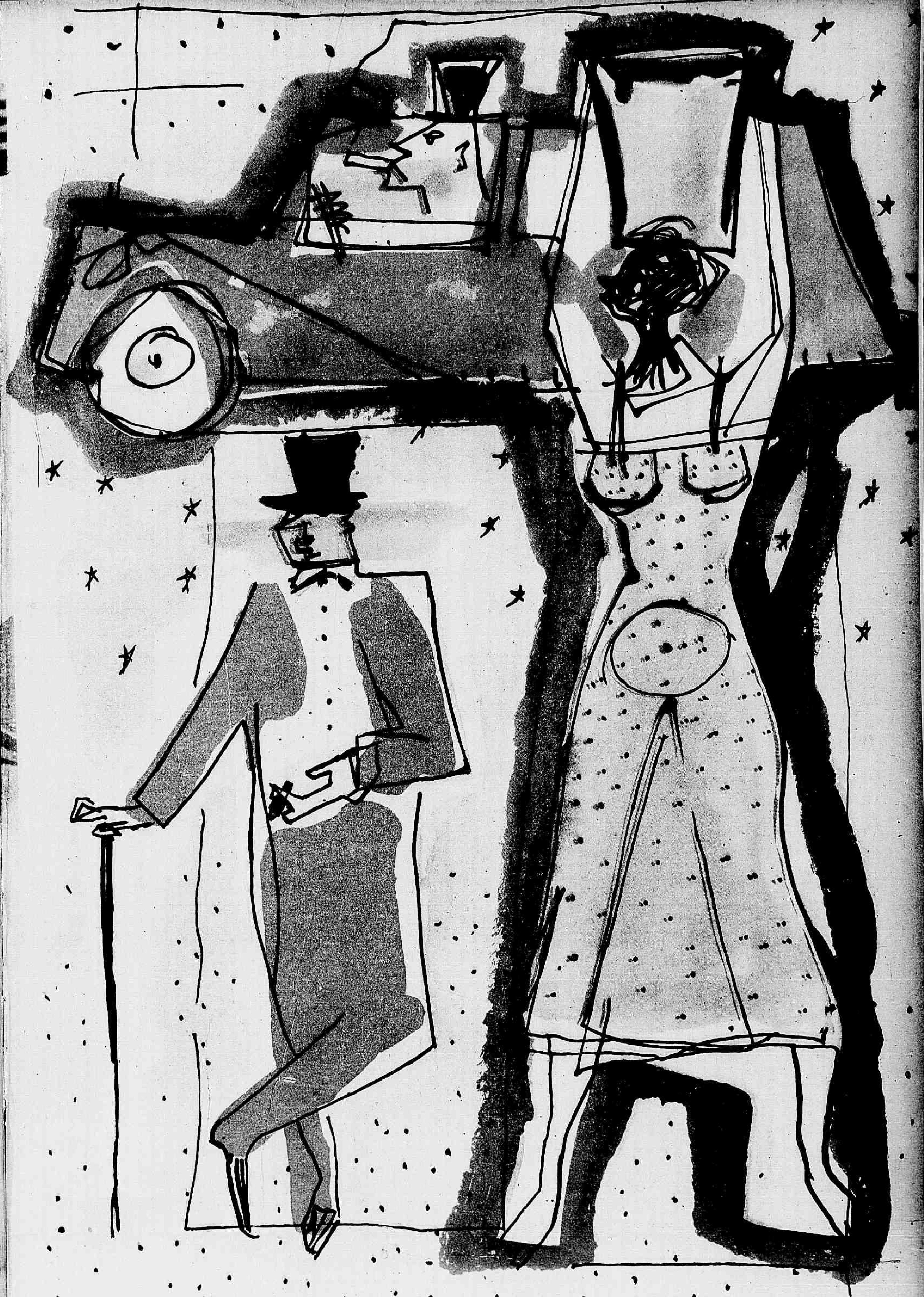
ANTONIO MARIA

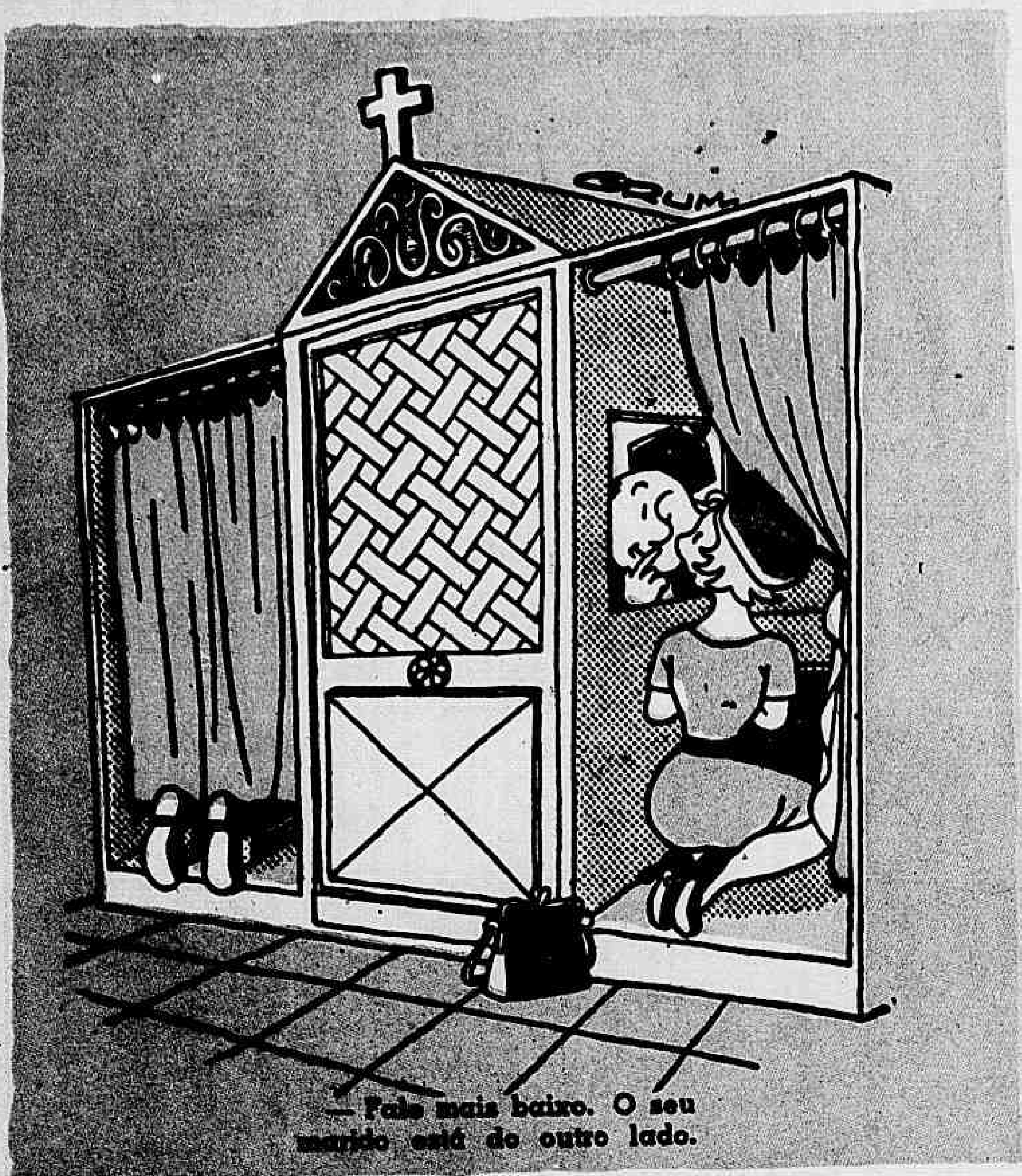
ESTA desmandada cidade apodrece aos poucos, enchendo de desgostos seus quase 3 milhões de habitantes. Dirigida e governada por homens sem a menor vocação de trabalho, sem o mínimo interêsse pelo bem público, vive, há cêrca de 10 anos, de falta e escassez. Quem ainda se lembra do Rio de 1940 e o compara com o de hoje, verificará, deplorando, que os homens comeram a fartura, gastaram a beleza, desperdiçaram os mil prazeres e confortos de um Distrito Federal chamado, em crônica de Genolino Amado, «Cidade Maravilhosa». Se viemos morar aqui — todos nós do Norte e do Sul — foi por causa do cartão-postal, foi porque disseram que havia muito de tudo, a qualquer hora. E havia mesmo. Carne, frutas, legumes, solidariedade, canções, riso fácil nas esquinas e mesas de café, dez piadas novas por semana e — em grande quantidade — essa coisa de Deus que, hoje, só nas garrafas de leite é possível encontrar: água. O drama de agora, numa casa de família, é o mais triste. Nos três primeiros dias de falta dágua, as pessoas se banham em cuias com água amarela armazenada na banheira. Do quarto em diante, começa a agonia total. As pessoas grandes deixam de se lavar em benefício das crianças. E estas — coitadas — passam panos molhados no pescoço e nas pernas, na ida e na volta do colégio. Êsses meninos, que mereciam uma sorte mais alegre, emagrecem e definham, enquanto seus corpos se queimam de brotoejas. Junte-se a isso as panelas sebentas, esfriando gordura na pia da cozinha; junte-se a isso os maus odores dos quartos sanitários; enquanto o Prefeito, coração tomado de amôres, sorri para as objetivas com sua linda noiva (portuguêsa, com certeza) à tiracolo.

Quem escreve estas notas, ou porque mora num bairro sem privilégios ou simplesmente por não ser um querido de Deus, sofre, em dimensões maiores do que lhe é possível descrever, as agruras da pobre cidade degradada e apodrecida. Sua casa é um pouso desagradável, ao pé de uma pedreira quente de sol, onde as torneiras não funcionam há 10 dias. Os banhos de sua família são tomados (de favor) em casa de alguns amigos. A água de beber é mineral, enjoativa depois do 5º dia, por causa dos sais e do acréscimo gazoso. Os nervos se irritam e o mau humor permanente estende as imprecauções ao próprio Deus que, diga-se de passagem, é dos menos culpados por êsses horrores. Culpados são os homens, por preguiça e incompetência.

Bastava a água que escorre da Cascata da Floresta (Tijuca) para lavar os corpos e matar a sêde de todos os cariocas. Naquela altura, farta como é, daria para o gasto da cidade e chegaria a cada canto do Rio, por gravidade, sem que fôsse necessários bombeamentos elevatórios. No entanto, essa água se perde pelo mato e escorre inútil montanha à baixo (essa e dezenas de outras cascatas, situadas nos arredores do Rio). Quem trabalhou em irrigação de cana sabe quanto vale um fio dágua nascido em grande altitude. É fácil retê-lo, açudá-lo e trazê-lo para as várzeas, preparando-lhe, suavemente, a descida em declives macios. Nossa cidade, nesse particular, é das mais beneficiadas do mundo. Tem água em grande alturas. . . e morre de sêde. Infelizmente, na hora em que estas amarguradas palavras caem sôbre o papel, já não há para quem se apelar. Gastamos tôdas as tintas com que podíamos pintar nossa densa miséria. E ninguém ouviu. Banhadas e felizes, as autoridades continuam vivendo em seus múltiplos bem estares: de higiene, de amor, de mando e de glória. E, aos coitados de nós, o que resta? Voltar cada um para seu Pernambuco ou seu Ceará, para o seu Rio Grande do Norte ou do Sul, onde quem manda ainda trabalha e ainda se sente engradecer ao fazer alguma coisa de bom pelos homens e pelas coisas. Por que não morar no Rio? Porque falta água, porque a luz é racionada, porque os maus cheiros (que são sete) começam na avenida Brasil e acabam na subida da Niemeyer, porque o leite é vendido em mistura com água, porque falta carne, porque as ruas são sujas e esburacadas, porque os preços dos apartamentos são proibitivos, porque não existe polícia, porque faz calor e porque o trânsito não anda. Quem ainda não veio, que fique em sua terra. O cartão-postal é uma mentira e o apelido que o cronista botou na cidade virou ironia. Cidade Maravilhosa, tua gente não faz mais graça e a preguiça dos homens incumbidos de manter teus encantos e confortos acabou as tuas maravilhas.

Desenho de DAREL





— Fale mais baixo. O seu marido está do outro lado.



— Prontos? Podem largar!

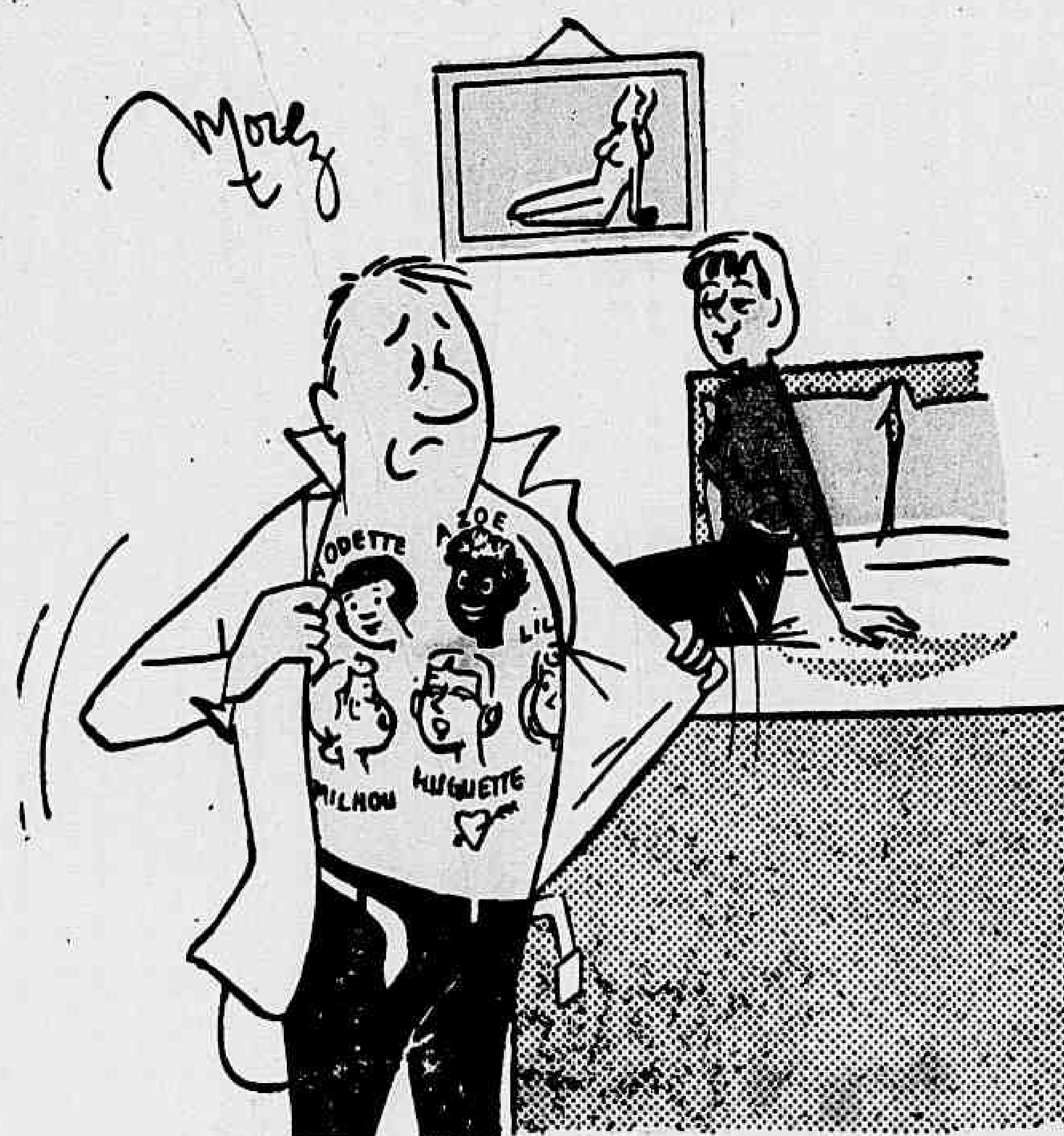


— A água esta manhã está frigidíssima!

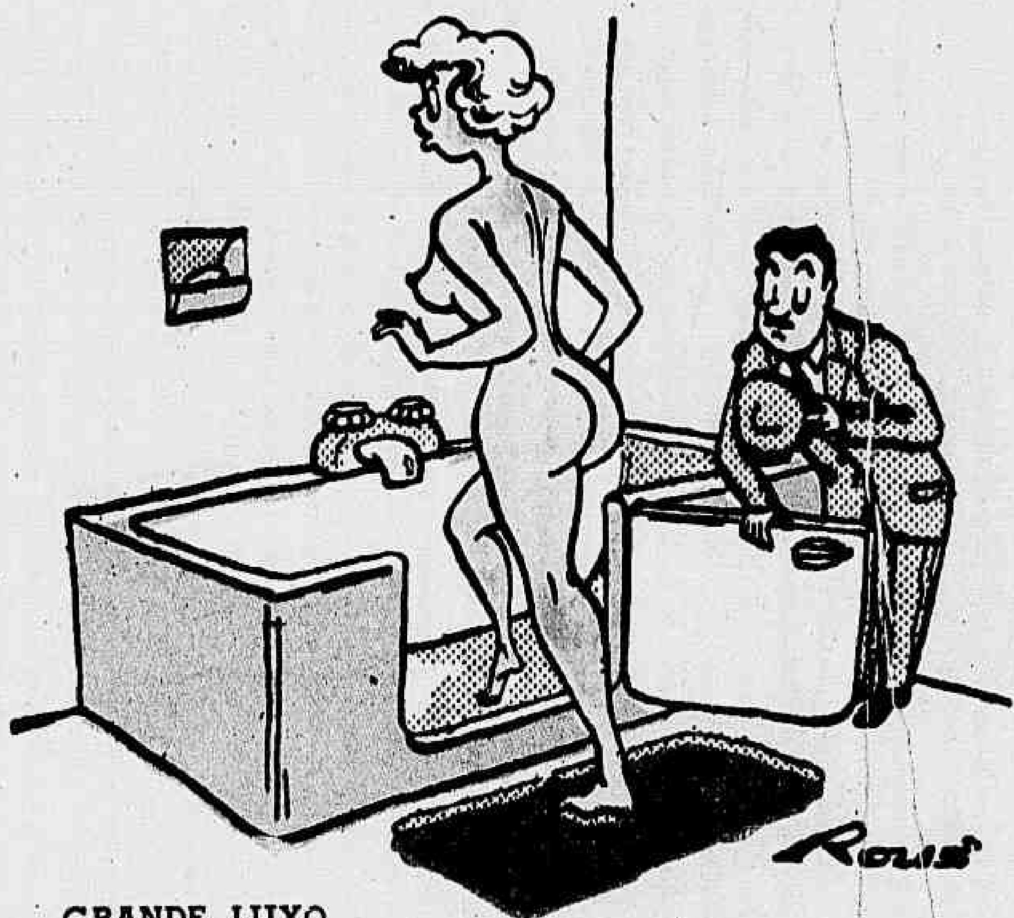
TÔDAS AS CÔRES NO RISO DOS OUTROS



— Eu creio que se trata de timidez. Quando êle está ao seu lado, não sabe deixá-la...



— Jure que eu sou a primeira...



GRANDE LUXO



SEM PALAVRAS



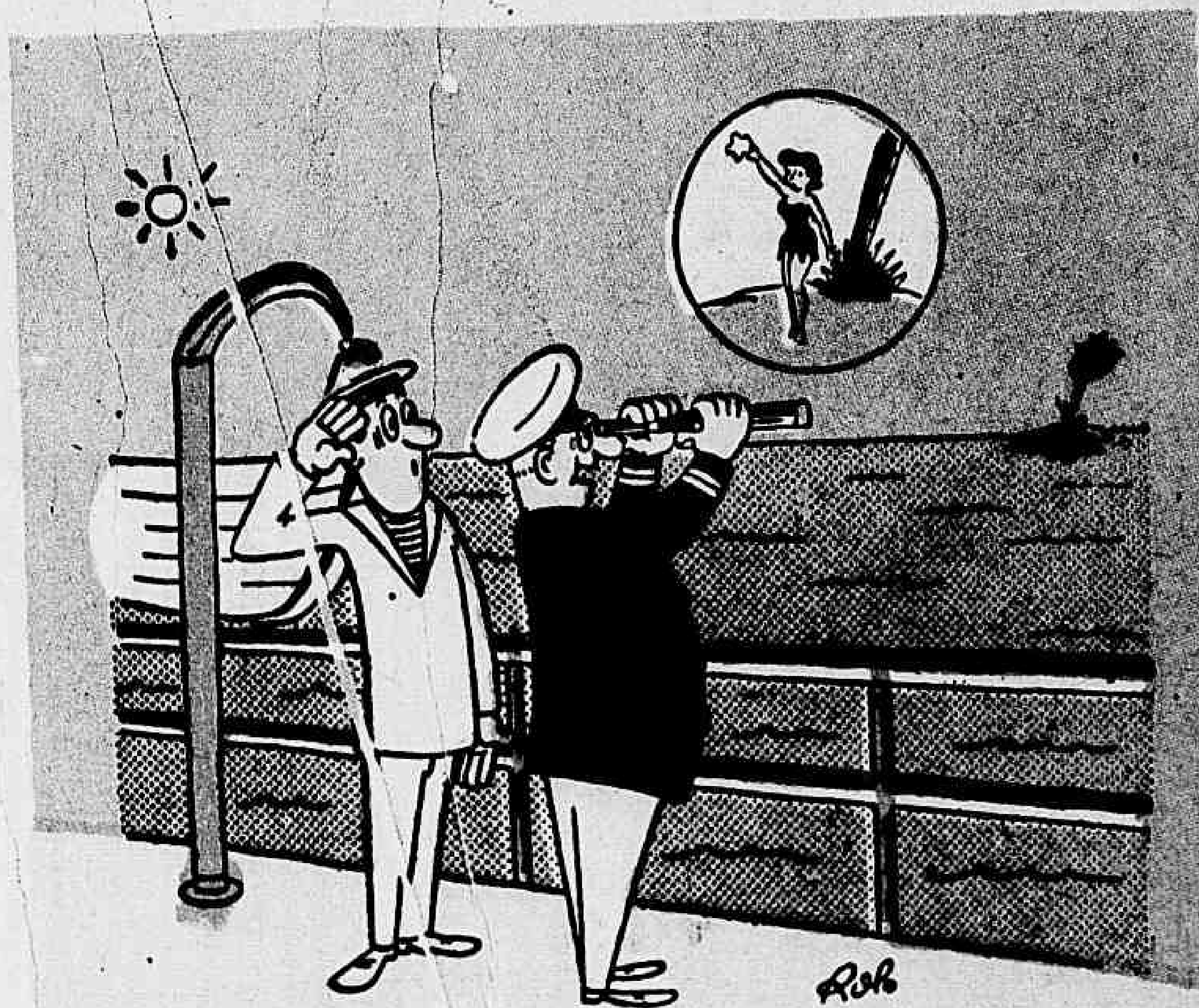
— Hein? Que fôrça!



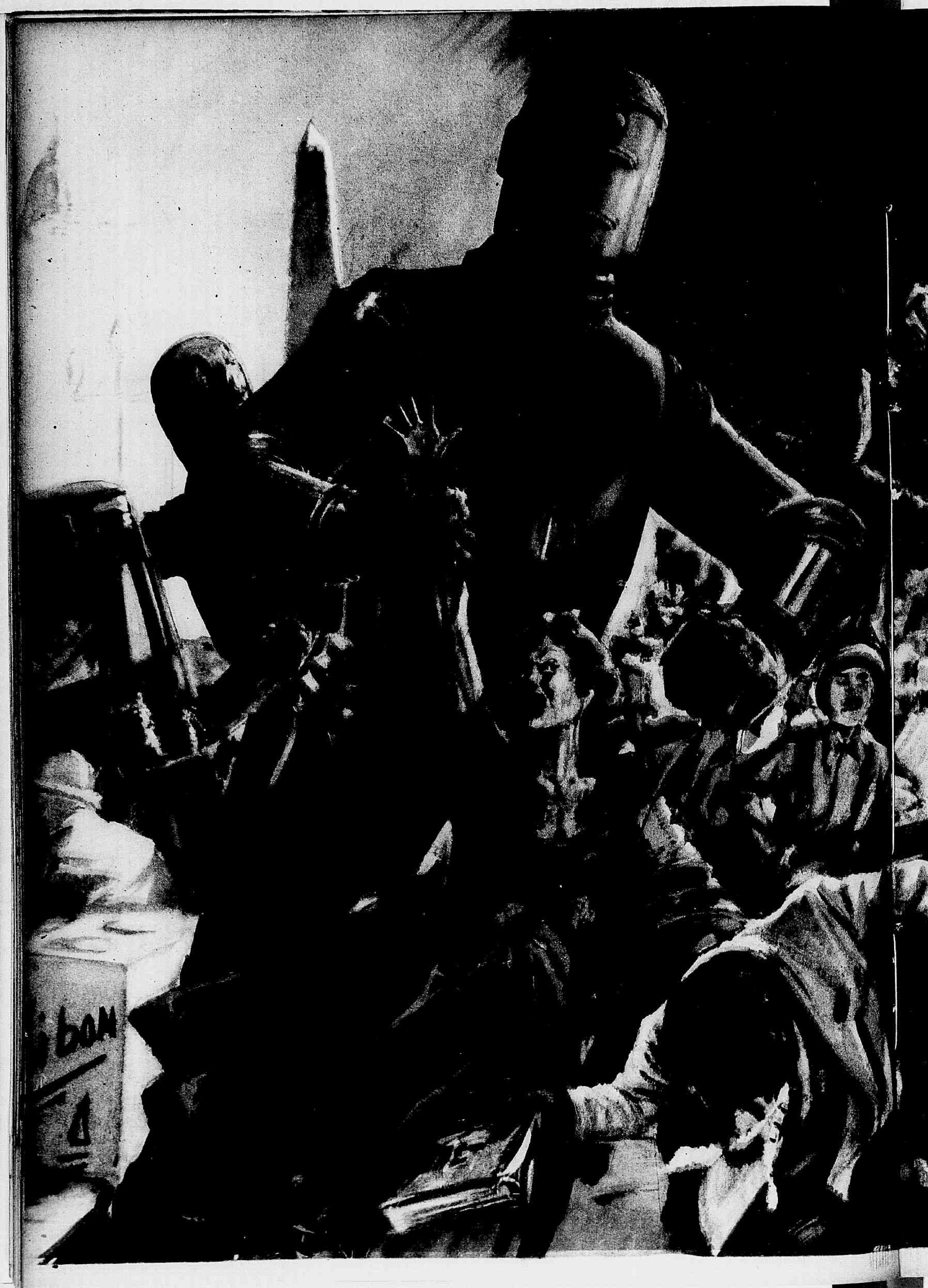
SEM PALAVRAS



— Diabo — êste modêlo é um pouco intimidativo...



— Vamos, depressa: mande para o meu camarote champanhe «salgadinhos» e ponha música suave na minha vitrola...



O CÉREBRO DE AÇO DOMINARÁ OS HOMENS

ENTRE PAISAGENS ALUCINANTES UM "ROBOT" ESPERA A CHEGADA DO ANO 2.000, QUANDO TERÁ COMÊÇO O SEU DOMÍNIO SÔBRE A RAZÃO HUMANA ★ MARAVILHA QUE OS NOSSOS NETOS VERÃO: UM PÔSTO DE RÁDIO DESPERTA AUTOMÀTICAMENTE E FAZ CAFÉ!

Reportagem de ANDRÉ PIGAL

MERGULHADOS no irreal e no fantasmagórico, os êmulos de H. G. Wells e de Júlio Verne se esforçam por entrever, partindo de dados científicos, o que será o mundo de amanhã. A ficção e a previsão os preocupam à tal ponto, que êles constroem, dando livre curso à imaginação transbordante de fecundidade, um extraordinário magma às paisagens sobrenaturais freqüentadas por sêres extraordinários parecendo criados por magia. Esta ciência-ficção apaixona os norte-americanos, enquanto ainda a tratamos na França, mui timidamente, pois as nossas concepções tradicionalistas são um freio a êste realismo ultra-futurista. Dois precursores, Jean Aubier e Stephen Spriel, tiveram a idéia de organizar na rua das Belas Artes, numa dessas minúsculas e pitorescas livrarias que povoam o quarteirão estudantil do Luxemburgo, uma espécie de «digest» bastante curioso e a que deram êles o nome de «Presença no Futuro».

EM UMA «SIMILE-CAVE» — O teto baixo, com vários pilares, dá certa semelhança de uma adega de Saint-Germain-des-Près — (tão próxima, aliás), dêsse local, cujas paredes estão cobertas de desenhos e estranhos quadros que dão arrepios às almas sensíveis. Para tornar impressionável o ambiente, desde a entrada, se o visitante olhar à esquerda, verá gigantesco «robot» de 2 metros e 50, suspenso de ganchos, monstruosamente impressionante. Imóvel, com sua bôca monstruosa, da qual emergem enormes dentes, seus braços metálicos estendidos como para agarrar uma prêsa, prefigura os sêres que nos substituirão um dia para efetuar a maior parte das tarefas que nos assoberbarão pròximamente, e já nos preocupam agora. Inventado por um russo que continua em lugar ignorado, **Gustavo** permanece inerte depois do desaparecimento de seu criador, o qual, sòmente êle, conhece os mistérios de seu estômago mecânico. Reduzido, lamentàvelmente, a ferro velho desde a ocupação, passou a pertencer a uma firma de tubos eletrônicos, que espera fazê-lo funcionar. «É pena que eu não tenha descoberto o segrêdo que aciona seus movimentos», disse-me Stephen Spriel, melancòlicamente. «Parece que anda, fala e enlaça as mulheres em seus braços, êsse «robot»! Seus olhos e suas orelhas se iluminam para exprimir seus sentimentos!» Quanto a mim, se bem tenha vontade de acreditar nisso, digo aqui entre nós, leitor, não me convenci do que me disse Spriel. É verdade que estamos no domínio da previsão, esquecia-me de lembrar...

T. S. F. «UP TO DATE» E... MAGNETOFONE-MICRÓBIO — Antes de agitar-se ao acionar dos quadros de fotos-montagens consagradas ao «Universo Zero» e ao «Raio Invisível» e outras coisas tão originais, um poste de rádio que nos desperta sob deliciosa música a hora convencional e faz café, deixou-me perplexo, a sonhar. Nada má esta T. S. F. aperfeiçoada, prelúdio da mecanização 100% que nos proporcionará encantos sem fim. Também há um minúsculo aparelho capaz de realizar muitos trabalhos: o menor magnetofone do mundo (segundo me disseram). Não pesa mais de 986 gramas e pode ser colocado ou adaptado a qualquer corrente, a uma simples pilha ou mesmo sôbre a bateria dos acumuladores de um automóvel. Uma espécie de formiga gigante procedente de Marselha, batizada com o nome de «Valérie» e que funciona segundo impressões registradas por duas células foto-elétricas mergulha os visitantes no abstrato.

OS PRECURSORES DA CIÊNCIA-FICÇÃO — Por uma curiosa coincidência, premonições de Picabia, que acaba de desaparecer se mostram ao lado de «Métro-Lune» e de incríveis figuras do apocalipse. Alucinantes imagens lembram Frankenstein granguinholesco, «Metrópolis» e seus quadros assombrosos, «King-Kong», o monstruoso, «A guerra dos mundos», cujos processos de destrüição deixam longe os atuais engenhos de matar.

Monstros ciclópicos, horríveis, pervagam em paisagens pertencentes a estranhos planêtas, discos-voadores se chocam enquanto outros engenhos não menos fantásticos se entrêgam a épicas batalhas. A mais desenfreada fantasia, a mais desordenada imaginação têm aí livre curso. Aqui e ali podemos ler na lombada das encadernações, os conhecidos nomes de Maurice Renard, Edgar Poe, Robida, Raymond Queneau, Tanguy, Sousouki, os quais, à sombra de seus ilustres predecessores Júlio Verne e Wells, grandes mestres da antecipação, tentam, por sua vez, em seus livros, pintar cenas do ano dois mil, tais como imaginam seus cérebros.

Já se fala de uma usina automática na qual, por engenhosa sincronização de máquinas, a mão-de-obra humana se tornará completamente inútil. Um gigantesco painel de comando acionado por um único homem será suficiente para o funcionamento e contrôle de uma centena de máquinas. Os submarinos atômicos entrarão também, muito breve, em serviço. Os foguetes interplanetários se aperfeiçoam para grandes viagens, que parecem irrealizáveis.

Antes da travessia do Atlântico em avião, considerava-se como coisa de loucos falar-se em tentar esta aventura. Lembremo-nos, porém, que isso não é acontecimento muito antigo. Os pulos sôbre os Oceanos já se tornaram assunto vulgar, banalíssimos, hoje em dia. Por que motivo não devemos acreditar na exeqüibilidade dos «robots»? Por que não admitir, então, que, muito em breve, poderemos empregar engenhos que, no momento, nos parecem irrealizáveis? A antecipação e a ficção perderão seus caracteres de fantasia nos séculos futuros.

PARIS elege o "pois"

PARIS — Abril 54 — por MONIQUE RENAUX
(correspondente exclusiva da REVISTA DA SEMANA na Europa)

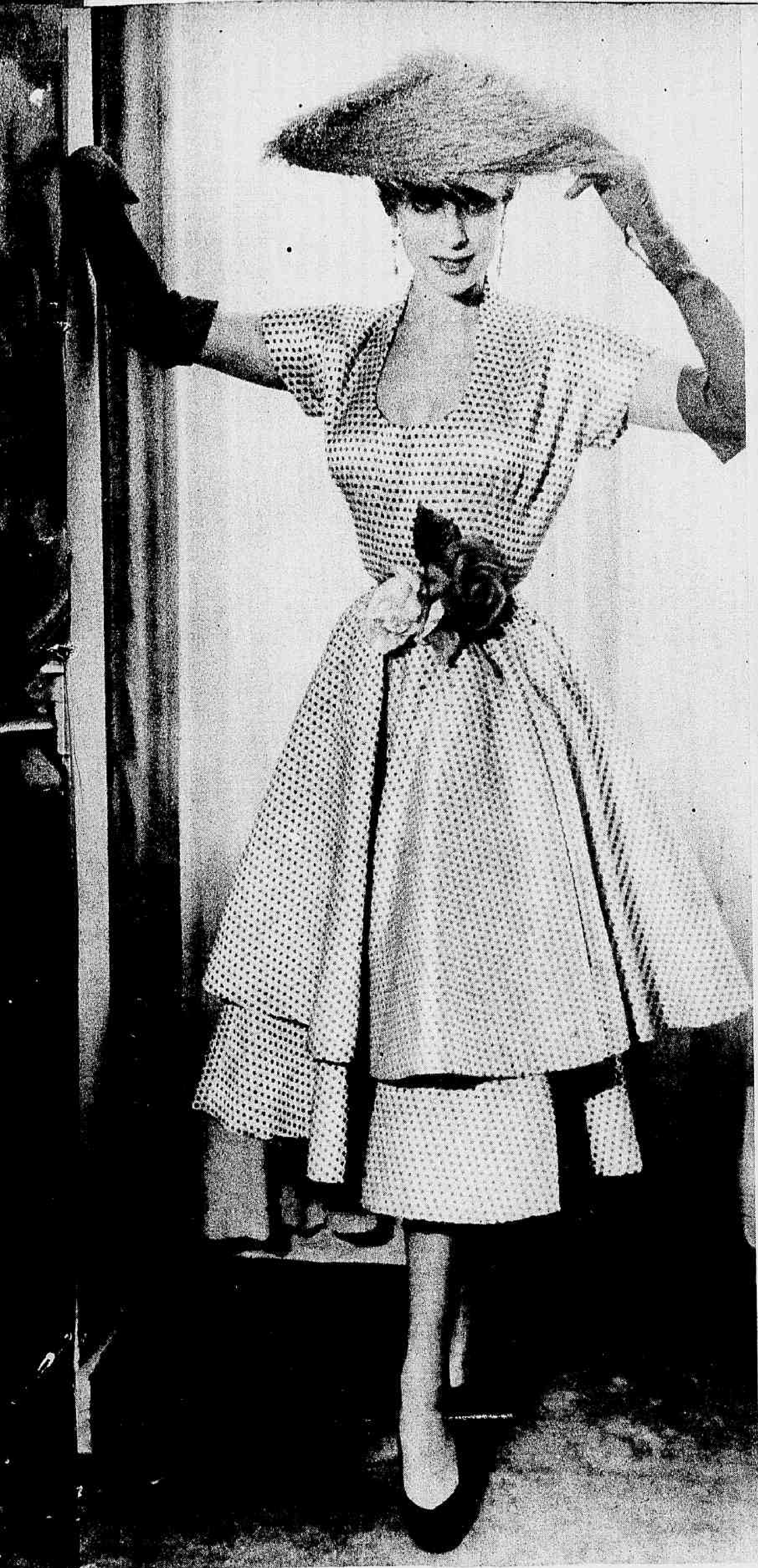
MAGGY ROUFF — Vestido em tecido de algodão branco, com pastilhas vermelhas. O modêlo é debruado com uma tira plissada, em organdi vermelho, e nessa côr são as flores do decote e a estola.



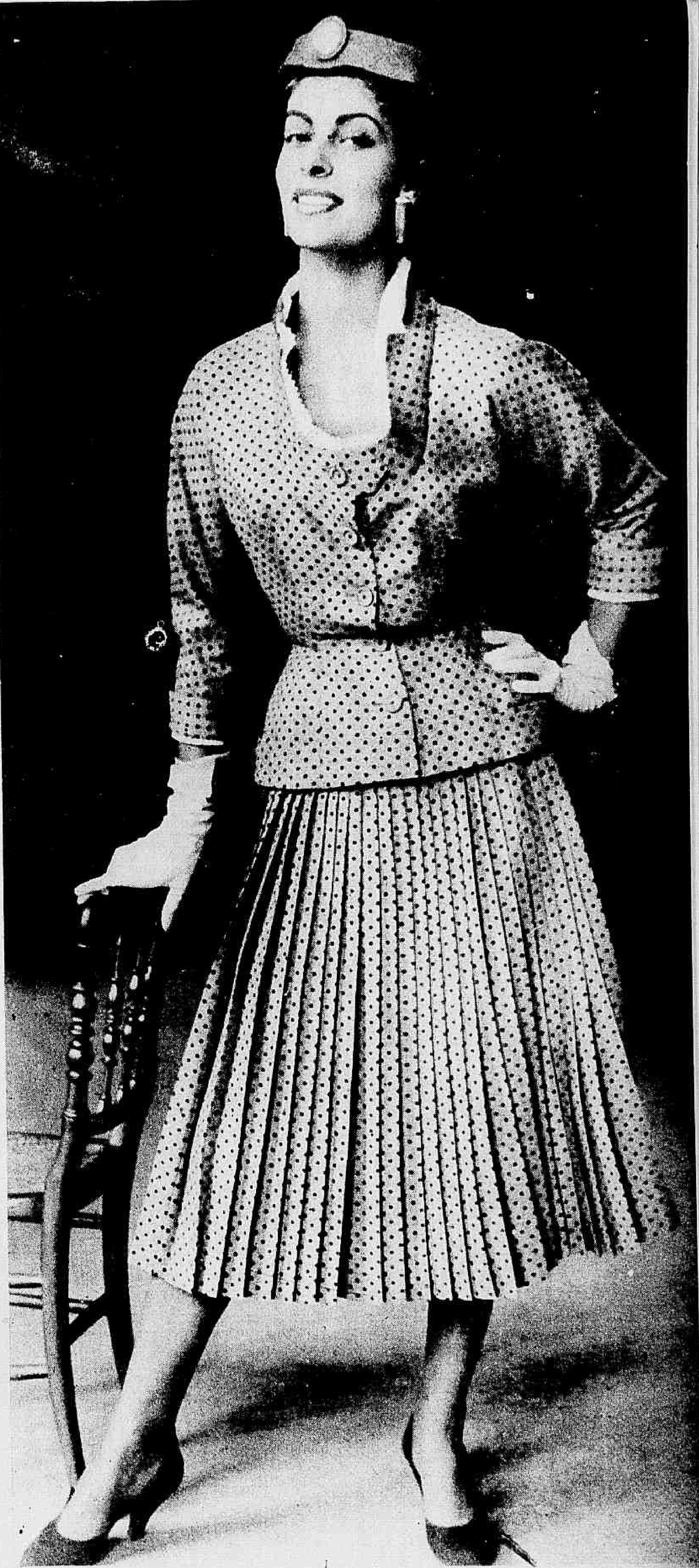


BALMAIN — Vestido de «twill» branco, com pois negros. Faixa dupla na cintura, em «twill» negro, com pois brancos e em shantung âmbar.

DEPOIS de passada a primeira fase, um pouco confusa, que segue todo lançamento de modelos para a estação, podemos analisar mais detalhadamente algumas das características mais interessantes da moda para a primavera (européia) de 1954. Por exemplo a grande quantidade de modelos em «pois», que, nas ruas de Paris, continuam a ser destacados pela sua graciosidade. Êste ano, os industriais de tecidos se esmeraram em apresentar criações em pastilhas, de grande beleza, em tecidos finos, e nas mais diversas côres, desde o tradicional «pois»



REGINE LUTECE — Vestido em crepe otomano, de sêda cinza pérola, com pastilhas azuis. Na cintura rosas vermelhas e côr de rosa.



MAGGY ROUFF — Costume em «twill» cinza, com pastilhas azuis. O decote e os punhos, com uma borda em plissê branco. Saia pregueada. (Modelos exclusivos — Reprodução proibida).

segue
mais
es da
rande
nam a
ecidos
beleza,
«pois»

branco e colorido até os mais exóticos, em dourado, prateado ou tonalidades metálicas. Êstes, porém, são usados apenas nas tualetes de noite, ou de baile, que constituirão assunto de outra crônica, oportunamente. Para as leitoras do Brasil, escolhemos, ao contrário, uma série de modelos em «pois» mais adaptados ao clima de seu atual outono — ainda um pouco quente — e em tecidos mais tradicionais. Destacamos de forma especial a bela criação de Balmain — em 3 tecidos diferentes — numa curiosa, porém agradável, combinação de côres; e o modêlo sem alças de Maggy Rouff — com babadinhos plissados e estola na mesma tonalidade dêstes. Notem, ainda, que dois dos modelos são adornados com flores, pois descobriu-se que, sôbre tecidos de «pois» são elas de efeito graciosíssimo, muito feminino. Tornou-se a descobrir, aliás, pois no século passado tal associação (assim como flores e quadriculado) era muito apreciada. Como vemos, na moda como em tudo o mas, nada se cria, tudo se renova, e os modelos vão e vêm num eterno desfilar de elegância.



WEEK-END NA COZINHA

BOLOS DE PÁSCOA



● *Se você gosta de preparar para seus amigos, ou os amiguinhos de seus filhos, uma reunião especial, de vez em quando, por que não aproveitar a época festiva de Páscoa para isso? Terá uma porção de motivos inspiradores, para a confecção do menu e a decoração da mesa, e poderá organizar algo diferente. O tradicional coelhinho, ovos coloridos ou peixes, são temas apropriados para a época. Ao contrário do que todo mundo pensa, as comemorações de Páscoa não surgiram com o cristianismo. Já os pagãos festejavam, no mês de abril, uma festividade que entre os anglo-saxões se denominava "eostre" — em que, com iguarias e bolos, comemoravam os primeiros dias da Primavera. Quando surgiu o cristianismo, a Páscoa foi celebrada comemorando a ressurreição de Cristo, e também como continuação da Páscoa dos hebreus. Mas em todos os países, pouco a pouco, foram sendo adotados os ritos festivos pagãos na maneira de festejar essa data.*

...e no bar

PONCHE DE FRUTAS

(receita para 20 copos)

Para completar o seu menu de Páscoa, êste delicioso «ponche de frutas», geladinho.

1 litro e meio de suco de abricó
1 litro e meio de suco de abacaxi
1 copo de caldo de limão
2 copos de água gelada
Fatias finas de abacaxi e folhinhas de hortelã.

Misture todos os ingredientes líquidos e ponha na poncheira, sôbre quadradinhos de gêlo. Junte os pedaços de abacaxi e enfeite com as folhinhas de hortelã pimenta.

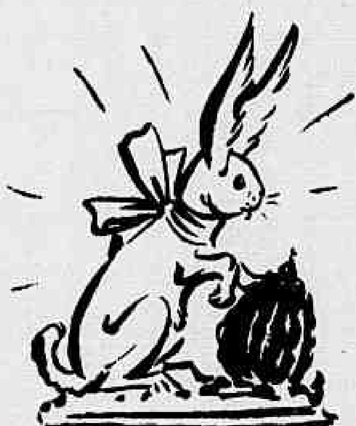


● Uma boa idéia, é fazer um bonito bôlo, ornamentado apropriadamente, que, ao mesmo tempo, enfeitará a mesa. Por exemplo, o bôlo de chocolate da fotografia, enfeitado com coelhinhos de marshmallow. Numa tijela grande, bata 3 gemas de ôvo, junto com 2 xícaras de açúcar. Quando estiver bem batida, acrescente 1/2 xícara de manteiga. Junte 2 xícaras de farinha de trigo, peneirada com 1 pitadinha de sal, e 2 colheres, das de chá de fermento em pó, alternadamente com 1 e meia xícara de leite onde se dissolveu 1 colher das de chá de essência de baunilha. Junte 200 gramas de chocolate em tablete, derretido, e por fim, as 3 claras, batidas em ponto de neve.

Asse numa fôrma, de perto de 20 centímetros de diâmentro, bem untada de manteiga, e forrada com papel impermeável, também untado. Forno moderado, cêrca de 40 minutos.

Depois de assado, deixe esfriar, e cubra com sua glacê de chocolate preferida. Agora, eis como fazer **os coelhinhos de enfeite:** corte pastilhas de marshmallow pelo meio. Use uma metade para o corpo, e a outra para a cabeça dos coelhinhos. Para as orelhas corte os marshmallow em tiras, no feitio apropriado. Faça os olhos e os bigodes pintando-os com corante vegetal.

Para cortar os marshmallow o melhor é usar uma tesoura, que você mergulhará de vez em quando nágua, para que não «pegue».



● Em vez do bôlo de chocolate, pode, também fazer um bonito **bôlo em camadas,** coberto de glacê, com côco ralado. Arrume em cima do bôlo grupos de ovinhos (3 de côres diferentes — amarelo, azul e vermelho) espalhados de espaço a espaço. Ficará lindo e menos trabalhoso do que o anterior.

Vejamos, porém, a receitta do bôlo em camadas:

Bata, numa tijela grande, 1/2 xícara de manteiga. Junte 2 e meia xícaras de farinha de trigo, peneiradas com 3 colheres, das de chá, de fermento em pó, 1 pitada de sal, e 1 1/2 xícara de açúcar. Depois acrescente 1 xícara de leite e 1 colher das de chá de essência de baunilha. Misture até que a farinha fique bem ligada à massa. Junte, finalmente, as gemas e as claras, batidas separadamente (as claras em neve). Misture.

Divida a massa para assar em duas fôrmas redondas, de cêrca de 20 cm de diâmetro, e que devem ser bem untadas. Asse em forno moderado, perto de 25 minutos. Deixe esfriar, para cobrir com a seguinte glacê:

Glacê de Páscoa: Bata 2 claras em neve, junte-lhe 1 1/2 xícara de açúcar de confeiteiro, 1/3 de xícara dágua e 2 colheres, das de chá, de xarope de milho (glicose). Continue a bater até misturar tudo. Cozinhe ràpidamente em banho-maria, sem parar de mexer, com uma colher de pau. Tire do banho-maria, junte 1 colher, das de chá, de essência de baunilha, e bata mais um minuto.

Espalhe a glacê entre os dois bolos, colocando um por cima do outro, e sôbre o mesmo, espalhando para os lados com uma espátula. Por fim, ponha por cima o côco ralado (ralado bem grosso, fica mais bonito) e decore com os ovinhos.

● Em vez de um bôlo grande de Páscoa, você pode fazer uma porção de biscoitos, cortados com fôrmas apropriadas (coelhos, ovinhos, sinos, etc) — e depois enfeitá-los com glacê de várias côres, ou com açúcar cristalizado colorido.

Eis uma receita ótima de **biscoitos:** bata 2/3 de xícara de manteiga com 1 1/2 xícara de açúcar. Junte depois 1 ôvo (ou, se achar melhor, 2 gemas), 1/3 de xícara de leite, e uma colherinha de essência de baunilha. Misture tudo muito bem. Acrescente 4 xícaras de farinha, peneirada com 1 pitada de sal e 3 colheres das de chá de fermento em pó. Termine de amassar com a mão. Abra a massa num taboleiro de madeira, com o rôlo, e corte com as forminhas. Os biscoitos ficarão muito gostosos se você acrescentar à massa 1 xícara de passas sem caroço, de nozes picadas ou de côco ralado.

TIA DULCE

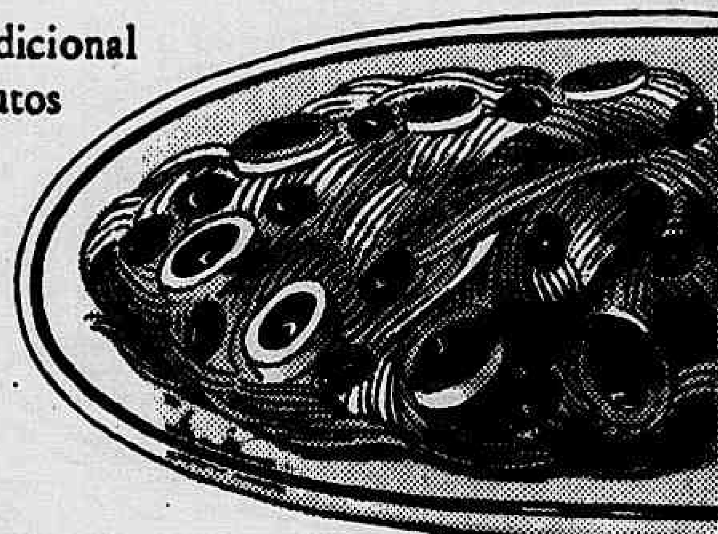
-Macarrão qualquer um faz...



...mas você sabe que não é qualquer macarrão que proporciona uma boa macarronada. O grande segrêdo está na qualidade da massa, como a Aymoré, cuidadosamente preparada e empacotada de forma a conservar seu sabor original.

Ao adquirir massa lembre-se da tradicional qualidade dos produtos





AYMORÉ

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE



AGORA elegantes modêlos em sola fina

Calçado SOUTO

Confôrto máximo Garantia absoluta

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 10 E 16 DE ABRIL DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Uma fase de fáceis realizações lhe será proporcionada nos próximos sete dias. O astro que lhe comanda o destino receberá uma porção de bons aspectos, podendo, assim, estimular as atividades e lhe facilitar os objetivos. Os dias 11, 12, 14 e 16 serão os mais propícios.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Movimente-se um pouco mais. A felicidade passará, por antecipação, ao seu alcance. Seja natural nos encontros marcados. Não descure os encargos nem demore as soluções. Tudo, na semana entrante, dependerá da presteza com que agir.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Seus esforços serão coroados de êxito, embora o ambiente da semana, no seu caso, seja moderado. Faça tudo com método, concisão e reflexão. Não haverá nenhuma necessidade que o force a atos precipitados. Sem a necessária calma não conseguirá algo interessante.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor terá, na próxima semana, um ambiente muito melhor. Suas relações serão melhoradas em número e em qualidade. Os negócios serão processados num ambiente seguro e de muita chance. Os melhores dias serão 11 e 13. O dia 16 terá favorabilidades apenas na parte da manhã.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Pequenas dificuldades estorvarão as aspirações do leitor, no período que se avizinha. De um modo geral, a semana não lhe será desfavorável, pois poderá conseguir a realização de algum dos seus atuais objetivos, não obstante os obstáculos acima apontados, de pequena monta, aliás.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não ative o caso sentimental que o preocupar no momento. As coisas ficarão ainda mais complicadas. Volte sua atenção para o mundo dos negócios, pois será êsse o setor mais beneficiado. O limite das suas possibilidades, neste particular, será ditado por sua própria vontade.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O leitor terá uma semana equilibrada. A receita suportará bem as despesas. As realizações serão mais fáceis, no campo profissional. Não tente especulações, jôgo, empréstimos, etc. Propenso a sofrer uma diminuição nas solicitações que fizer, o leitor estará melhor, contando apenas com seu próprio esfôrço.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Sua posição astral será muito recomendável, na próxima semana. Os melhores dias para qualquer empreendimento serão 11, 14 e 16. Os dias restantes favorecerão as ocupações ordinárias e os encargos domésticos.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Uranus, símbolo da violência, predisporá o leitor a atitudes e atos impulsivos. Contenha, notadamente nos dias 12 e 13. Os influxos reinantes poderão levá-lo à prática de uma imprudência de resultados imprevisíveis.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Mantenha o mesmo otimismo da semana anterior. As mudanças que se verificarem no seu clima astral serão para melhor. Não haverá, pois, desfavorabilidades, notadamente no setor dos negócios e da vida doméstica. Tudo O. K.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Os eflúvios desfavoráveis da semana anterior, no seu caso, estarão bem reduzidos. O ambiente se elevará, o que melhorará, consideràvelmente, a posição ocupada pelo leitor. Os melhores dias serão 10, 11, 14 e 16.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Deixe para os dias 11, 14 ou 16, a assinatura de contratos ou de documentos que importem em obrigações financeiras para o futuro imediato. Sua posição, a tal respeito, não será favorável, nos dias restantes da semana.

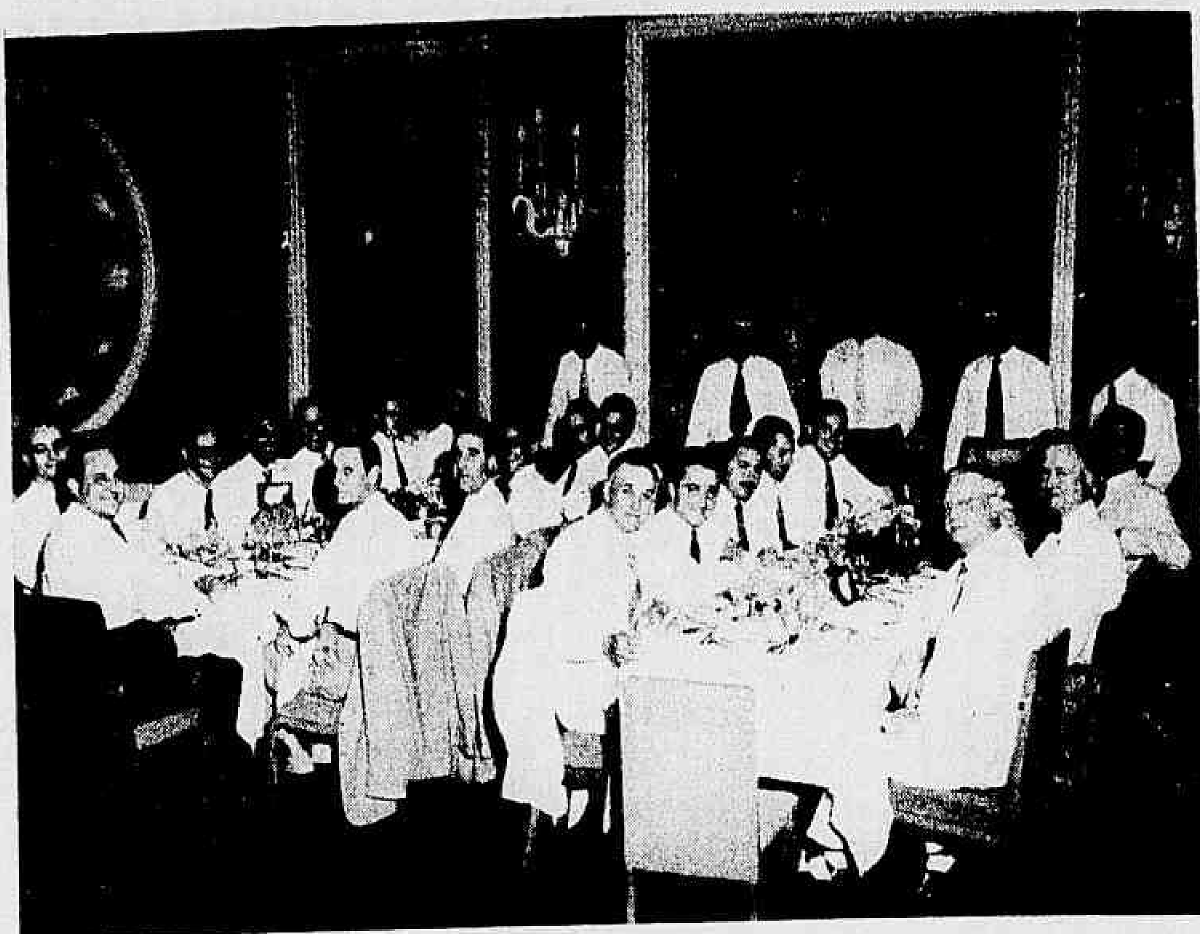
OS NOMES DA SEMANA

Abril,	10	—	Eizel	—	Arminda
"	11	—	Fausto	—	Sueli
"	12	—	Antônio	—	Floriza
"	13	—	Leopoldo	—	Ivanilda
"	14	—	Alvaro	—	Amandina
"	15	—	Teobaldo	—	Nilsa
"	16	—	Napoleão	—	Clélia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Abril,	10	—	20º - 4' - 47"	(Signo do Carneiro)
"	11	—	21º - 3' - 39"	(" " ")
"	12	—	22º - 2' - 29"	(" " ")
"	13	—	23º - 1' - 17"	(" " ")
"	14	—	24º - 0' - 3"	(" " ")
"	15	—	24º - 58' - 46"	(" " ")
"	16	—	25º - 57' - 27"	(" " ")



A GENERAL ELECTRIC E A GRANT FIZERAM 10 ANOS DE BOAS RELAÇÕES

HÁ 10 anos a Grant Advertising, Publicidade S/A. iniciava suas atividades no Brasil, instalando no Rio seu primeiro escritório, com pouco mais de uma dezena de funcionários. Foi um de seus primeiros clientes a General Electric S/A. Desenvolveram-se desde então os negócios da Agência, levando-a a aumentar seu quadro de pessoal — que hoje conta uma centena de funcionários nos escritórios do Rio, S. Paulo e Pôrto Alegre — de modo a atender aos interêsses de seus grandes clientes, como a G.E., que continua confiando-lhe seus problemas publicitários. Agora, no décimo aniversário do início de relações publicitárias entre as duas grandes emprêsas, a Grant Advertising, Publicidade S/A. homenageou a alta direção da General Eletric com um jantar que teve lugar no Clube Naval. Nessa ocasião, Mr. Ralph Greenwood, presidente da G.E. manifestou sua satisfação ante o modo pelo qual se desenvolveram as relações entre as duas emprêsas durante os anos decorridos, reafirmando a certeza de que assim continuarão elas a se desenvolver no futuro. Falando em nome da Grant, o sr. Robert G. Sutherland, seu presidente, depois de prestar homenagem à General Electric no Brasil, lançou a idéia de uma organização de anunciantes visando ao contrôle das verbas dispendidas em propaganda e à defesa de outros interêsses dos associados, argumentando que tal iniciativa já se tornou uma necessidade no Brasil, diante do desenvolvimento alcançado pela propaganda no país. Na foto, um aspecto da reunião, vendo-se de pé os diretores da General Electric e da Grant.



PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG ★ PING-PONG

Talento e formosura de Elsie Lessa

"LIVRO RUIM NÃO ME DÁ SONO. TIRA" ★ AFIRMA A ÓTIMA CRONISTA DE "O GLOBO", QUE TEM AINDA, PARA OS QUE MORREM DE AMOR, UM CONSELHO QUE VALE OURO (DESCUBRAM-NO).

Entrevista a FRANCISCO RIBEIRO **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

● Elsie Lessa é autora de um livro de contos (bons), «Enfermaria de 3ª», e de um livro de crônicas (ótimas) — «Pelos caminhos do mundo». Há dez anos atrás, falou-se nela como de uma estreante que prometia. O que Elsie prometeu, pagou: hoje, ela é, indubitàvelmente, um dos cinco melhores cronistas do Brasil. E forma no «scratch» feminino que vem dando à literatura nova do Brasil uma contribuição de primeira ordem. Como se sabe, aconteceu algo misterioso nos últimos anos, aqui no Brasil, e de repente a maioria das mulheres, escritoras e jornalistas militantes, começaram tôdas a escrever muito bem. Elsie Lessa faz parte dêsse grupo. Sua maneira é sôlta, sincera, exata e correta: ela tem um jeito, escrevendo, de quem está se balançando numa rêde, numa varanda ampla e fresca, e contando uma história boa de ouvir. É ao mesmo tempo mansa e veraz. No ping-pong que se segue o leitor encontrará o melhor da cronista Elsie: agilidade, propriedade e bom gôsto. E alguma experiência.

PING — Quando foi que v. escreveu a primeira crônica?

PONG — A data exata não sei. Só posso garantir que foi numa aula de matemática, para encher o tempo que não passava. Devia começar mais ou menos assim: «O velho relógio da Faculdade (era a Faculdade de Direito de S. Paulo) acaba de bater três horas...»

PING — Qual era o assunto

PONG — As saudades — tinha que ser! — que íamos ter da velha Escola. Foi escrita a lápis, em letra feia, num caderno de apontamentos. E lá ficou.

PING — Qual foi o lugar mais bonito que v. já viu?

PONG — Não era bem o lugar. Era o dia. Mas era de dar gritos de boniteza. Era um dia de outono, numa cidadezinha quieta perto de New-York. Acho que era White Plains, nem posso garantir. Eu passava de automóvel num começo

de tarde. Era um bosque e nunca mais vi colorido igual nas fôlhas, nas árvores, no chão, no céu, na vida. As fôlhas iam do amarelo ouro ao castanho de um «emba royal mink», passando pelo vermelho sangue, pelo ferrugem, pelo fôlha morta mesmo. Fôlhas mortas que no chão tinham o tal ruge-ruge de sêda, que pode ser encontrado em qualquer poema do comêço do século. O céu era azul prateado, um comêço de crepúsculo, côr-de-rosando no horizonte. O ar fino e frio. Qual! Quem sou eu para descrevê-lo? O jeito é revirar os olhos, dar um suspiro e dizer: «Só vendo!»

PING — O Brasil de hoje vale uma missa?

PONG — Se vale, não sei. Mas anda muito precisando de uma boa missa.

PING — Qual o seu assunto preferido?

PONG — Escrevo uma crônica por dia, meu filho. Às vêzes duas. Posso ter assunto preferido? Se tenho assunto, já ergo as mãos para o céu, de gratidão.

PING — V. já foi ao Pão de Açúcar?

PONG — Quando meu filho era pequeno, e morávamos em São Paulo, a gente desembarcava na estação ou no aeroporto e êle achava um desperdício de tempo deixar as malas no hotel. Queria ir direto ao bondinho. Também já levei lá amigos de alheias terras, para se deslumbrarem. Garanto que me deslumbrei muito mais do que êles. Mas depois do «enguiço» ainda não criei coragem para voltar.

PING — Acha que o álcool é realmente a ruína do lar?

PONG — Esta pergunta era desta entrevista, mesmo?

PING — O que é um homem bonito?

PONG — É o homem que está sendo amado, no momento, descrito por aquela que o está amando. Tá bem?

PING — Quais as personalidades brasileiras de hoje que v. enforcaria com um sorriso nos lábios, para edificação dos pósteros?

PONG — Quando é que enforcar o próximo edificou algum póstero?

PING — Se você fôsse o prefeito, se casaria com a Ester de Abreu?

PONG — Prefeito ou não, se amasse dona Ester de Abreu, haveria de envidar todos os esforços para me casar com dona Ester de Abreu.

PING — O que v. prefere — escrever ou conversar?

PONG — Não é bem preferir: não gosto de escrever e gosto de conversar.

PING — Qual o seu número de azar?

PONG — Foi bom você lembrar. Tenho de tirar isso a limpo.

PING — Se você fôsse dar a volta ao mundo de navio, quais as pessoas que levaria para conversar no tombadilho?

PONG — Todos aquêles que soubessem quando era hora de parar de falar e ficar de papo para o ar olhando a carreira das nuvens no céu.

PING — Acha que a datilografia é imprescindível numa mulher bonita?

PONG — Acho quase tudo prescindível numa mulher, enquanto é bonita.

PING — O Brasil está acabando no comêço ou começando pelo fim?

PONG — E eu é que sei?

PING — Você se julga uma patriota?

PONG — Sempre que saio do Brasil, fico patriotíssima.

PING — Quantos poetas ótimos tem o Brasil?

PONG — Graças a Deus, uns quantos. Mas não fiz balanço e, se fizesse, não era louca de ir dizer.

PING — Há algum livro nacional que v. use como soporífero?

PONG — Nenhum. Livro ruim não me dá sono. Tira. Dá raiva.

PING — V. gostaria de ter o estilo de Euclides da Cunha?

PONG — Só dizendo como o Antônio Maria: não mereço...

PING — V. é (por dentro) paulista ou carioca?

PONG — Que é que vocês pretendem, com essa definição minha: provocar uma guerra de secessão entre os dois Estados?

PING — Quando é que v. leu pela primeira vez «A Carne» do seu avô Júlio Ribeiro? E que é que sentiu?

PONG — Não posso precisar. Mas posso garantir que foi clandestinamente e muito antes de me darem licença para isso. E achei que era um exagêro de vovó dizer que ficou um ano sem querer sair de casa, só por causa do marido ter escrito um livro daqueles.

PING — V. escreverá suas memórias?

PONG — Em sessão espírita e se o outro mundo fôr muito mais cacete do que êste.

PING — Quando você publicar a sua 2.000 crônica, dará uma festinha em sua casa?

PONG — Pode ser que não dê, mas que era o caso, era.

PING — E, para terminar, me diga: se v. fôsse uma náufraga numa ilha deserta, qual a mensagem que mandaria ao mundo numa garrafa vasia de «coca-cola»?

PONG — Tinha de ser de «coca-cola»? Acho que seria a mesma que mando às vêzes, em pensamento, lá de cima, das nuvens, quando o avião não tem teto para pousar e fica rodando no céu: «Ah, mundo, bem que você tem as suas coisas!»...







"SEMPRE QUE SAIO DO BRASIL, FICO PATRIOTÍSSIMA"



O VELHO LEÃO AINDA RUGE

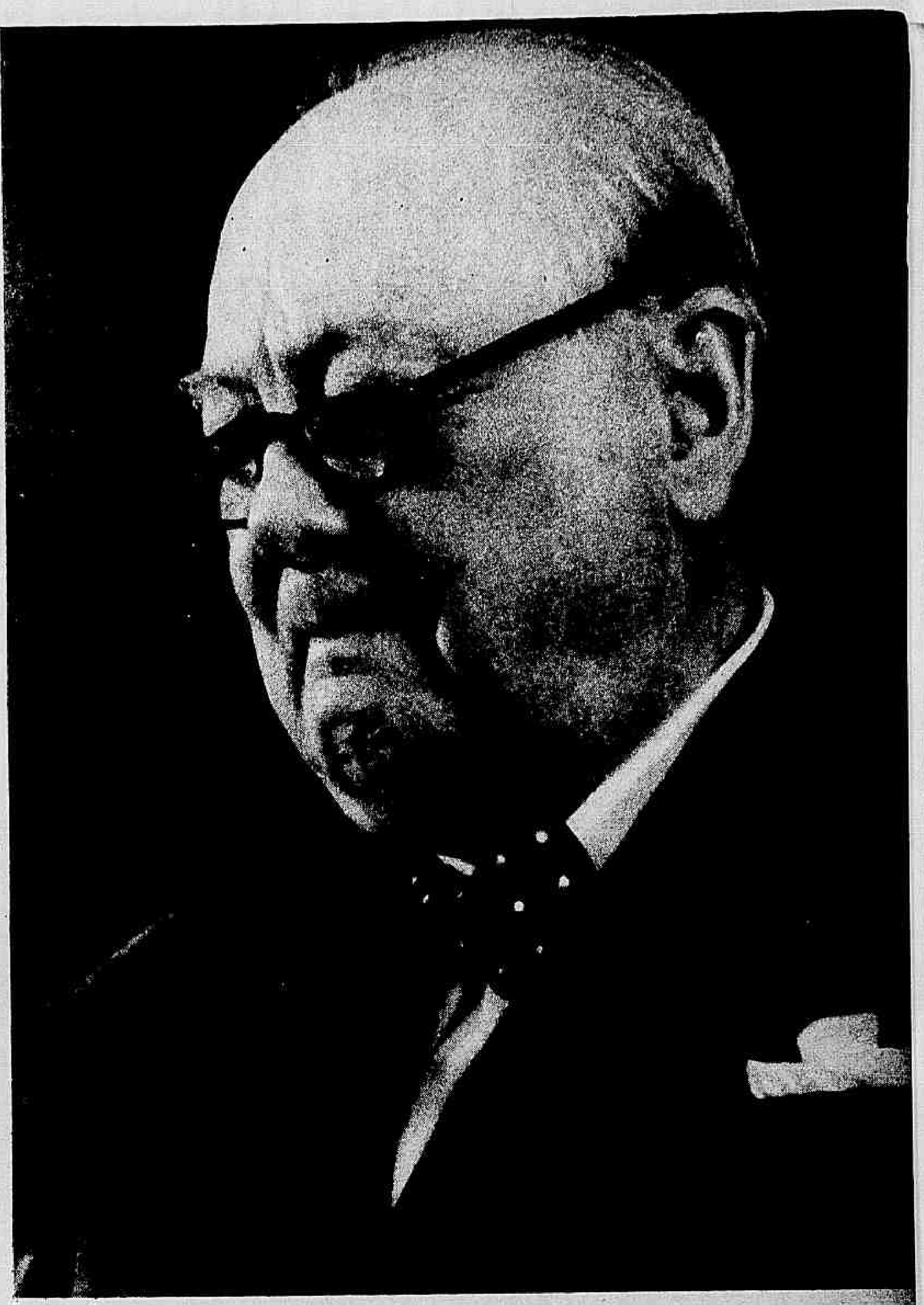


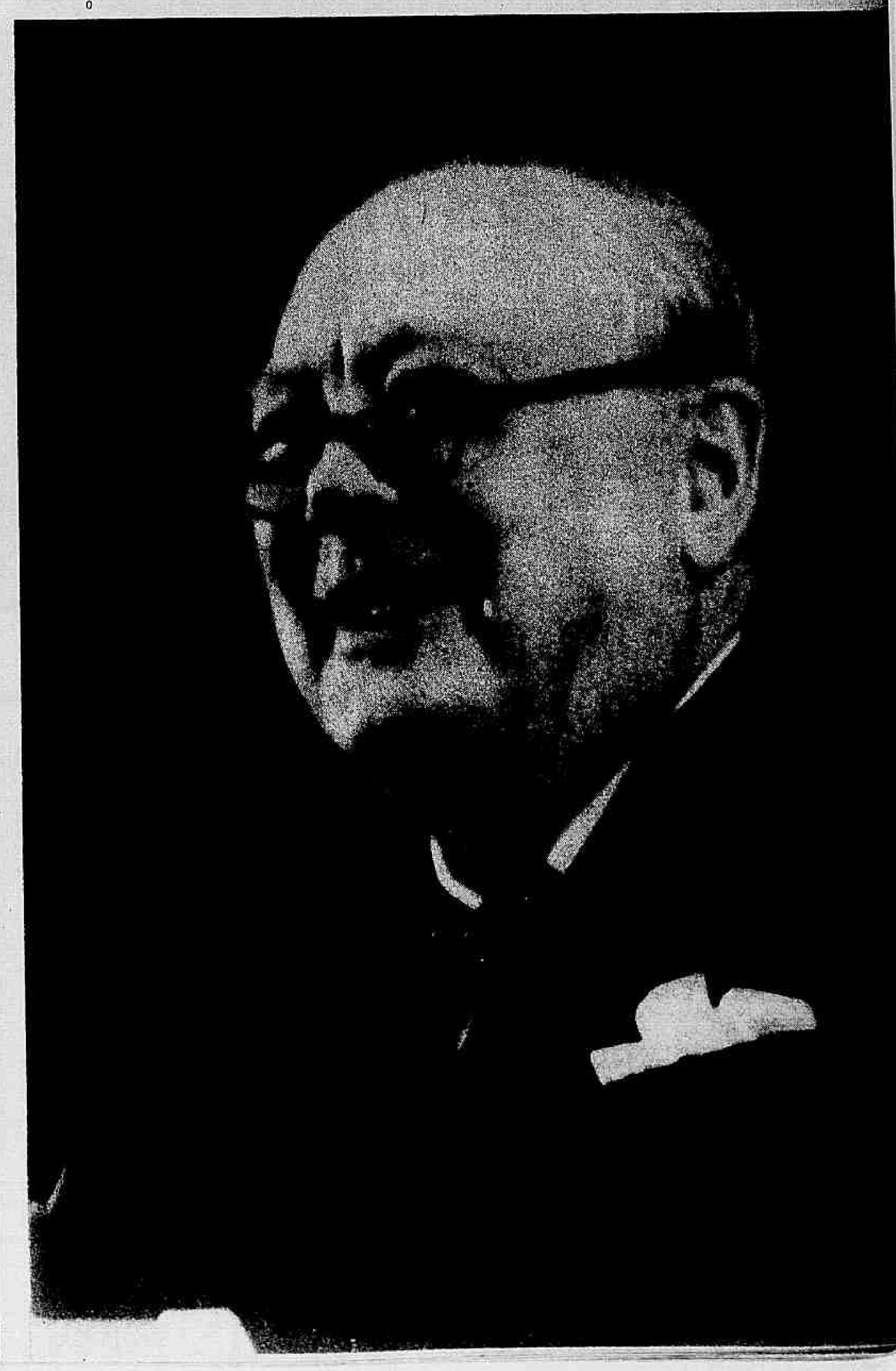


«ELE FALA COMO UMA TEMPESTADE»

QUANDO a fervente oposição trabalhista acicatou o velho leão, acusando-o de pré-caquetia, a reação foi imediata e fulminante: no dia seguinte, Winston Spencer Churchill, o "tory" indomável e teimoso, pronunciava na Câmara dos Comuns um dos seus mais formidáveis discursos. As fotografias ao lado, novas de apenas uma semana, mostram o venerando chefe conservador em algumas fases de sua eloqüência arrebatada e grave. Dois dias após, Churchill voltou à tribuna para um "ultimatum" aos Estados Unidos, a quem está cobrando agora, de maneira direta e contundente, os segredos atômicos dos quais Washington pretende se fazer a guardiã exclusiva e ciumenta. E nas duas vêzes em que voltou à tribuna — a essa mesma tribuna que há mais de cinqüenta anos êle tem usado nos instantes mais dramáticos e mais gloriosos da Grã-Bretanha — Winston Spencer Churchill, o velho leão "tory", provou que ainda sabe rugir, sacudir a juba ameaçadora e mostrar as garras temíveis. "Êle fala como uma tempestade", dêle afirmou certa vez H. G. Wells. Em plena forma, apesar dos seus quase oitenta anos, a tempestade voltou a reboar entre as venerandas paredes do Palácio de Westminster e, através dela, Winston Churchill adverte que tão cedo não se fechará no "otium cum dignatate" almejado pelos seus adversários políticos ou pelos inimigos da liberdade. [illegible] Max Ehlest.





Conversa de MULHER

● PARA APRENDER INGLÊS...



A filha do presidente da Confederação Helvética (Suíça) está aprendendo inglês de forma muito original para sua posição — serve como empregada na casa de uma família inglêsa de Liverpool. A jovem Clara está contentíssima, apesar de ter muito trabalho durante o dia. Os donos da casa, os Utiger, por sua vez, afirmam que Clara é uma arrumadeira perfeita.

● PRINCESA DUAS VÊZES

O segundo filho do Agha Khan (Sadruddin) — irmão, pois, do celebérrimo Ali Khan — é considerado por muitos como o provável sucessor do pai. Sadruddin, ao contrário de Ali, é de temperamento sério e estudioso, não dado a aventuras. Noticia-se agora que está noivo da belíssima filha do rei da cerveja... que passaria assim, com o matrimônio, a ser duas vêzes princesa.

● BALENCIAGA É O MELHOR...

Os desfiles de moda para a primavera européia já passaram, mas ainda se comenta muito sôbre a bonita parada de elegância francesa, que foi o lançamento da moda em Paris. Segundo os jornalistas norte-americanos que lá estiveram especialmente para fazer a cobertura do acontecimento, o melhor costureiro francês é Balenciaga, e o pior é Madame Chanel que, neste ano de 1954, fêz sua «reentrée», depois de muito tempo afastada da alta costura. Pelo visto, o repouso não lhe trouxe muita inspiração.

● 25 FILHOS EM 26 ANOS

De todos os recordes em matéria de maternidade, o mais interessante e curioso é o da senhora Heliodora Cyr, espôsa de um agricultor dos Estados Unidos, que em 26 anos de casada já deu a luz a 25 filhos. Casou-se com 17 anos e vai completar, dentro em breve, 43 anos de idade. O último, uma menina, nasceu há pouco mais de um mês.

● O PRINCIPE ESTUDA PIANO

O principezinho Charles, da Inglaterra, começará êste ano a estudar piano, com a mesma professôra que ensinou sua mãe. Até agora, Charles só se tem interessado, em matéria de música, pelas buzinas dos carros e pelos assobios de sua irmãzinha Ana que — contra tôda a etiquêta da côrte — aprendeu a assobiar com um de seus primos.

Lígia Junqueira



SUGESTÃO PARA O LAR

● Você já pensou na decoração de sua mesa para o sábado da Aleluia? Pois, se vai receber alguns amigos para uma comemoração em casa, sem muita cerimônia, está na hora de tratar disso. Nada de complicações, nem de toalhas de rendas, ou serviços de cristal. Sirva tudo da maneira mais simples, apenas dando-lhes um ar festivo, como convém à data. O motivo que apresentamos na ilustração, é sugestivo e fácil de ser realizado. Senão, vejamos:

A toalha da mesa é uma toalha branca, comum, à qual foram acrescentadas lantejoulas coloridas, prêsas com ponto de alinhavo. Depois da festa será fácil retirar as lantejoulas para mandar lavar a toalha. O motivo decorativo principal é o conjunto de balões de borracha, nos quais se colou confetes coloridos, com um pouco de goma branca. O mesmo enfeite foi usado para a parede externa do balde de gêlo que contém a bebida. Do conjunto de balões partem tiras douradas ou prateadas, encaracoladas. Muito festivo, muito alegre, e de bom gôsto. — NIKE

VAMOS FAZER UM EXAME?

● *Você entende de assuntos de beleza? Pois vamos ver. Responda a cada um dos itens abaixo. Conte os pontos (cinco pontos para cada resposta certa). Pelo resultado poderá saber se cuida como deve de sua aparência, se está usando de maneira certa a técnica de ser bela.*

JÚLIA DE MILO



PERGUNTAS

1. **Que tonalidade de «baton» você escolheria para fazer com que seus dentes pareçam mais brancos?** a) — rosa-ciclamem; b) — vermelho vivo; c) — uma tonalidade alaranjada.

2. **Com que freqüência deve raspar as axilas?** a) — quando os pelos começam a ficar visíveis; b) — quando tem que usar um vestido sem mangas; c) — nunca.

3. **Como se faz para que um rosto alongado pareça menor?** a) — penteando os cabelos para trás; b) — pondo uma mancha de rouge mais forte nas faces; c) — repartindo os cabelos no meio.

4. **Que se deve fazer para que as orelhas grandes pareçam menores?** a) — passar uma base mais escura nos lóbulos das mesmas; b) — passar rouge nos lóbulos; c) — cortar os cabelos muito curtos.

6. **Qual a melhor maneira de se aplicar o «baton»?** a) — com os dedos; b) — com um pincel para os lábios; c) — com o próprio «baton».



5. Como corrigir cabelos ressecados? a) — usando brilhantina ou óleo; b) — molhando sempre; c) — com um tratamento regular de óleo quente.

7. **Como se deve tirar as sombrancelhas?** a) — na parte de baixo; b) — na parte superior.

8. **Qual o sistema melhor para se secar os cabelos?** a) com o secador; b) ao ar livre; c) ao sol.

9. **Como se deve retirar a maquilagem, quando se tem a pele sêca?** a) — com um creme de limpeza; b) — com um líquido de limpeza; c) — com água e sabão.

10. **Para combater as pontas quebradiças dos cabelos se dêve . . .** a) — cortá-lo regularmente; b) — deixar que cresça o mais possível.

RESPOSTAS

Eis as respostas que você devia ter dado — conte cinco pontos para cada uma que acertou.

1 — a * 2 — a * 3 — b * 4 — a * 5 — c * 6 — b * 7 — a * 8 — b * 9 — a * 10 — a.

MAIS DE 40 PONTOS: você está bem a par da técnica de maquilagem e de beleza. * MAIS DE 30 PONTOS: você sabe mais do que o comum das mulheres sôbre o assunto. * MENOS DE 30 PONTOS: você precisa cuidar de aprender os truques essenciais para sua beleza — que muito contribuem para sua boa aparência.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-
HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.......................

ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Enderêço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

RESPOSTAS AO TESTE DA PAGINA 18

1 — 1808 ★ 2 — Da Guiana Francesa ★ 3 — Martius ★ 4 — O Barão de Mauá ★ 5 — Vargas Vila ★ 6 — Corajoso como um leão ★ 7 — A cegonha ★ 8 — O morcego ★ 9 — Platina, ou cobre ★ 10 — Por ter inventado o telefone ★ 11 — Negra ★ 12 — A árabe ★ 13 — Minas Gerais ★ 14 — Cinco ★ 15 — 1944.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

ÀS PROFESSÔRAS PRIMÁRIAS

"BASES DA ALIMENTAÇÃO DO ESCOLAR"

De autoria do médico-nutrólogo do SAPS
dra. Wanda Saraiva da Fonseca

LIVRO UTILÍSSIMO PARA A ORIENTAÇÃO ALIMENTAR DAS CRIANÇAS NOS COLÉGIOS E ESCOLAS

A venda nas livrarias e na Divisão de Propaganda do SAPS
Praça da Bandeira, 96 - 3º and.

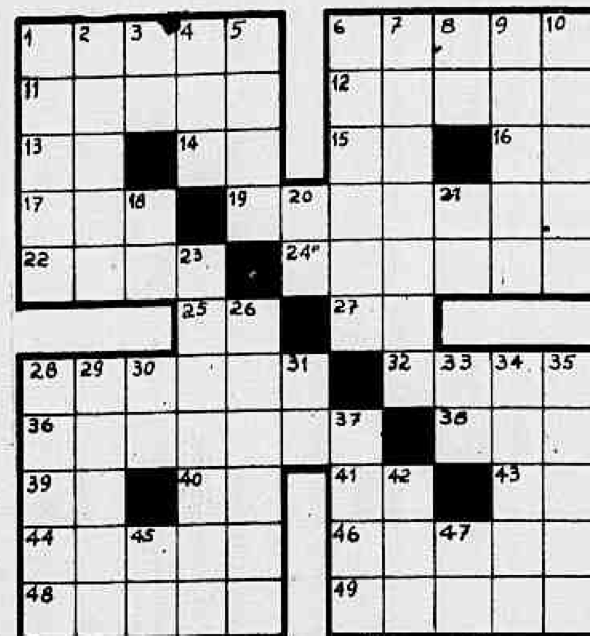
Remete-se pelo Reembôlso Postal

Preço do volume:
Encadernado .... Cr$ 80,00
Brochura .... Cr$ 50,00

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 11

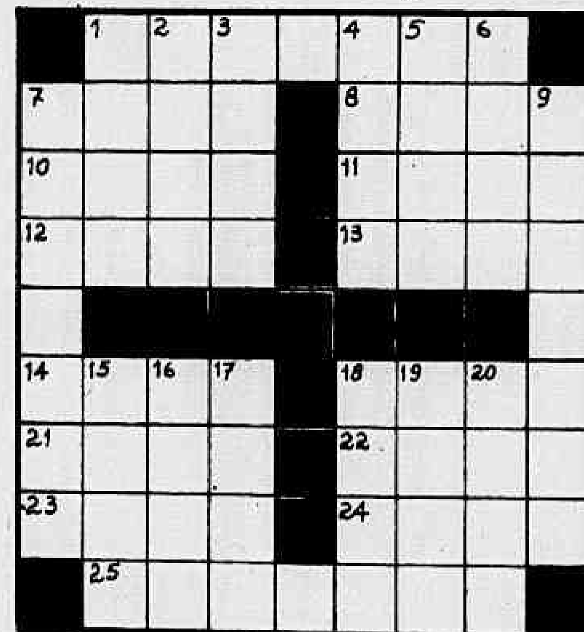
PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Brando — 6. Células ôcas de um pericárpio — 11. Abelha silvestre — 12. Enferruja — 13. Símbolo do volfrâmio — 14. Sufixo designativo de origem — 15. Nota musical — 16. Gênero de palmeiras do Brasil — 17. Estames de jacinto — 19. Fazer entrar — 22. Parte inferior — 24. Seduzirá — 25. Só — 27. Interjeição de espanto — 28. Homens desprezíveis — 32. Pear — 36. De igual pressão atmosférica — 38. Constelação austral — 39. 18ª letra do alfabeto árabe — 40. Prefixo que denota proximidade — 41. Ilha da França — 43. Mi-bemol na nomenclatura alemã — 44. O miar de muitos gatos — 46. Grupo espêsso de altas árvores, em meio aos campos (pl.) — 48. Catafalcos — 49. Triunfo.

Verticais: — 1. Extinguir — 2. Profusão — 3. Nota musical — 4. Aranha amazônica — 5. Animal de que a ave de rapina costuma fazer sua prêsa — 6. Cômoro — 7. Vista penetrante — 8. Origem dos sêres — 9. Delongar — 10. Ave da família dos Cotingídeos — 18. Rio da China, na província de Yunnan — 20. Cânhamo de Manilha — 21. Entre nós — 23. Pancada — 26. Enredos — 28. Resoluto — 29. Praticais — 30. Relicário japonês — 31. Símbolo do estrôncio — 33. 3ª letra do alfabeto árabe — 34. Tornar pateta — 35. Raspado na escritura — 37. Feito de cobre — 42. Continuação — 45. Artigo plural — 47. Medida chinesa de capacidade

PARA NOVATOS



Horizontais: — O Novo Mundo — 7. Nome de homem — 8. Opulenta — 10. Fiasco — 11. Assim seja — 12. Côleras — 13. Pouco comum — 14. O mesmo que eirós — 18. O ato de mudar — 21. A mulher do filho — 22. Homem que sabe fingir — 23. Ligar — 24. Procura, pesquisa — 25. Gradeara com arame.

Verticais: — 1. Querer bem — 2. Bosque, selva — 3. Épocas — 4. Irritar — 5. A parte mais elevada — 6. Bôrdo (árvore) — 7. Dá origem — 9. Amerissara — 15. Rumo — 16. Rezar — 17. Cura — 18. Padiola — 19. O mesmo que outar — 20. Dá como dote.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 10

PARA VETERANOS

Horizontais: — **macabro — piraquara — si — uaurá — um — api — lei — ata — pira — ator — ariri — carpi — tias — rosa — aos — ami — Sit — Cs — alada — ao — autógenos — maromas.**

Verticais: — **mi — aru — caal — aquém — buri — raa — oa — pipirioca — autópsias — sapatas — mariato — irias — atros — Ars — Aar — âmago — alor — idem — ata — Ana — um — os.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **amo — côr — ciam — caro — aa — ama — ir — marambá — catar — sacaram — Ra — ara — Om — alas — soma — sal — S. O.S.**

Verticais: — **aca — miam — oa — cá — oriá — ror — maracás — câmaras — matar — aca — Bra — sala — Momo — ras — mas — al — os.**



O BRASIL fora da barra

FINANÇAS

● O "Journal du Commerce", do Cairo, faz o seguinte comentário sôbre o comércio exterior do Brasil:

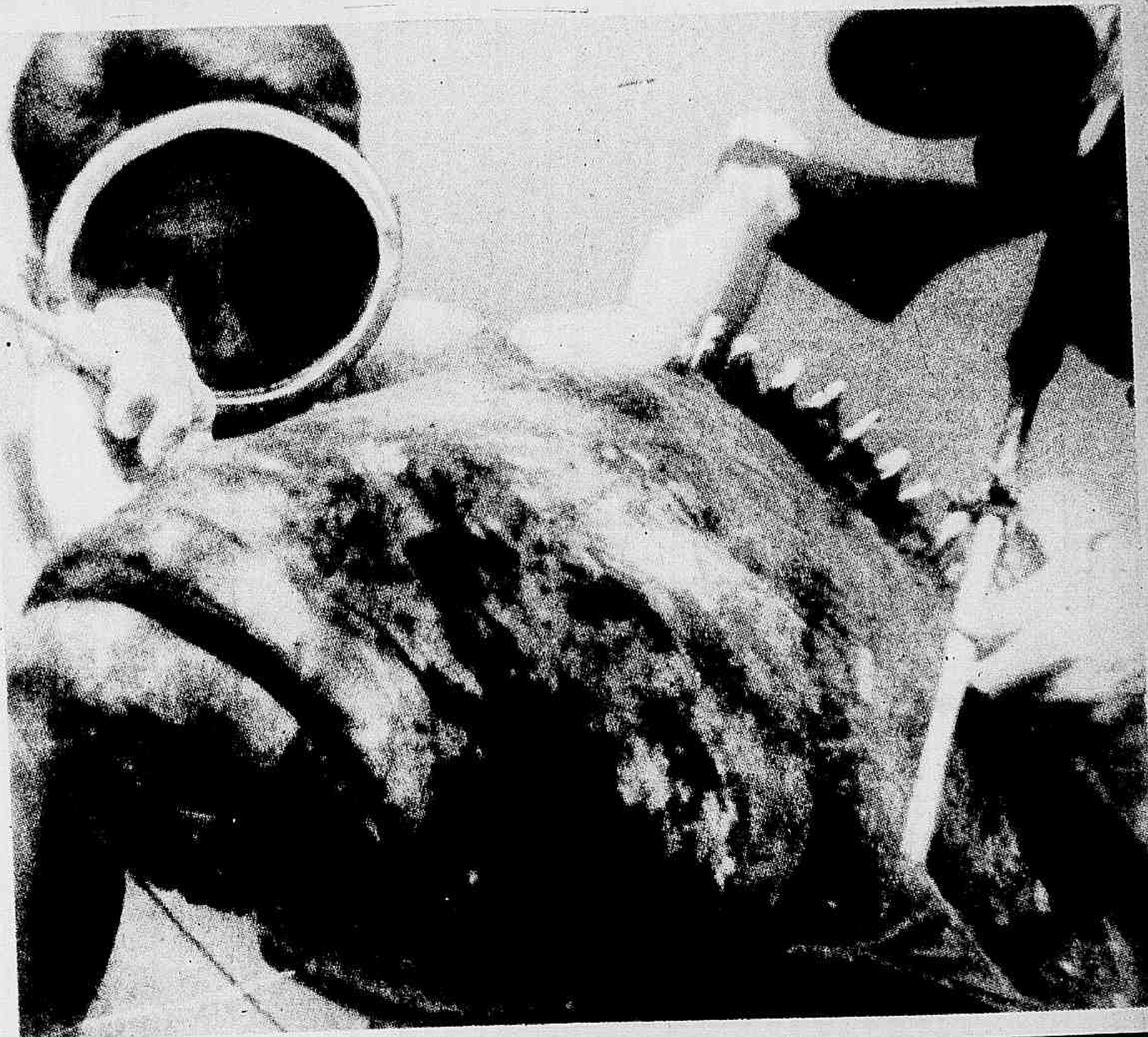
"Em 1952, as exportações brasileiras para os Estados Unidos acusaram uma diminuição de dois milhões e meio cruzeiros, em comparação a 1951; depois dos Estados Unidos vem a Argentina, como segundo comprador, também com uma diferença de 1,8 milhões de cruzeiros, para 2,2 milhões no ano precedente; a França (1,5 milhões em 1952, contra 1,6 em 1951); a Alemanha (com 1,5 contra 1,6); e a Suécia (com 1,2 contra 0,9).

Os principais fornecedores foram, por ordem de importância: os Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Antilhas Holandesas, Venezuela, Suécia e Benelux.

BRASIL

PARAÍSO SUBMARINO

● Em seu livro — «Caça às Feras do Mar» («Chasses aux fauves de la mer») — Marcel Isy Schwart refere-se ao Brasil. Trata-se do campeão mundial de pesca submarina, título que adquiriu com a pesca de um mero de 178 quilos, e sua narrativa relata suas pescas e aventuras submarinas, a partir do tempo da guerra. Como era de esperar, Marcel terminou ouvindo falar no Brasil, por intermédio de um Genaro, que não lhe inspirou confiança, de princípio. Mas depois, tendo assistido à projeção de um filmezinho documentário sôbre o assunto, entregou os pontos e fêz as malas. Agora, dedica um capítulo inteiro ao Brasil, que chama: «Brasil, Paraíso Submarino». Refere-se familiarmente a Copacabana, às Cagarras, Ilha Rasa, Redonda, etc. E o seu próprio entusiasmo por êstes lugares nos soa familiar.



ATRAÇÃO — Um jornal alemão que anuncia vapores e viagens, aponta como atração para elas as paisagens do Brasil, comentadas como das mais belas do mundo. A propaganda é ilustrada com diversas fotografias brasileiras, incluindo o Ministério da Educação, a Bahia e as Quedas do Iguaçu.

Brasilien ist für den
Reisenden auch ein
landschaftliches Erlebnis . . .

Nove pequenas para um rapaz

Romance de MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará em companhia de nove moças. O guia foi substituído por uma moça também e o pobre rapaz se vê às voltas com elas tôdas em aventuras que se passam na Casa de Estudantes onde se hospedam, na praia, no «subway», no museu e nas buates. Quando resolvem agregar o grupo a outra turma de turistas a coisa se complica pois os rapazes começam a assediar as moças e Michel tem de tomar uma atitude. Vão também a Zaftat onde visitam a residência-museu de um artista extinto cujos trabalhos medíocres desgostam Michel pois vem a saber que o mesmo estudou em Paris. Na despedida de Peter, Michel resolve acompanhá-lo à estação e para isso tem de acordar às três da manhã e caminhar dez quilômetros a pé o que o deixa muito irritado. Êste mau humor o instiga a tomar uma atitude contra o hábito das pequenas de deixá-lo sempre para o fim e com o pior. Sua reação começa em não querer ceder sua capa impermeável àquelas que esqueceram de trazer as suas. Numa escalada que fazem a uma montanha êle não dá ouvido às queixas de cansaço das moças e na volta êle se instala confortàvelmente no automóvel novo e confortável enquanto as pequenas se degladiam recusando-se a viajar no outro velho e pouco confortável. Vão depois à ilha de Rab e no jantar falta sobremesa para um, Michel naturalmente, mas êste protesta e para espanto das pequenas insiste em ser servido e para isso ficam no hotel até de madrugada quando o garção o atende.

E aquela quase praxe de deturpar tôdas as minhas palavras com os mais diversos fins! E eu que ficaria por vêzes prêso num vapor no meio do oceano com elas sem poder sequer bater num ombro amigo a procura de consôlo. E agora que Montenegro e Peter haviam partido eu estava mais do que nunca convencido de que é impossível para um homem suportar nove moças de uma vez sem sentir intenções sinistras de destruição. Dentro de dois minutos os táxis chegariam para nos levar e todos corriam a procura das capas impermeáveis pois pela primeira vez na nossa viagem a chuva ameaçava cair. Tratei de apanhar o que restava da minha capa enquanto três das pequenas não conseguiam encontrar as delas. Françoise nem se preocupava com o assunto e como eu lhe interrogasse respondeu:

— Ora, por quê?

Num gesto eloqüente mostrei o horizonte ameaçador.

— E, que beleza (respondeu ela displicente).

— Sim, belo como os fogos cruzados dos bombardeamentos, belo para se olhar de longe mas nada interessante para estar em baixo, não acha?

— Sim, sim, tem razão.

— Não quero me fazer de conselheiro nem de desmancha prazer mas me atrevo a sugerir . . .

— Tenho horror a carregar capas e guarda-chuvas. Prefiro arriscar e até hoje ainda não me desapontei. Minha sorte vai a tal ponto que amigos me convidam para «pic-nics» e festas ao ar livre na certeza de que não choverá.

Conheci uma pequena, certa vez, que tinha a mesma teoria e quando eu saía com ela acabava por lhe emprestar a minha impermeável e tomando tremendas duchas de chuva, eu e o meu coração generoso. É, mas a minha galanteria não viria até ali e insisti:

— Françoise, é melhor levar a capa. Vai chuver e muito!

Aquilo não era uma profecia pois já estava chuviscando e tornei a insistir (pois não estava disposto a emprestar a minha) dizendo que eu era menos jovem do que elas e que se apanhasse chuva poderia pegar um reumatismo que estragaria o resto da nossa viagem. Mas ela estava irredutível:

— Não vai ser preciso, Michel, olha já há um arco-íris!

— Não, Françoise, aquilo não é um arco-íris! Siga o meu conselho, leve a capa.

Finalmente ela se deixou comover pela minha insistência e correu para o quarto a fim de me atender. Mas voltou pouco depois muito desapontada dizendo:

— Oh! Michel, sinto desapontá-lo. Eu tinha a certeza de ter trazido a minha impermeável para embalar os sapatos dentro da mala, já que não costumo usá-la, mas acabo de verificar que não a trouxe mesmo . . .

Fico aflito. Que fazer? Trato de me lembrar se mamãe colocou entre os medicamentos da minha bagagem um vidro de xarope contra tossé.

Mas isso não é tudo, sempre havia uma surprêsa reservada para mim nas atitudes daquelas meninas acostumadas a fazer sòmente aquilo que suas cabecinhas loucas achavam direito.

★

Os dois táxis estavam parados à porta. Um Renault antigo e o outro um magnífico Oldsmobile munido de tôda a sorte de confôrto bem à moda americana.

Naturalmente tôdas preferiram embarcar no Oldsmobile desdenhando ostensivamente do nosso produto das fábricas de Billancourt. Depois de muita discussão ficou combinado que aquelas que fôssem no carro americano voltariam do passeio no velho Renault; o tipo da decisão pouco agradável e segura para os últimos.

Para começar, e, como não podia deixar de ser, eu fui designado para o carro velho e partimos. O Oldsmobile deslizava indiferente à nuvem de poeira e fumaça que levantava contra nós não nos permitindo apreciar a paisagem.

— Eu ficaria admirada se «elas» não tivessem escolhido logo o carro melhor (resmungou uma de minhas companheiras).

— E, e «elas» pensam que vão voltar no mesmo mas estão muito enganadas.

Êste «elas» designava as outras, mais ligeiras, que haviam tomado conta primeiro dos lugares do outro carro. E esta questão trouxe à tona outras máguas e ressentimentos e a atmosfera entre elas parecia carregada de eletricidade e o trajeto se faz entre comentários sôbre as ocupantes do outro veículo enquanto eu guardava um silêncio indecifrável. Chegamos finalmente a Kottor e decidimos subir a colina para ter uma visão completa do «fjord».

As pequenas se dispersaram porém Léna se manteve firme junto a mim como um cão fiel, o que muito me lisonjeou. Cada vez que eu parava, ela parava, se eu me voltava ela se voltava. As pequenas notaram isso e externaram uma irritação que me agradou plenamente. Nós subíamos cada vez mais depressa pois o nosso tempo era pouco, e Léna suspirava cada vez mais:

— Eu sou natural das planícies . . . não posso seguilos . . .

Oscilei entre o desejo de parar para que a pobre Léna descançasse e o de continuar naquela subida excitante. Olhei para ela e senti uma satisfação íntima. Chegamos por fim a um ponto que dominava tôda a cidade, o mar ziguezagueando por entre penhascos, uma árvore silhuetada no despenhadeiro. Ah! uma fotografia! Era preciso tirar uma fotografia.

Preparei minha máquina e focalizei a magnífica paisagem.

— Michel, (falou a voz melodiosa de Léna rápida e baixa) não tire fotografias . . . estamos em zona militar.

— Realmente? (e tentando aparentar indiferença guardei a câmara).

— Foi por isso que eu segui você de perto (disse a cruel Léna). Eu sabia que mais cedo ou mais tarde você tentaria . . .

Atrás de nós as pequenas exultaram. Compreendi a razão da fidelidade da moça. O golpe era duro de receber principalmente ante aquêle público maldoso formado por nove moças!

Na volta Léna se mostrou fatigadíssima mas eu apenas a olhei com dureza e indiferença. Evidentemente ela não era do tipo montanhês e de repente confessou:

— Continuem vocês, se quiserem, eu não agüento mais.

E disse isso com um olhar desolado mas logo compreendi que aquêle olhar não era para mim mas para a câmara fotográfica que ela não ousava me pedir e parti abandonando-a à sua sorte.

As pequenas tinham olhares vitoriosos que diziam: «Vencemos Léna! Vencemos Léna!» E isto parecia trazer novas fôrças a tôdas mas de repente tivemos de resolver voltar pois a chuva ameaçava aumentar sèriamente.

Foi então que começou o drama.

Uma das moças que havia ocupado o carro melhor e que devia voltar no velho se dirigiu calmamente para o Oldsmobile, abriu a porta e num silêncio absoluto se instalou no mesmo. Estregamos os olhos para ver que não estávamos sonhando. Mas, lá estava ela feliz, confortàvelmente instalada no banco de trás com o braço apoiado na macia almofada, sorrindo.

Tudo estaria bem se o lugar sacrificado fôsse o meu — o do único rapaz do grupo a quem cumpria fazer o patriota afirmando que preferia um produto francês e voltando aos trancos numa nuvem de poeira, isto é, no velho Renault.

E, mas eu estava decidido a não ser e lutar a qualquer preço para não me sacrificar por um problema que não era meu. Minha decisão estava tomada e bem tomada e num gesto solene me instalei ao lado da ocupante do Oldsmobile.

Léna, por sua vez, hesitou. Ela desejava como eu gozar o confôrto das almofadas macias, do rádio e das paisagens sem poeira desfilando pela vidraça, mas já se dirigia triste para o Renault quando eu a chamei:

— Venha Léna. Sente-te junto de mim. Aqui é muito mais macio e agradável do que neste calhambeque.

E voltando-me para a pequena a meu lado perguntei:

— Você não é da minha opinião? Oh! É verdade você não viajou no outro, não pode saber. Desculpe-me o esquecimento.

Mas ela nem piscou — continuou impassível. Depois de algumas manobras diplomáticas e outras não diplomáticas, Helena — a embaixatriz apaziguadora dos dois partidos — resolveu sacrificar-se e caminhou para o Renault como se se dirigisse para a carroça que a levaria à guilhotina.

— Pobre Helena (disseram tôdas comovidas e olhando para mim).

As lamentações eram feitas num tom de comover um monge de pedra mas resolvi ignorá-las e fiz ver a tôdas que não estava mais disposto a ser o único sacrificado.

E foi com a consciência tranqüila que cheguei a Dubrovnik docemente embalado pelo molejo macio do carro e pelo som do magnífico rádio enquanto o Renault cabriolava dentro de uma nuvem de poeira num esfôrço heróico de nos acompanhar.

★

Nosso itinerário agora era para o norte e nossa viagem estava chegando ao fim.

Rab nos apareceu aos olhos como uma pequena ilha isolada do resto do mundo e vigiada por bandos de aves silenciosas que voavam a seu redor como abutres em tôrno de um cadáver. Fomos conduzidos imediatamente para o Grande Hotel Rab, antigo palácio de antes da guerra, dominando tôda a vila, com um parque de pinheiros ao redor. Senti que voltando à França teria de residir num palácio, os iugoslavos me estavam habituando a um luxo estonteante.

Léna nos explicou que aquêle palácio era acessível a todos pois fôra nacionalizado.

Uma atmosfera de felicidade envolvia aquêle hotel perfumado de pinheirais. Nicole se extasiava a cada momento e as outras faziam eco às suas exclamações.

Dubrovnik foi ràpidamente esquecida e passamos a elogiar o novo ambiente.

Mas um novo incidente veio me lembrar a minha antiga condição. Durante o jantar o garção trouxe dez pratos com as respectivas sobremesas. Naturalmente as moças foram servidas primeiro e para arrematar foi êste seu criado que ficou com um prato vasio à frente.

— O coitado do Michel não teve sobremesa (disse Catherine que me tratava com um pouco mais de consideração), e não deixava de antepor ao meu nome aquêle «coitado». Certa vez ela se deu ao trabalho de me explicar que me chamava assim porque se acostumara a chamar «A pobre Marie Anne» por ser a única irmã de sete irmãos e eu no meio das nove . . . lógico.

Pois bem, as meninas saboreavam sua sobremesa com delícia enquanto eu contemplava o meu prato vasio.

— Reclama, Michel. O garção parece ter esquecido de você!

Levantei a mão para estalar os dedos chamando mas sempre que tento isto acabo por destroncar uma falange. Finalmente o homenzinho veio com ar despreocupado. Algumas palavras de Léna na língua do lugar fizeram com que êle compreendesse o êrro e saísse a correr. Mas um bom quarto de hora se passa e outro e as pequenas que há muito haviam terminado seus doces começaram a mostrar impaciência. O salão já estava vasio a não ser pelo nosso grupo.

— Ora, Michel, afinal é melhor deixar passar isso (disse uma).

— Não tenho absolutamente intenção de deixar passar.

— Mas você não perdeu grande coisa. Aquêle doce estava sem gôsto nenhum!

Sôbre êste ponto tôdas concordaram. O tal doce parecia uma rodela de papelão, tinha gôsto de goma-arábica e outras comparações exóticas.

— Acredito, acredito mas agora trata-se de uma questão de princípio. Tenho direito a uma sobremesa e quero a sobremesa.

Eu tinha sêde de justiça e de justiça total!

E além de tudo eu já estava farto daquele sistema.

Eu sempre era o último. Para mim sempre o pior.

Se faltava um garfo era eu o prejudicado e me arranjasse. Se havia um quarto pequeno e sem confôrto era para mim. Se no final faltasse uma passagem seria eu o sacrificado; seria eu que teria de lavar pratos a bordo ou ajudar nas caldeiras para poder voltar à pátria! Não, não e não! Aquela situação não podia continuar. E eu até gostei daquele incidente que me dava oportunidade de mostrar a tôdas qual seria a minha atitude dali por diante.

Lá fora havia uma paisagem maravilhosa ao redor da ilha mas eu, de cotovelos fincados na mesa, esperava imóvel como uma estátua. As pequenas impacientes levantaram-se e foram até o terraço olhar o movimento da rua. A sala agora estava deserta. E um gerente veio com as chaves na mão anunciando:

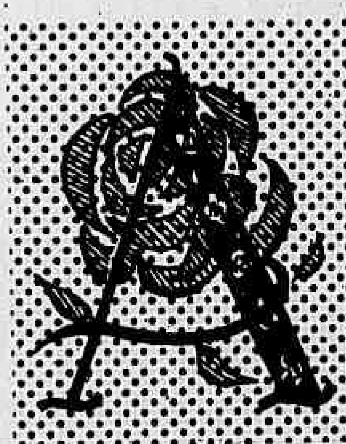
— Vamos fechar!

Finalmente o garção chegou visìvelmente preocupado e disse qualquer coisa ao ouvido de Léna. Esta se volta para mim: **(continua no próximo número)**



O Jubileu do





30 do mês passado completou o Laboratório Leite de Rosas o seu 25º ano de atividades industriais e comerciais. E, como não poderia deixar de ser, dado o elevado conceito com que se tem distinguido aquela tradicional firma, trouxe o evento uma enorme satisfação a todos os seus amigos, clientes e funcionários, que desde muito cedo se aglomeravam nas dependências dos laboratórios, a fim de prestarem uma homenagem surprêsa ao seu fundador, o industrial Francisco Olímpio de Oliveira. Entre os presentes, notavam-se grande número de jornalistas, radialistas e amigos do fundador da firma. Entre êstes, destacamos os srs. Segadas Viana, ex-ministro do Trabalho; Jerônimo Pinheiro Castilho, diretor da Caixa Econômica e sra; Vanja Orico, artista do cinema nacional; escritor J. G. de Araújo Jorge e Manoel Barcelos, presidente da A. B. R. A homenagem, justa e sincera, mais tocante ainda quando se sabe ter sido ela iniciativa dos que laboram nos Laboratórios Leite de Rosas, teve início com uma recepção carinhosa ao sr. Francisco Olímpio de Oliveira, à sua chegada. Em seguida, em nome dos companheiros de trabalho, usou da palavra, saudando o homenageado, o sr. Francisco de Souza Ferreira.

Disse o orador:

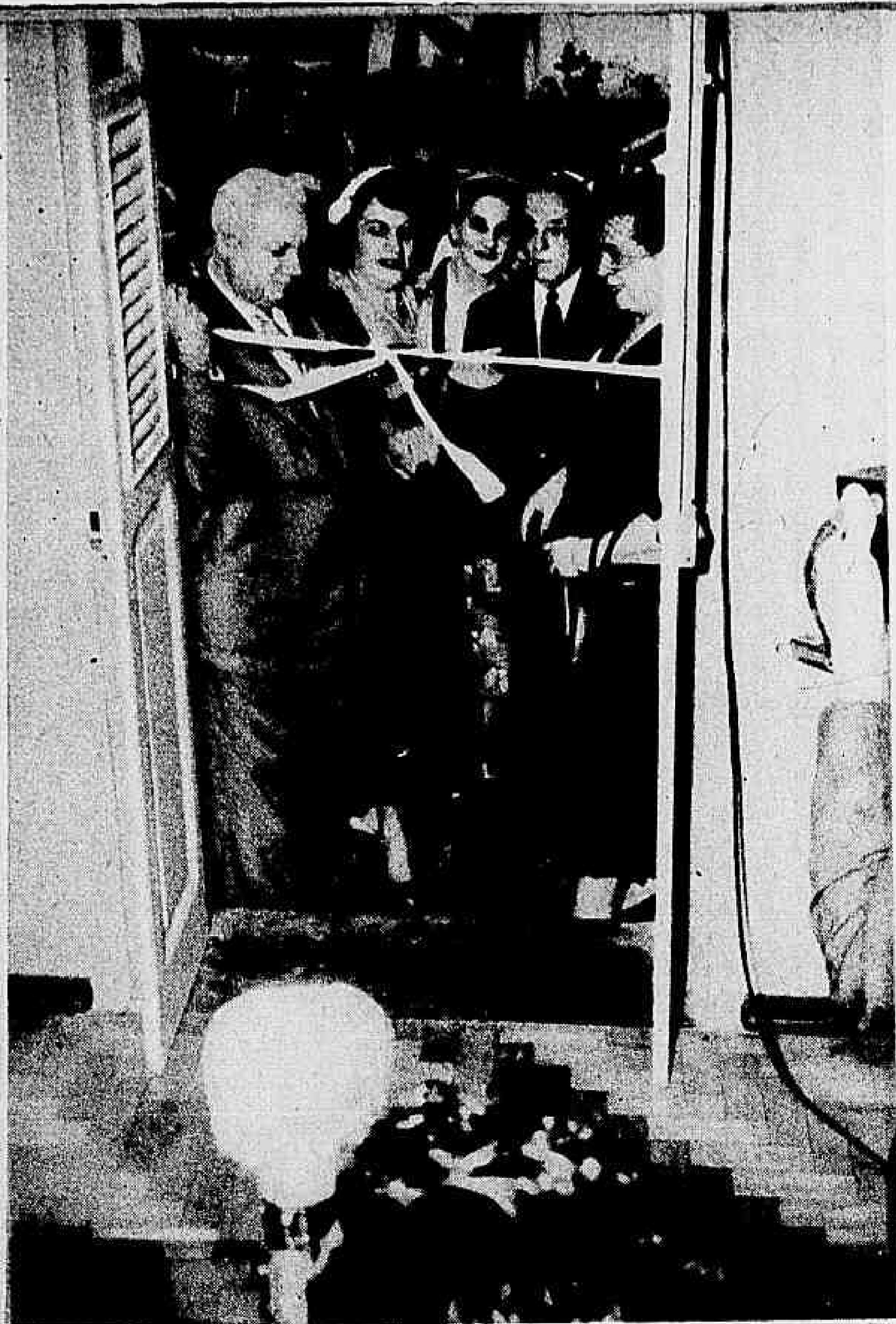
«Tendo partido de sua terra natal — o Ceará — para o Amazonas, onde se dedicou à exploração da borracha, mais tarde, o então governador daquele Estado, sr. Pedro de Alcântara Barcelar, reconhecendo os dotes pessoais de Francisco Olímpio de Oliveira, não talvez como homem político, mas como homem predestinado a servir a causa comum, teve a feliz iniciativa de convidá-lo a assumir a administração municipal da cidade de Itacoatiara, em cuja comunidade brasileira deixou plantado para a posteridade o exemplo de honradez e de amor à causa pública.»







À esquerda: a inauguração da placa comemorativa, procedida por um dos netos do sr. Francisco Olímpio de Oliveira. No centro: o sr. Francisco Olímpio de Oliveira e exma. sra. e um neto do casal. À direita: o revdmo. Frei Secondi procedendo a bênção do moderníssimo Ambulatório.

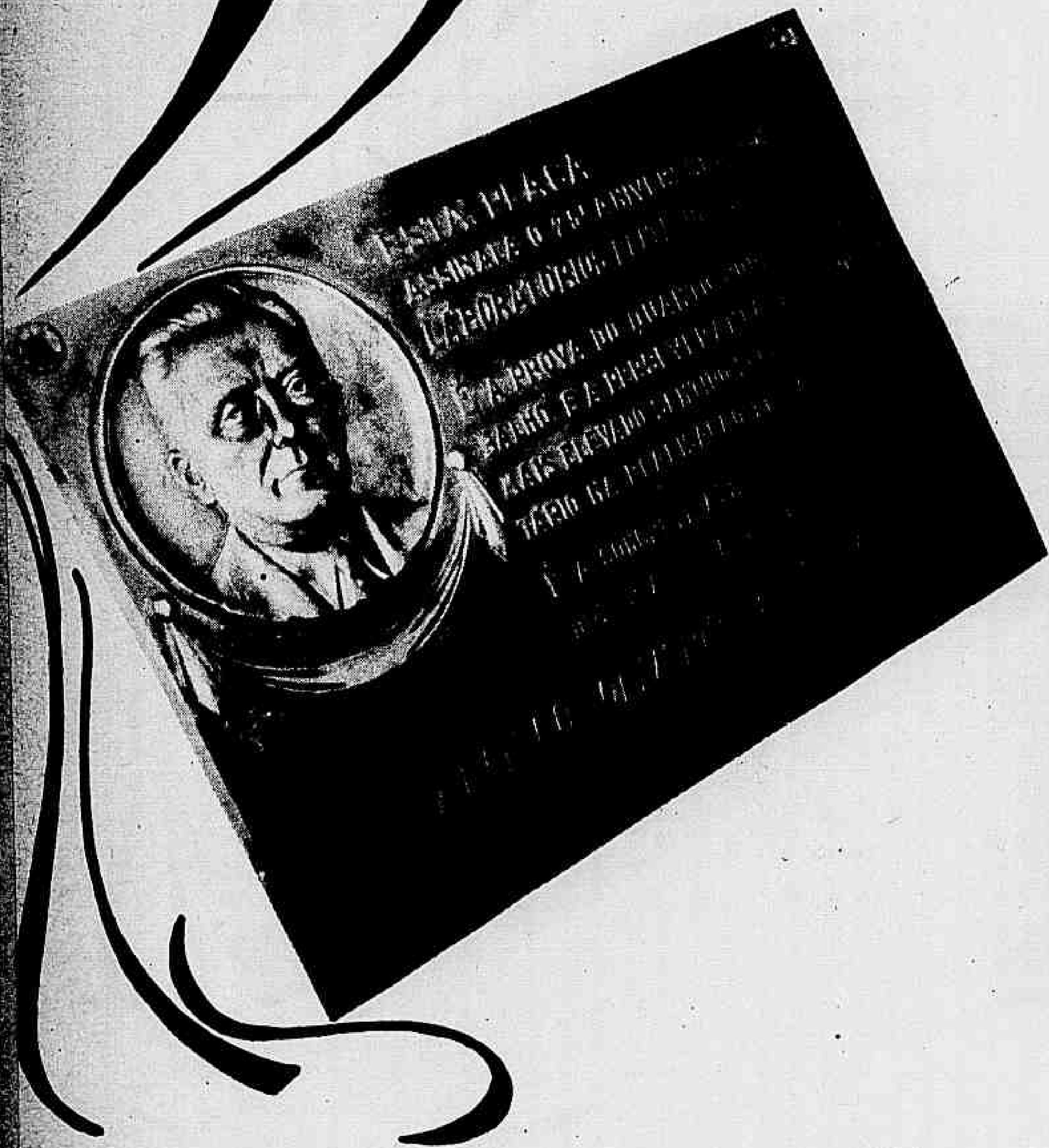


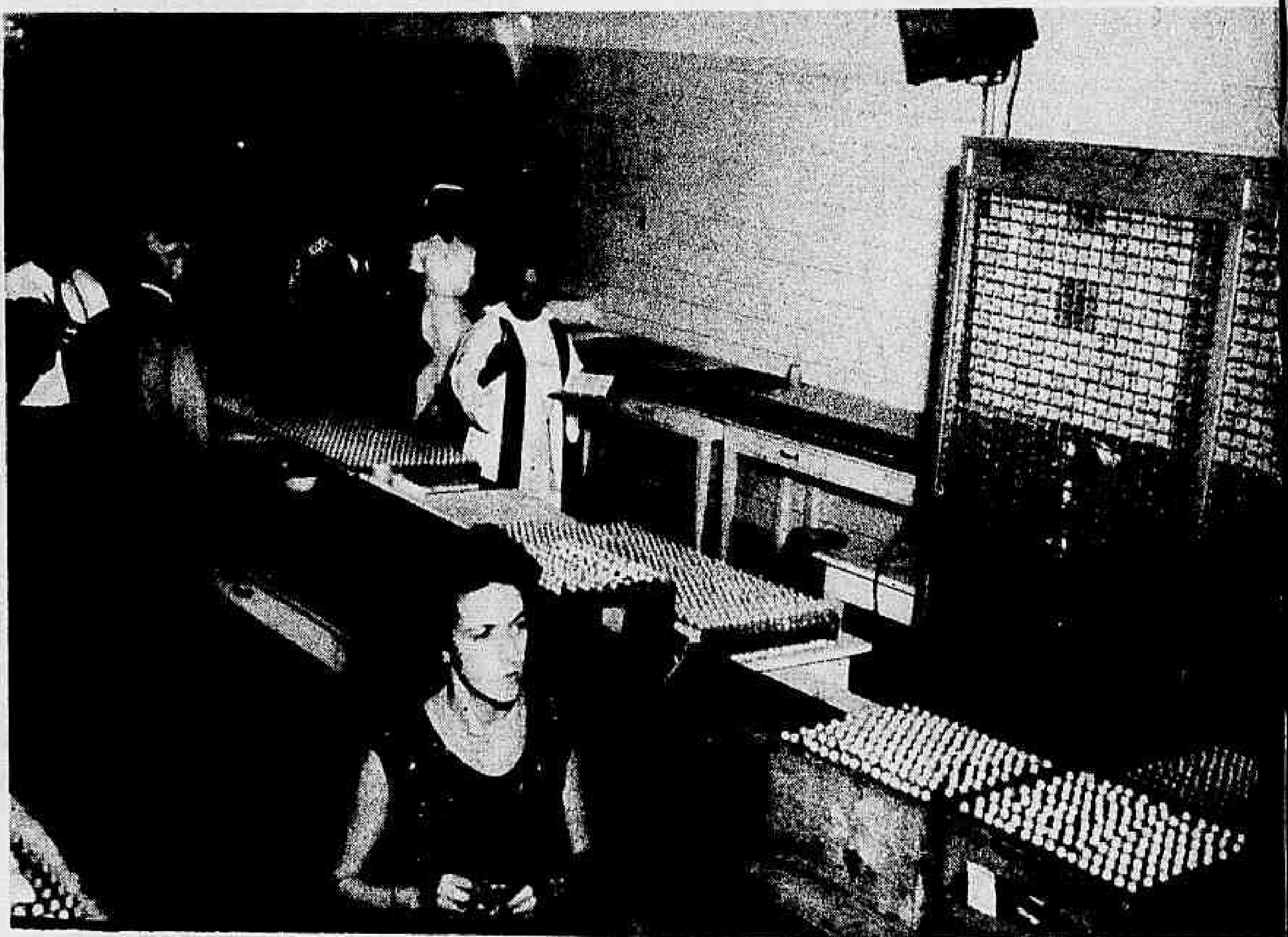


Em cima: um grupo de funcionárias. À esquerda: ocasião em que o sr. Ambrózio Ezagui cortava a fita simbólica, inaugurando o «Ambulatório Francisco Olímpio de Oliveira».

EM seguida, explicou o orador que o sr. Francisco Olímpio de Oliveira, vindo para o Rio, aqui, há 25 anos, lançou a pedra fundamental dos Laboratórios Leite de Rosas. Frisou ainda o orador:

«Admitindo posteriormente os srs. Ambrózio Moysés Ezagui e José Moysés Ezagui, como sócios, recebeu dêles a preciosa ajuda decisiva para a amplitude de sua modelar organização, tendo o Leite de Rosas, um produto de alta qualidade e de um crescendo incessante de consumidores, ultrapassando as fronteiras nacionais, sendo hoje conhecido mundialmente.»





O revdmo. Frei Secondi procedendo a bênção de uma seção de empacotamento. À esquerda: grupo formado por ocasião da visita às dependências do «Ambulatório F. Olímpio de Oliveira».



CONTINUOU o sr. Francisco de Souza Ferreira na sua brilhante oração, ressaltando o alto espírito de compreensão e humanidade do sr. Francisco Olímpio de Oliveira para com os seus empregados, tendo sido mesmo um pioneiro no que diz respeito às mais estreitas relações entre empregados e empregadores. Como exemplo, enumerou vários benefícios, ressaltando-se entre êles as instalações do refeitório, onde são fornecidos almôço e «lunchs» aos empregados, inteiramente grátis, bem como o ambulatório, onde são atendidos os empregados e suas famílias.



À esquerda: o sr. Francisco Olímpio de Oliveira fazendo a entrega ao empregado Manoel Moisés de Melo uma medalha de ouro, como prêmio de honra, por haver o referido empregado completado 25 anos de bons serviços, sendo um exemplo de probidade, compreensão e tenacidade.

Embaixo: à sua chegada, recebeu o fundador do Laboratório Leite de Rosas carinhosa recepção. Vemo-lo, também, em companhia da dra. Nilza Perez, advogada da firma, no momento em que recebia uma manifestação de simpatia e reconhecimento do pessoal do Dep. Feminino.



APÓS o discurso do sr. Francisco de Souza, foi inaugurada a placa comemorativa à data e homenageado com uma medalha de ouro, o sr. Manoel Moisés de Melo, pelos seus 25 anos de bons serviços prestados à firma. O sr. Ambrósio Moysés Ezagui inaugurou, a seguir, o ambulatório instalado dentro dos princípios modernos da medicina.

Finalizando as comemorações foi oferecido aos presentes um almôço de confraternização, no qual falaram ainda os promotores da homenagem, o escritor J. G. de Araújo Jorge e, agradecendo, o sr. Francisco Olímpio de Oliveira.

O fundador dos Laboratórios Leite de Rosas, comovido, falou dos amigos, mas demorou-se quando falou dos seus empregados, explicando que jamais poderia esquecer aquêles que tanto têm contribuído para o progresso e conceito da firma, prometendo ainda fazer o que lhe fôr possível para o maior estreitamento das relações entre empregados e empregadores.



Embaixo: à esquerda, quando falava o sr. Francisco de Souza Ferreira; à direita: sr. e sra. Francisco Olímpio de Oliveiro partindo o bôlo que lhes foi oferecido pela Confeitaria Colombo (de Copacabana).









A MODA DE PARIS

GERMAINE LECOMTE costurou o vestido de noiva da espôsa do rei Farouk: 10 milhões de cruzeiros e 4.000 horas de trabalho.

MULHERES BONITAS, OSTENTANDO TÍTULOS DE FAMOSAS « MISSES », EXIBEM OS CONCEITUADOS MODELOS DE GERMAINE LECOMTE PARA A NOVA ESTAÇÃO ★ 60 MILHÕES EM JÓIAS PARA ÊSSE GRANDE «SHOW»









S DESFILA NO HOTEL GLÓRIA

Texto de LUÍS SODRÉ

Fotos de ALBERTO FERREIRA





LUXO, BOM GÔSTO E AUDÁCIA NO CORTE, EIS O QUE RESSALTOU

EXISTE o cinema americano, com Adrian e Edith Head; existe a moda italiana, tentando se impor através de revistas especializadas; existe o movimento da "moda brasileira", com José Ronaldo e Ruth Silveira. Mas Paris é sempre Paris, com Fath, Dior, Givenchy, Balmain, Schiaparelli, Balenciaga, ditando eternamente a moda para o mundo. Porque, sem dúvida alguma, os reis da tesoura continuam impondo seus figurinos Milhares de esboços são traçados e aprovados, tecidos novos são escolhidos e adotados, pequenas modificações vão sendo feitas. É a nova estação que se aproxima. Em Paris, agora, é primavera. E o mundo inteiro toma conhecimento disso, através da moda.

Germaine Lecomte, nome mundialmente conhecido da alta costura parisiense, movimentou sete de seus melhores modelos e partiu em "tournée" pela América Latina. Selecionou 200 vestidos caríssimos, contratou um joalheiro famoso (60 milhões em jóias), e aqui estêve, no Hotel Glória, fazendo desfilar





DERROTADAS AS SAIAS CURTAS DE DIOR. PARIS TEM SEMPRE UMA SURPRÊSA PARA CADA PRIMAVERA.

NOS 200 MODELOS APRESENTADOS

suas novas criações para a nova estação. Contrariou Dior e fêz descer as saias; fêz frente a Balenciaga e apresentou decotes tão (ou mais) audaciosos; descobriu a estamparia de estilo tropical e aboliu as fantasias, ornamentando seus manequins com caríssimas jóias. O seu desfile no Hotel Glória foi um acontecimento. Veio provar que a moda parisiense continua sendo a grande indústria de França — e que o seu prestígio dificilmente poderá ser abalado. O desfile no Glória, na semana passada, provou isso.

A AVENUE MANTIGNON DESCOBRE OS ESTAMPADOS TROPICAIS. E VÊM AINDA MAIS OUSADOS OS DECOTES DA «NOUVELLE LIGNE».













REPOUSO MATINAL: OS MANEQUINS DESFILAM SEM ROUPA





● Ao alto, da esquerda para a direita:, Git (dinamarquesa), Condessa De La Cour (francesa, Miss Elegância), Anne Marie (Miss Suécia), Ellinor (Miss Dinamarca), Odette (Miss Côte d'Azur), Armelle (francesa, Miss Simpatia) e Martine (francesa, Miss Manequim). Ao lado, à esquerda: Armelle e Anne Marie. Na página à direita, vemos Git.



CHAMPANHOTA

NOTAS

● *Em "avant-première" especial em homenagem à Imprensa, a "Canadá de Luxe" apresentou sua coleção 1954, fazendo desfilar modelos de Belmain, Jacques Fath, Hubert de Givenchay, Maggy Rouff, Cristian Dior e outros.*

Com a presença do presidente da A.B.I., sr. Herbert Moses, foram tomando seus lugares os representantes do setor sociedade (todos, com exceção de Jacinto de Thormes que estava no Peru), inclusive os srs. Cornélio Procópio e Sérvulo de Melo, que representaram São Paulo e Minas. Presentes ainda os srs. Horácio de Carvalho (com seu filho Horacinho), Roberto Marinho, Austregesilo de Athayde, Déa Cardim Correia do Lago (chegada há 4 dias de Paris) e os casais Sérgio Porto, Luís Pontual e Francisco Soyose Brasil.



O sempre inspirado Jean Dessés realizou êste vestido, que foi apresentado na abertura da estação de 54, pela Casa Canadá.

Sem dúvida, três ou quatro detalhes destacaram-se neste desfile: gravatas gigantescas e igualmente gigantescas echarpes que enfeitam os modêlos de Fath; as golas grandes e, principalmente de marinheiro, de Cristian Dior: os "gilets" de Wanguin e muitas outras originalidades criadas pelo espírito jovem (24 anos) de Hubert de Givenchay.

E todos os modelos foram desfilando com muito acêrto, já bastante bem orientados que estavam os "manequins" pelo sr. Zacharias Rego Monteiro e sra. Mene Fiale que foram muito eficientes e simpáticos introdutores. Desfilaram com a elegância de grande classe: Vânia, Helger, Viviane, Monique (Canadá) fêz muito bem em recontratá-la; é a melhor "manequin" para desfilar os jovens modelos de Givenchay), Maria Gracinda, Morine e Nicole. Sem dúvida, o vestido que fêz mais sucesso (se é que se pode destacar um só) foi "Art Moderne" de Fath. Houve um murmúrio quando êle desfilou. "Tom du Monde", de Dior, próprio para viagem recebeu quase igual consagração. No final da apresentação, o sr. Jack Pelicks, organizador de todo êste desfile de bom gôsto, recebeu contente os parabéns unânimes. Tudo isto sob o olhar alegre e amigo da elegantíssima sra. Pelicks.

● **A COPA COM A BOLA**

O próximo «show» que reabrirá as portas do «Grill» do Copacabana Palace continua sendo feito (embora já completamente imaginado por Caribé da Rocha e com o guarda-roupa já iniciado) com todo carinho e muito segrêdo. Agora, soubemos que foi contratada para dirigir a parte coreográfica a sra. Nina Verchinina, que foi primeira bailarina do «Ballet Russe» e coreógrafa em palcos de Paris, Londres etc.. Tudo muito bom, a fim de agradar ao exigentíssimo sr. Otávio Guinle. Para fins de maio.

● **MAIS DE CARACAS**

Um jornal venezuelano, com evidente intenção de fazer maldade, disse que o sr. Vicente Rao ao se dirigir à piscina era muito admirado por várias mulheres — e acrescentava — inclusive as 50 secretárias brasileiras. Esta foi uma das muitas «gracinhas» que tivemos de engolir.

● **O COPA NOVAMENTE**

Estreou sexta-feira a cantora francesa, Noelle Norman, com um gênero completamente diferente de tudo que já vi até hoje e um repertório respeitável. Foi artista de teatro e já fêz vários filmes, tudo em Paris. É uma beleza de mulher; calada mesmo faz a gente querer bem.

● **OS NOVOS ROMANCES**

A filha do embaixador Carlos Martins, Nora, «Miss Nações Unidas» e ex-Princesa de Boudoin Borgh Bozas, está tratando dos papéis de casamento com o sr. Silvério Ceglia, na Rue Boitie, em Paris.

★

Fala-se da possibilidade matrimonial, para breve, do ministro Nero Moura com a irmã de uma das dez mulheres mais elegantes da lista de Jacinto de Thormes, srta. Magda Leite, irmã da sra. Didu Campos. Dizem que dois senhores ficaram muito tristes com a notícia, principalmente um que é muito conhecido pelo automóvel que tem, com aros de arame.

● **FÊZ ANIVERSÁRIO**

No dia 27 de março fêz anos e foi registrado por quase todos os jornais desta Capital, o sr. Vilobaldo Machado de Sousa Campos, atual diretor da Carteira de Crédito Geral do Banco do Brasil. O senhor Vilobaldo, além de decano daquele estabelecimento bancário e ex-parlamentar, é pessoa de destaque das sociedades carioca e baiana (baiano de nascimento), já tendo exercido o cargo de secretário da Fazenda.

● **«GOOD BYE»**

Os srs. Oide Silva Araújo e Eurico Campos ofereceram um «cock-tail» na Hípica dias antes de embarcarem no «Julius Cesare», com destino à Europa. Foram abraçar os viajantes: sr. e sra. Frói da Cunha, sr. e sra. Rangel, sr. e sra. Alfredo Tomé, sr. e sra. Mauro Freitas, e srs. Othon Bezerra de Melo, Napoleão Alencastro Guimarães, Jorge Rodrigues de Oliveira, Mário de Oliveira Filho.

● **COMO DEMORA...**

Ainda que você peça macarrão, aquêle restaurante de Copacabana faz o freguês esperar tanto que êle tem a impressão de que vai pagar galo. Sim, só um galo velho demora tanto tempo para cozinhar. Trata-se do pior serviço do mundo.

● **BUENOS AIRES**

A srta. Teresinha Austregésilo, revelação teatral não me lembro de que ano, estava de planos feitos para seguir em abril com destino a Roma onde pretendia fazer um curso na Academia de Arte Dramática. Acontece, porém, que Teresinha havia se esquecido de um contrato que firmara com produtores argentinos para filmar naquele país. Semana passada, estava descansando em casa depois do jantar, quando chegaram os produtores ; no dia seguinte, aterrisou em Buenos Aires, onde se acha.

Em qualquer ponto do Brasil
ouça

DORIVAL CAYMMI
têrças, às 20 horas

ISAURINHA GARCIA
quartas, às 21,35

ARY BARROSO
sextas, às 21,35

ARACI DE ALMEIDA
sábados, às 21,35

ALMIRANTE
sextas, às 20,35
sábados, às 21 h.
domingos, às 19 h.



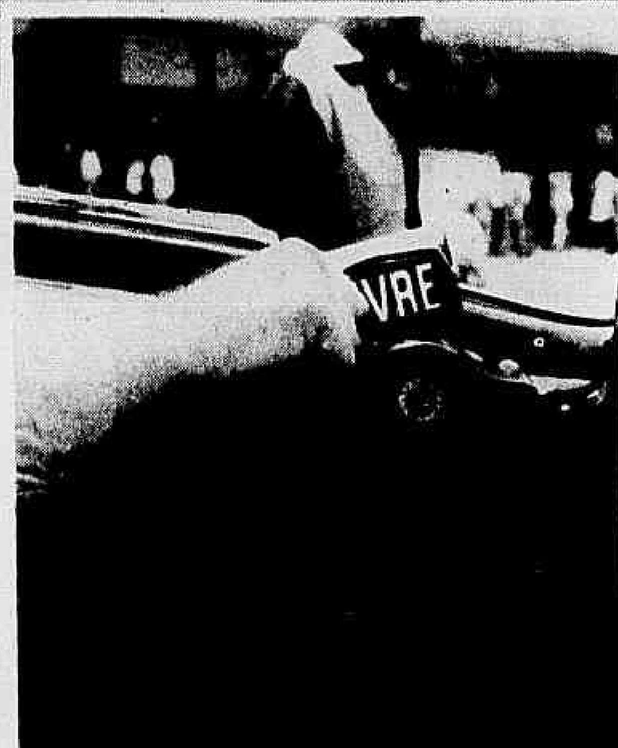
RÁDIO RECORD
DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19,31 e 49 metros



UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

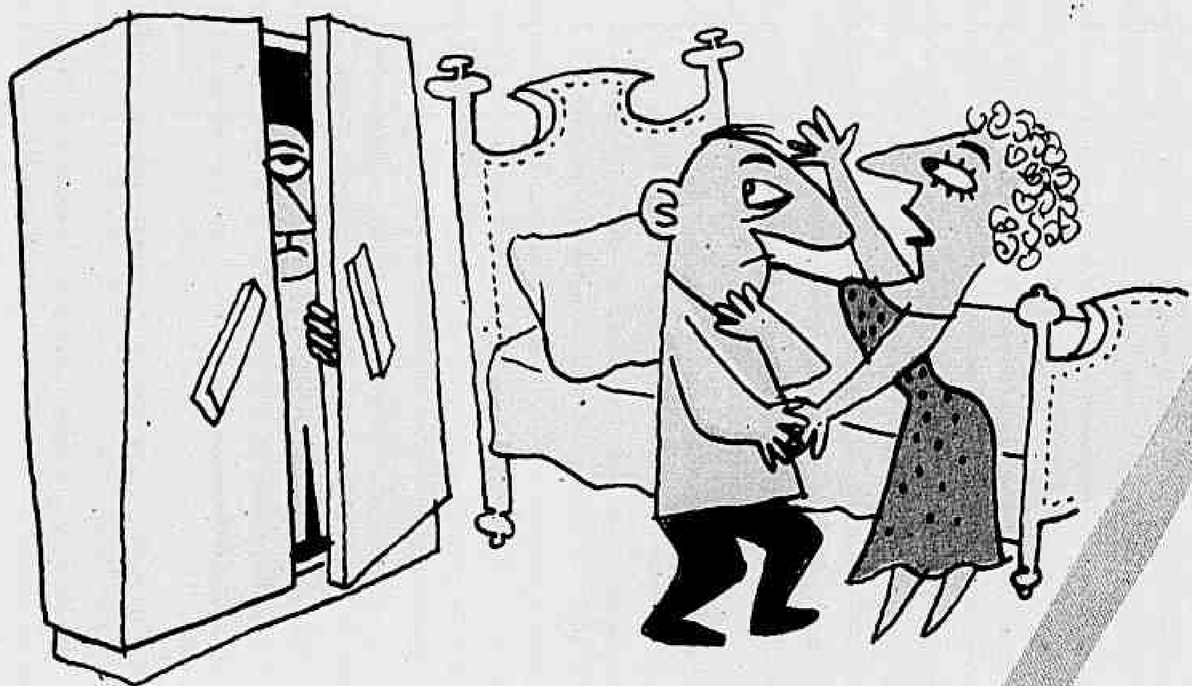




ÚLTIMO FLASH

CHUVA CEMITÉRIO DOS PEDESTRES

● Quando chove, o Rio de Janeiro transforma-se num verdadeiro cemitério: os túmulos são táxis que ficam inteiramente imóveis nos pontos. Os passageiros aflitos, alguns chorando, rodeiam as tumbas e lêem o epitáfio definitivo: «ocupado». No dia 1º de abril, noite chuvosa, o Largo da Carioca tinha cinco jazigos numerados: 5-56-94, 4-47-65, 5-43-40, 4-59-46 e 5-10-00| Os coveiros explicavam muito cinicamente que nada podiam fazer, que aquelas tumbas estavam tomadas. Algum passageiro mais afoito, resolvia então entrar de qualquer maneira, a bandeirinha do táxi descia e um novo epitáfio surgia: «livre». Deus sabe lá a que preço exorbitante. E, por incrível que pareça, nesta cidade maravilhosa, os mortos ainda mandam muito mais que os vivos.



ÊLE — Tem um sujeito dentro do armário.
ELA — E' meu marido. Êle tem a mania de ficar esperando os que vão se esconder ali.

MARYLIN MONROE, EIS UMA PEQUENA QUE MARCOU ÉPOCA. FÊZ UM CALENDÁRIO.

CUCO

leon eliachão

Uma seção meio pancada

Assinatura do autor, encerando a casa.

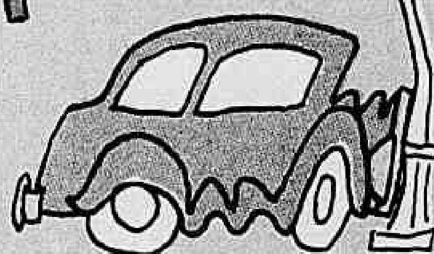
Ilustrado por PIQUI'

UM BOM ATOR É O QUE FALA SUFICIENTEMENTE ALTO PARA QUE O PÚBLICO NÃO OUÇA O PONTO.

NÃO COMPREENDO...

... porque certas pessoas ficam na rua horas e horas olhando a entrada do baile e quando chegam lá dentro ficam na varanda olhando para a rua.

O TRÁFEGO



Conclusões após 50.000 quilômetros de observação.

No Rio de Janeiro, o motorista nunca vê os buracos. Sente-os.

Como os motoristas vêem os **SINAIS LUMINOSOS**

Verde — Trânsito livre, vou acelerar.

Amarelo — O sinal vai fechar, vou passar antes que aquêle "cara" da esquina passe.

Vermelho — Vou avançar para não correr o risco do carro de trás me bater.

PONTOS DE VISTA

IMBECIL é êsse sujeito que nunca concorda conosco ou então concorda sempre.

●

POSTE ELÉTRICO é essa coisa que é sempre colocada nos cantos mais escuros da cidade.

Dizia o marido irritado para a espôsa:

NÃO FAÇO, NÃO
FAÇO, NÃO FAÇO
NÃO FAÇO, NÃO
FAÇO, NÃO FAÇO, NÃO
FAÇO, NÃO FAÇO, NÃO FAÇO,
não faço, não faço, não faço,
não faço, não faço, não faço, não faço.

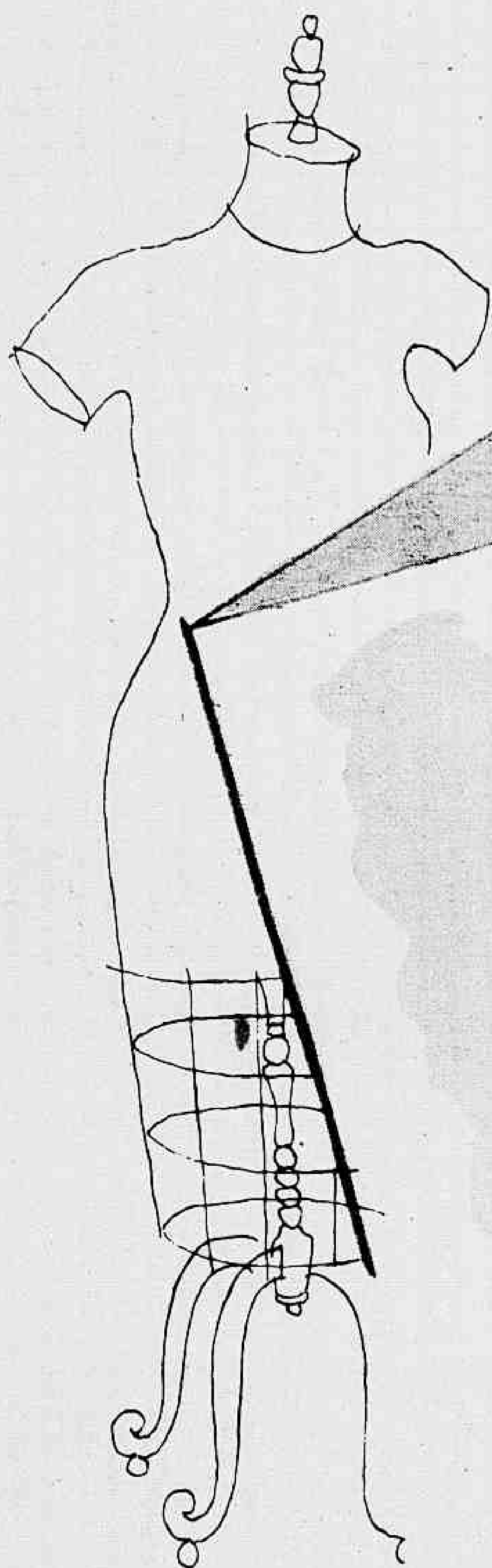




UM — Só me casarei no dia em que encontrar uma mulher que seja alta, fina, branca, que seja sólida, que viva no centro de todos os acontecimentos, e enfim bela do ponto de vista artístico e além de tudo bem simples.
OUTRO — Você não quer uma mulher — o que você quer é um obelisco.



Um trote no leitor



"modista"...

... é aquela que, na confecção de belos vestidos, reune à sua arte o mais apurado bom gôsto. Êsse mesmo bom gôsto é que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.265

UM PRODUTO SOUZA CRUZ